

HILDA HILST

OBRA POÉTICA REUNIDA (1950 - 1996)

Organização: Edson Costa Duarte

Hilda Hilst

OBRA POÉTICA REUNIDA (1950-1996)

Casa do Sol

A ilustração da capa.....

FICHA CATALORÁFICA ELABORADA POR
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Hilst, Hilda

H00x Poesia reunida / Hilda Hilst-- CIDADE, ESTADO: Editora da
Universidade XXXXX, 1998.

1. Hilst, Hilda, 1930 - /// - Literatura Brasileira séc. XX
2. Ficção Brasileira. I. Universidade XXXXXXXXXXXXXXX
II. Título.

00.XXX - B869.000
B 869.00

ISBN 00-000-000-0 (Editora XXXXXXXXXXXX)

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritor Brasileiro - Obra Reunida B869.000
2. Ficção Brasileira B869.00

Copyright © 1998 Hilda Hilst

Editora XXXXXXXXX

Endereço XXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Tel: (000) 0000000000 / Fax (000) 00000000

Sumário

Cantares do Sem Nome e de Partidas (1995).....	5
Do desejo (1992).....	14
Do desejo (1992).....	15
Da noite (1992).....	20
Amavisse (1989).....	24
Via Espessa.....	35
Via Vazia.....	42
Alcoólicas (1989).....	46
Sobre a Tua Grande Face (1986).....	51
Poemas malditos gozosos e devotos (1984).....	
Cantares da perda e predileção (1983).....	74
Da morte. Odes mínimas (1979).....	
- Tempo Morte.....	
- À Tua Frente. Em vaidade.....	
Júbilo Memória Noviciado da Paixão (1974).....	
- Dez chamamentos ao amigo.....	
- O poeta inventa viagem, retorno e morre de saudade.....	
- Moderato cantabile.....	
- Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio.....	

- Prelúdios-Intensos para os desmemoriados do amor.....
- Árias pequenas. Para bandolim.....
- Ária única, turbulenta.....
- Poemas aos Homens do nosso tempo.....
- Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria
de Araújo (1967).....
- Corpo de Terra.....
- Corpo de luz.....
- Exercícios para uma idéia (1967).....
- Trajectoria poética do ser (1963-1966).....
- Passeio.....
- Memória.....
- Odes maiores ao pai.....
- Iniciação do poeta.....
- Sete cantos do poeta para o anjo (1962).....
- Ode fragmentária (1961).....
- Bucólicas.....
- Testamento lírico.....
-
- Heróicas.....
- Trovas de muito amor para um amado senhor (1960).....
- Roteiro do Silêncio (1959).....
- Cinco elegias.....
- Sonetos que não são.....
- Do amor contente e muito descontente.....
- Balada do festival (1955).....
- Balada de Alzira (1951).....
- Presságio (1950).....

CANTARES DO SEM-NOME E DE PARTIDAS

(1995)

A André Pinotti
e à memória de
Mirella Pinotti

*Ó tirânico Amor, ó caso vário
Que obrigas um querer que sempre seja
De si contínuo e áspero adversário...*

Luiz Vaz de Camões

*Cubram-lhe o rosto, meus olhos ofuscam-se;
ela morreu jovem.*

John Webster

I

Que este amor não me cegue nem me siga.
E de mim mesma nunca se aperceba.
Que me exclua do estar sendo perseguida
E do tormento
De só por ele me saber estar sendo.
Que o olhar não se perca nas tulipas
Pois formas tão perfeitas de beleza
Vêm do fulgor das trevas.
E o meu Senhor habita o rutilante escuro
De um suposto de heras em alto muro.

Que este amor só me faça descontente
E farta de fadigas. E de fragilidades tantas
Eu me faça pequena. E diminuta e tenra
Como só soem ser aranhas e formigas.

Que este amor só me veja de partida.

II

E só me veja

No não merecimento das conquistas.
De pé. Nas plataformas, nas escadas
Ou através de umas janelas baças:
Uma mulher no trem: perfil desabitado de carícias.
E só me veja no não merecimento e interdita:
Papéis, valises, tomos, sobretudos

Eu-alguém travestida de luto. (E um olhar
de púrpura e desgosto, vendo através de mim
navios e dorsos).

Dorsos de luz de águas mais profundas. Peixes.
Mas sobre mim, intensas,ilhargas juvenis
Machucadas de gozo.

E que jamais perceba *o rocio* da chama:
Este molhado fulgor sobre o meu rosto.

III

Isso de mim que anseia desepedida
(Para perpetuar o que está sendo)
Não tem nome de amor. Nem é celeste
Ou terreno. Isso de mim é marulhoso
E tenro. Dançarino também. Isso de mim
É novo: Como quem come o que nada contém.
A impossível oquidão de um ovo.

Como se um tigre
Reversivo,
Veemente de seu avesso
Cantasse mansamente.

Não tem nome de amor. Nem se parece a mim.
Como pode ser isto? Ser tenro, marulhoso
Dançarino e novo, ter nome de ninguém
E preferir ausência e desconforto
Para guardar no eterno o coração do outro.

IV

E por que, também não doloso e penitente?
Dolo pode ser punhal. E astúcia, logro.
E isso sem nome, o despedir-se sempre
Tem muito de sedução, armadilhas, minúcias
Isso sem nome fere e faz feridas.
Penitente e algoz:
Como se só na morte abraçasses a vida.

É pomposo e pungente. Com ares de santidade
Odores de cortesã, pode ser carmelita
Ou Catarina, ser menina ou malsã.

Penitente e doloso
Pode ser o sumo de um instante.
Pode ser tu-outro pretendido, teu adeus, tua sorte.
Fêmea-rapaz, ISSO sem nome pode ser um todo

Que só se ajusta ao Nunca. Ao Nunca Mais.

V

O Nunca Mais não é verdade.
Há ilusões e assomos, há repentos
De perpetuar a Duração.
O Nunca Mais é só meia-verdade:
Como se visses a ave entre a folhagem
E ao mesmo tempo não
(E antevisses
Contentamento e morte na paisagem).

O Nunca Mais é de planícies e fendas.
É de abismos e arroyos.
É de perpetuidade no que pensas efêmero
E breve e pequenino
No que sentes eterno.

Nem é corvo ou poema o Nunca Mais.

VI

Tem nome veemente. O Nunca Mais tem fome.
De formosura, desgosto, ri
E chora. Um tigre passeia o Nunca Mais
Sobre as paredes do gozo. Um tigre te persegue.

E perseguido és novo, devastado e outro.
Pensas comicidade no que é breve: paixão?
Há de se diluir. Molhaduras, lençóis
E de fartar-se,
O nojo. Mas não. Atado à tua própria envoltura
Manchado de quimeras, passeias teu costado.

O Nunca Mais é a fera.

VII

Rios de rumor: meu peito te dizendo adeus.
Aldeia é o que sou. Aldeã de conceitos
Porque me fiz tanto de ressentimentos
Que o melhor é partir. E te mandar escritos.
Rios de rumor no peito: que te viram subir
A colina de alfafas, sem éguas e sem cabras
Mas com a mulher, aquela,
Que sempre diante dela me soube tão pequena.
Sabenças? Esqueci-as. Livros? Perdi-os.
Perdi-me tanto em ti
Que quando estou contigo não sou vista
E quando estás comigo vêem aquela.

VIII

Aquela que não te pertence por mais queira
(Porque ser pertencente)

É entregar a alma a uma Cara, a de áspide
Escura e clara, negra e transparente), Ai!
Saber-se pertencente é ter mais nada.
É ter tudo também.
É como ter o rio, aquele que deságua
Nas infinitas águas de um sem-fim de ninguéns.
Aquela que não te pertence não tem corpo.
Porque corpo é um conceito suposto de matéria
E finito. E aquela é luz. E etérea.

Pertencente é não ter rosto. É ser amante
De um Outro que nem nome tem. Não é Deus nem Satã.
Não temilharga ou osso. Fende sem ofender.
É vida e ferida ao mesmo tempo, “ESSE”
Que bem me sabe inteira pertencida.

IX

Ilharga, osso, algumas vezes é tudo o que se tem.
Pensas de carne a ilha, e majestoso o osso.
E pensas maravilha quando pensas anca
Quando pensas virilha pensas gozo.
Mas tudo mais falece quando pensas tardança
E te despedes.
E quando pensas breve
Teu balbucio trêmulo, teu texto-desengano
Que te espia, e espia o pouco tempo te rondando a ilha.
E quando pensas VIDA QUE ESMORECE. E retomas
Luta, ascese, e as mós do tempo vão triturando

Tua esmaltada garganta... Mas assim mesmo
Canta! Ainda que se desfaçam ilhargas, trilhas...
Canta o começo e o fim. Como se fosse verdade
A esperança.

X

Como se fosse verdade encantações, poemas
Como se Aquele ouvisse arrebatado
Teus cantares de louca, as cantigas da pena.
Como se a cada noite de ti se despedisses
Com colibris na boca.
E candeias e frutos, como se fosses amante
E estivesses de luto, e Ele, o Pai
Te fizesse porisso adormecer...
(Como se se apiedasse porque humana
És apenas poeira,
E Ele o grande Tecelão da tua morte: a teia).

Como se fosse vão te amar e por isso perfeito.
Amar o perecível, o nada, o pó, é sempre despedir-se.
E não é Ele, o Fazedor, o Artífice, o Cego
O Seguidor disso sem nome? ISSO...

O amor e sua fome.

Do Desejo (1992)

À memória de
Apolonio de Almeida Prado Hilst
meu pai

Do Desejo

Quem és? Perguntei ao desejo.
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.

I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.
Pensei subidas onde não havia rastros.
Extasiada, fodo contigo
Ao invés de ganhar diante do Nada.

II

Ver-te. Tocar-te. Que fulgor de máscaras.
Que desenhos e rictus na tua cara
Como os frisos veementes dos tapetes antigos.
Que sombrio te tornas se repito
O sinuoso caminho que persigo: um desejo
Sem dono, um adorar-te vívido mas livre.
E que escura me faço se abocanhas de mim
Palavras e resíduos. Me vêm fomes
Agonias de grandes espessuras, embaçadas luas
Facas, tempestade. Ver-te. Tocar-te.
Cordura.
Crueldade.

III

Colada à tua boca a minha desordem.
O meu vasto querer.
O impossível se fazendo ordem.
Colada à tua boca, mas descomedida
Árdua
Construtor de ilusões examino-te sôfrega
Como se fosses morrer colado à minha boca.
Como se fosse nascer
E tu fosses o dia magnânimo
Eu te sorvo extremada à luz do amanhecer.

IV

Se eu disser que vi um pássaro
Sobre o teu sexo, deverias crer?
E se não for verdade, em nada mudará o Universo.
Se eu disser que o desejo é Eternidade
Porque o instante arde interminável
Deverias crer? E se não for verdade
Tantos o disseram que talvez possa ser.
No desejo nos vêm sofomanias, adornos
Impudência, pejo. E agora digo que há um pássaro
Voando sobre o Tejo. Por que não posso
Pontilhar de inocência e poesia

Ossos, sangue, carne, o agora
E tudo isso em nós que se fará disforme?

V

Existe a noite, e existe o breu.
Noite é o velado coração de Deus
Esse que por pudor não mais procuro.
Breu é quando tu te afastas ou dizes
Que viajas, e um sol de gelo
Petrifica-me a cara e desobriga-me
De fidelidade e de conjura. O desejo
Esse da carne, a mim não me faz medo.
Assim como me veio, também não me avassala.
Sabes por quê? Lutei com Aquele.
E dele também não fui lacaia.

VI

Aquele Outro não via minha muita amplidão.
Nada LHE bastava. Nem ígneas cantigas.
E agora vã, te pareço soberba, magnífica
E fodes como quem morre a última conquista
E ardes como desejei arder de santidade.
(E há luz na tua carne e tu palpitas.)

Ah, porque me vejo vasta e inflexível
Desejando um desejo vizinhante
De uma Fome irada e obsessiva?

VII

Lembra-te que há um querer doloroso
E de fastio a que chamam de amor.
E outro de tulipas e de espelhos
Licencioso, indigno, a que chamam desejo.
Há o caminhar um descaminho, um arrastar-se
Em direção aos ventos, aos açoites
E um único extraordinário turbilhão.
Porque me queres sempre nos espelhos
Naquele descaminhar, no pó dos impossíveis
Se só me quero viva nas tuas veias?

VIII

Se te ausentas há paredes em mim.
Friez de ruas duras
E um desvanecimento trêmulo de avencas.
Então me amas? te pões a perguntar.
E eu repito que há paredes, friez
Há ,olimentos, e nem por isso há chama.
DESEJO é um Todo lustroso de carícias
Uma boca sem forma, em Caracol de Fogo.
DESEJO é uma palavra com a vivez do sangue

E outra com a ferocidade de Um só Amante.
DESEJO é Outro. Voragem que me habita.

IX

E por que haverias de querer minha alma
Na tua cama?
Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas
Obscenas, porque era assim que gostávamos.
Mas não menti gozo prazer lascívia
Nem omiti que a alma está além, buscando
Aquele Outro. E te repito: por que haverias
De querer minha alma na tua cama?
Jubila-te da memória de coitos e acertos.
Ou tenta-me de novo. Obriga-me.

X

Pulsas como se fossem de carne as borboletas.
E o que vem a ser isso? perguntas.
Digo que assim há de começar o meu poema.
Então te queixas que nunca estou contigo
Que de improviso lanço versos ao ar
Ou falo de pinheiros escoceses, aqueles
Que apetecia a Talleyrand cuidar.
Ou ainda quando grito ou desfaleço
Advinhas sorrisos, códigos, conluios
Dizes que os devo ter nos meus avessos.

Pois pode ser.

Para pensar o Outro, eu deliro ou versejo.

Pensá-LO é gozo. Então não sabes? INCORPÓREO É O DESEJO.

DA NOITE

I

Vi as éguas da noite galopando entre as vinhas
E buscando meus sonhos. Eram soberbas, altas.
Algumas tinham manchas azuladas
E o dorso reluzia igual à noite
E as manhas morriam
Debaixo de suas patas encarnadas.

Vi-as sorvendo as uvas que pendiam
E os beiços eram negros e orvalhados.
Uníssonas, resfolegavam.

Vi as éguas da noite entre os escombros
Da paisagem que fui. Vi sombras, elfos e ciladas.
Laços de pedra e palha entre as alfombras
E vasto, um poço engolindo meu nome e meu retrato.

Vi-as tumultuadas. Intensas.
E numa delas, insone, me vi.

II

Que canto há de cantar o que perdura?
A sombra, o sonho, o labirinto, o caos
A vertigem de ser, a asa, o grito.
Que mitos, meu amor, entre os lençóis:
O que tu pensas gozo é tão finito
E o que pensas amor é muito mais.

Como cobrir-te de pássaros e plumas
E ao mesmo tempo te dizer adeus
Porque imperfeito és carne e perecível

E o que eu desejo é luz e imaterial.

Que canto há de cantar o indefinível?
O toque sem tocar, o olhar sem ver
A alma, amor, entrelaçada dos indescritíveis.
Como te amar, sem nunca merecer?

III

Vem dos vales a voz. Do poço.
Dos penhascos. Vem funda e fria
Amolecida e terna, anêmonas que vi:
Corfu. No mar Egeu. Em Creta.
Vem revestida às vezes de aspereza
Vem com brilhos de dor e madrepérola
Mas ressoa cruel e abjeta
Se me proponho ouvir. Vem do Nada.
Dos vínculos desfeitos. Vem do Nada.
Dos vínculos desfeitos. Vem dos ressentimentos.
E sibilante e lisa
Se faz paixão, serpente, e nos habita.

IV

Dirás que sonho o dementado sonho de um poeta
Se digo que me vi em outras vidas
Entre claustros, pássaros, de marfim uns barcos?
Dirás que sonho uma rainha persa
Se digo que me vi dolente e inaudita
Entre amoras negras, nêsperas, sempre-vivas?
Mas não. Alguém gritava: acorda, acorda Vida.
E se te digo que estavas a meu lado
E eloqüente e amante e de palavras ávido
Dirás que menti? Mas não. Alguém gritava:
Palavras... apenas sons e areia. Acorda.
Acorda Vida.

V

Águas. Onde só os tigres mitigam a sua sede.
Também eu em ti, feroz, encantoada
Atravessei as cercaduras raras
E me fiz máscara, mulher e conjetura.
Águas que não bebi. Crespusculares. Cavas.
Códigos que decifrei e onde me vi mil vezes
Inconexa, parca. Ah, toma-me de novo
Antiquíssima, nova. Como se fosses o tigre
A beber daquelas águas.

VI

O que é a carne? O que é esse Isso
Que recobre o osso
Este novelo liso e convulso
Esta desordem de prazer e atrito
Este caos de dor dobre o pastoso.
A carne. Não sei este Isso.

O que é o osso? Este viço luzente
Desejoso de envoltório e terra.
Luzidio rosto.
Ossos. Carne. Dois Issos sem nome.

VII

Dunas e cabras. E minha alma voltada
Para o fosco profundo da Tua Cara.
Passeio meu caminho de pedra, leite e pêlo.
Sou isto: um alguém-nada que te busca.
Um casco. Um cheiro. Esvazia-me de perguntas.
De roteiro. Que eu apenas suba.

VIII

Costuro o infinito sobre o peito.
E no entanto sou água fugidia e amarga.
e sou crível e antiga como aquilo que vês:

Pedras, frontões no Todo inamovível.
Terrena, me adivinho montanha algumas vezes.
Recente, inumana, inexprimível
Costuro o infinito sobre o peito
Como aqueles que amam.

IX

Penso linhos e unguentos
Para o coração machucado de Tempo.
Penso bilhas e pátios
Pela comoção de contemplá-los.
(E de te ver ali
À luz da geometria de teus atos)
Penso-te
Pensando-me em agonia. E não estou.
Estou apenas densa
Recolhendo aroma, passo
O refulgente de ti que me restou.

X

Que te demores, que me persigas
Como alguns perseguem as tulipas
Para prover o esquecimento de si.
Que te demores
Cobrindo-me de sumos e de tintas
Na minha noite de fomes.

Reflete-me. Sou teu destino e poente.
Dorme.

AMAVISSE

À memória de Ernest Becker
À memória de Vladimir Jankelevitch

...ter um dia amado (*amavisse*)

Vladimir Jankelevitch

Porco-poeta que me sei, na cegueira, no charco
À espera da Tua Fome, permita-me a pergunta
Senhor dos porcos e de homens:
Ouviste acaso, ou te foi familiar
Um verbo que nos baixios daqui muito se ouve
O verbo amar?

Porque na cegueira, no charco
Na trama dos vocábulos
Na decantada lâmina enterrada
Na minha axila de pêlos e de carne
Na esteira de palha que me envolve a alma

Do verbo apenas entrevi o contorno breve:
É coisa de morrer e de matar mas tem som de sorriso.
Sangra, estilhaça, devora, e por isso
De entender-lhe o cerne não me foi dada a hora.

É verbo?
Ou sobrenome de um deus prenhe de humor?

Na périplo aventura da conquista?

I

Carrega-me contigo, Pássaro-Poesia
Quando cruzares o Amanhã, a luz, o impossível
Porque de barro e palha tem sido esta viagem
Que faço a sós comigo. Isenta de traçado
Ou de complicada geografia, sem nenhuma bagagem
Hei de levar apenas a vertigem e a fé:
Para teu corpo de luz, dois fardos breves.
Deixarei palavras e cantigas. E movediças
Embaçadas vias de Ilusão.
Não cantei cotidianos. Só cantei a ti
Pássaro-Poesia
E a paisagem-limite: o fosso, o extremo
A convulsão do Homem.

Carrega-me contigo.
No Amanhã.

II

Como se perdesse, assim te quero.
Como se não te visse (favas douradas
Sob um amarelo) assim te apreendo brusco
Inamovível, e te respiro inteiro

Um arco-íris de ar em águas profundas.

Como se fosse tudo o mais me permitisses,
A mim me fotografo nuns portões de ferro
Ocres, altos, e eu mesma diluída e mínima
No dissoluto de toda despedida.

Como se te perdesse nos trens, nas estações
Ou contornando um círculo de águas
Removente ave, assim te somo a mim:
De redes e de anseios inundada.

III

De uma fome de afagos, tigres baços
Vêm se juntar a mim na noite oca.
E eu mesma estilhaçada, prenhe de solidões
Tento voltar à luz que me foi dada
E sobreponho as mãos nas veludas patas.

De uma fome de sonhos
Tento voltar àquelas geografias

De um Fazedor de versos e sua estada.
Memorizo este ser que me sou

E sobre os fulcros dentes, ali
É que passeio e deslizo a minha fome.

Então se aquietam de pura madrugada
Meus tigres de ferrugem. As garras recolhidas
Como se mesmo amorte os excluísse.

IV

Se chegarem as gentes, diga que vivo o meu avesso.
Que há um vivaz escarlata
Sobre o peito de antes palidez, e linhos faiscantes
Sobre as magras ancas, e inquietantes cardumes
Sobre os pés. Que a boca não se vê, nem se ouve a palavra

Mas há fonemas sílabas sufixos diagramas
Contornando o meu quarto de fundo sem começo.
Que a mulher parecia adequada numa noite de antes
E amanheceu como se vivesse sob as águas. Crispada.
Flutissonante.

Diga-lhes principalmente
Que há um oco fulgente num todo escancarado.
E um negrume de traço nas paredes de cal
Onde a mulher-avesso se meteu.
Que ela não está neste domingo à tarde, apropriada.

E que tomou algália
E gritou às galinhas que falou com Deus.

V

As maçãs ao relento. Duas. E o viscoso
Do Tempo sobre a boca e a hora. As maçãs
Deixa-as para quem devora esta agonia crua:
Meu instante de penumbra salivosa.

As maçãs comi-as como quem namora. Tocando
Longamente a pele nua. Depois mordi a carne
De maçãs e sonhos: sua alvura porosa.

E deitei-me como quem sabe o Tempo e o vermelho:
Brevidade de um passo no passeio.

VI

Que as barcaças do Tempo me devolvam
A primitiva urna de palavras.
Que me devolvam a ti e o teu rosto
Como desde sempre o conheci: pungente
Mas cintilando de vida, renovado
Como se o sol e o rosto caminhassem
Porque vinha de um a luz do outro.

Que me devolvam a noite, o espaço

De me sentir tão vasta e pertencida
Como se as águas e madeiras de todas as barcaças
Se fizessem matéria rediviva, adolescência e mito.

Que eu te devolva a fome do meu primeiro grito.

VII

Aquele fino traço de colina
Quero trancar na cancela
Da alma. Alimento e medida
Para as muitas vidas do depois.

Curva de um devaneio inantigido
Um todo estendido adolescente
Aquele fino traço da colina
Há de viver na paisagem da mente

Como a distância habita em certos pássaros
Como o poeta habita nas ardências.

VIII

Guardo-vos manhãs de terracota e azul
Quando o meu peito tingido de vermelho

Vivia a dissolvência da paixão.
O capim calcinado das queimadas
Tinha o cheiro da vida, e os atalhos
Estreitos tinham tudo a ver com o desmedido
E as águas do universo se faziam parcas
Para afogar meu verso. Guardo-vos, iluminadas
Recedentes manhãs tão irreais no hoje
Como fazer nascer girassóis no topázio
E dos rubis, romãs.

IX

Amor chagado, de púrpura, de desejo
Pontilhado. Volto à seiva de cordas
Da guitarra, e recheio de sons o teu jazigo.
Volto empoeirada de vestígios, arvoredos de ouro
Do que fomos, gotas de sal na planície do olvido
Para recender a tua fome.
Amor de sombras de ocasos e de ovelhas.
Volto como quem soma a vida inteira
A todos os outonos. Volto novíssima, incoerente
Cógnita
Como quem vê e escuta o cerne da semente
E da altura de dentro já lhe sabe o nome.

E reverdeço
No rosa de umas tangerinas
E nos azuis de todos os começos.

X

Há um incêndio de angústia e de sons
Sobre os instantos. E no corpo da tarde
Se fez uma ferida. A mulher emergiu
Descompassada no de dentro da outra:
Uma mulher de mim nos incêndios do Nada.
Tinha o dorso de uns rios: quebradiço
E terroso. O peito carregado de ametistas.
Uma mulher me viu no roxo das ciladas:
Esculpindo de novo teu rosto no vazio.

XI

Os ponteiros de anil no esguio das águas.
Tua sombra azulada repensando os rios
E agudíssimas horas atravessando o leito
Das barcaças.
Tem sido noite extrema. Finos fios
Sulcando de sangue as esperanças.

Os ponteiros de anil. Nossas duas vidas
Devastadas, num lago de janeiros.

XII

Se tivesse madeira e ilusões
Faria um barco e pensaria o arco-íris.
Se te pensasse, amigo, a Terra toda
Seria de saliva e de chegada.
Te moldaria numa carne de antes
Sem nome ou Paraíso.

Se me pensasses, Vida, que matéria
Que cores para minha possível sobrevida?

XIII

Extrema, toco-te o rosto. De ti me vem
À ponta dos meus dedos o ouro da volúpia
E o encantado glabro das avencas. De ti me vem
A noite tingida de matizes, flutuante
De mitos e de águas. Inaudita.
Extrema, toco-te a boca como quem precisa
Sustentar o fogo para a própria vida.
E úmido de cio, de inocência,
É à saudade de mim que me condenas.

Extrema, inomeada, toco-me a mim.
Antes, tão memória. E tão jovem agora.

XIV

um fado para guitarra

Outeiros, átrios, pombas e vindimas.
Em algum tempo
Vivi a eternidade dessas rimas.
Pastora, entre os animais é que cresci. E lhes pensava
O pêlo e a formosura. Senhora, tive a casa
Daqueles da minha raça. Agrandados vestíbulos
E aves e pomares, e por fidelidade pereci.
De humildes aldeias e de casas grandes
Translitei entre as vidas. Depois amei
Extremante e soturna. A quem me amava matei.
Porisso nesta vida temo o amor e facas.
Porisso nesta vida

Canto canções assim tão compassivas
Na língua esquecida.

XV

Paliçadas e juncos
E agudos gritos de um pássaro nos alagadiços.
Tem sido este o tempo de prenúncios.

Tecida de carmim no traçado das horas
A vida se refaz:
Um risco de sorriso nos olhos luminosos
Um ter visto

O traçado do extenso no inatingível Paraíso.

e de novo, no instante
Paliçadas e juncos.
E agudos gritos de um pássaro nos alagadiços.

XVI

Devo viver entre os homens
Se sou mais pêlo, mais dor
Menos garra e menos carne humana?
e não tendo armadura
E tendo quase muito de cordeiro
E quase nada de mão que empunha a faca
Devo continuar a caminhada?

Devo continuar a te dizer palavras
Se a poesia apodrece
Entre as ruínas da Casa que é a tua alma?
Ai, Luz que permanece no meu corpo e cara:
Como foi que desaprendi de ser humana?

XVII

As barcas afundadas. Cintilantes
Sob o rio. E é assim o poema. Cintilante
E obscura barca ardendo sob as águas.
Palavras eu as fiz nascer

Dentro da tua garganta.
Úmidas algumas, de transparente raiz:
Um molhado de línguas e de dentes.
Outras de geometria. Finas, angulosas
Como são as tuas
Quando falam de poetas, de poesia.

As barcas afundadas. Minhas palavras.
Mas poderão arder luas de eternidade.
E douradas, de ironia as tuas
Só através da minha vida vão viver.

XVIII

Será que apreendo a morte
Perdendo-me a cada dia
No patamar sem fim do sentimento?
Ou quem sabe apreendo a vida
Escurecendo anárquica na tarde
Ou se pudesse
Tomar para o meu peito a vastidão
O caminho dos ventos
O descomedimento da contiga.

Será que apreendo a sorte
Entrelaçando a cinza do morrer
Ao sêmen da tua vida?

XIX

Empoçada de instantes, cresce a noite
Descosendo as falas. Um poema entre-muros
Quer nascer, de carne jubilosa
E longo corpo escuro. Pergunro-me
Se a perfeição não seria o não dizer
E deixar aquietadas as palavras
Nos noturnos desvãos. Um poema pulsante

Ainda que imperfeito quer nascer.

Estando sobre a mesa o grande corpo
Envolto na sua bruma. Expiro amor e ar
Sobre as suas ventas. Nasce intensa
E luzente a minha cria
No azulecer da tinta e à luz do dia.

XX

De grossos muros, de folhas machucadas
É que caminham as gentes pelas ruas.
De dolorido sumo e de duras frentes
É que são feitas as caras. Ai, Tempo

Entardecido de sons que não compreendo
Olhares que se fazem bofetadas, passos
Cavados, fundos, vindos de um alto poço
De um sinistro Nada. E bocas tortuosas

Sem palavras.

E o que há de ser da minha boca de inventos
Neste entender. E o do ouro que sai
Da garganta dos loucos, o que há de ser?

VIA ESPESSA

I

De cigarras e pedras, querem nascer palavras.
Mas o poeta mora
A sós num corredor de luas, uma casa de águas.
De mapas-múndi, de atalhos, querem nascer viagens.
Mas o poeta habita
O campo de estalagens de loucura.

Da carne de mulheres, querem nascer os homens.
E o poeta preexiste, entre a luz e o sem-nome.

II

Se te pertenço, separo-me de mim.
Perco meu passo nos caminhos de terra
E de Dionísio sigo a carne, a ebriedade.
Se te pertenço perco a luz e o nome
E a nitidez do olhar de todos os começos:
O que me parecia um desenho no eterno
Se te pertenço é um acorde ilusório no silêncio.

E por isso, por perder o mundo
Separo-me de mim. Pelo Absurdo.

III

Olhando o meu passeio

Há um louco sobre o muro
Balançando os pés.
Mostra-me o peito estufado de pêlos
E tem entre as coxas um lixo de papéis:
- Procura Deus, senhora? Procura Deus?

E simétrico de zelos, balouçante
Dobra-te num salto desnuda o traseiro.

IV

O louco estendeu-se sobre a ponte
E atravessou o instante.
Estendi-me ao lado da loucura
Porque quis ouvir o vermelho do bronze

E passar a língua sobre a tintura espessa
De um açoite.

Um louco permitiu que eu juntasse a sua luz
À minha dura noite.

V

O louco (a minha sombra) escancarou a boca:
_ O que restou de nós decifrado nos sonhos
Os arrozais, teu nome, tardes, juncos
Tuas ruas que no meu caminho percorri
Ai, sim, me lembro de um sentir de adornos

Mas há uma luz sem nome que me queima
E das coisas criadas me esqueci.

VI

O louco saltimbanco
Atravessa a estrada de terra
Da minha rua, e grita à minha porta:
- Ó senhora Samsara, ó senhora -
Pergunto-lhe por que me faz a mim tão perseguida
Se essa de nome esdrúxulo aqui não mora.

- Pois aquilo que caminha em círculos
É Samsara, senhora -
E recheado de risos, murmura uns indizíveis
Colado ao meu ouvido.

VII

Devo voltar à luz que me pensou
De poeira e começos?
Devo voltar ao barro e às mãos de vidro
Que fragilizadas me pensaram?
Devo pensar o louco (a minha sombra)
À luz das emboscadas?
Ai girassóis sobre a mesa de águas.

- Estetizante - disse-me o louco
Grudado à minha poética omoplata.

- Os girassóis? Ah, Samsara, teu esquecido sol.
Uma mesa de águas? Que volúpia, que máscara
E que ambíguo deleite
Para a voracidade de tua alma.

VIII

Eram águas castanhas as que eu via.
Caras de palha e cprda nas barcaças brancas.
Velas de linhos novos, luzidios
Mas resíduos. Sobras.

Colou-se minha sombra às minhas costas:

- Que bagagem, senhora.
O Nada navegando à tua porta.

IX

O louco se fechou ao riso
Se torceu convulso de fingida agonia
E como se lançasse flores à cova de um morto
Atirou-me os guizos.
Por quê? perguntei adusta e ressentida.

- Ó senhora, porque mora na morte
Aquele que procura Deus na austeridade.

X

- É o olho copioso de Deus. É o olho cego

De quem quer ver. Vês? De tão aberto
Queimado de amarelo -
Assim me disse o louco (esguio e loiro)
Olhando o girassol que nasceu no meu teto.

XI

De canoas verdes de amargas oliveiras
De rios pastosos de cascalho e poeira
De tudo isso meu cantochão e ervas negras.
Grita-me o louco:
- De amoras. De tintas rubras do instante
É que se tinga a vida. De embriaguez, Samsara.

E atravessou no riso a tarde fulva.

XII

Temendo desde agosto o fogo e o vento
Caminho junto às cercas, cuidadosa
Na tarde de queimadas, tarde cega.
Há um velho mourão enegrecido de queimadas antigas.
E ali reencontro o louco:
- Temendo os teus limites, Samsara esvaecida?
Por que não deixas o fogo onividente
Lamber o corpo e a escrita? E por que não arder
Casando o Onisciente à tua vida?

XIII

- Querer voar, Samsara? Queres trocar o moroso das pernas
Pela magia das penas. e planar coruscante
Acima da demência? Porque te vejo às tardes desejosa
De ser uma das aves retardatárias do pomar.
Aquele ali talvez, rumo ao poente.

Pois pode ser, lhe disse. Santos e lobos
Devem ter tido o meu mesmo pensar. Olhos no céu
Orando, uivando aos corvos.

Então aproximou-se rente ao meu pescoço:
- Esquece texto e sabença: as cadeias do gozo.
E labaredas do intenso te farão o vôo.

XIV

Telhas, calhas
Cordas de luz que se fizeram palavra
Alguém sonha a carne da minha alma.

Ecos, poço
O esquecimento perseguindo um corpo
Aqui me tens entre a vigília e o encanto

Cativa da loucura
Perseguido o louco.

XV

Eram azuis as paredes do prostíbulo
Ela estendeu-se nua entre os arcos da sala
E matou-se devassada de ternura.
“Que azul insuportável”, antes gritou.
“Como se adulta um berço me habitasse”

Foi esta a canção de Natal cantada pelo louco
Quando me deu a Hilde: a porca que levava sobre o dorso.

XVI

- Não percebes, Samsara, que Aquele que se esconde
E que tu sonhas homem, quer ouvir teu grito?
Que há uma luz que nasce da blasfêmia
E amortece na pena? Que é o cinza a cor do teu queixume
E o grito tem a cor do sangue Daquele que se esconde?

Vive o carmim, Samsara. A ferida.
E terás um vestígio do Homem na tua estrada.

XVII

Minha sombra à minha frente desdobrada

Sombra de sua própria sombra? Sim. Em sonhos via.
Prateado de guizos
O louco sussurava um refrão erudito:
- Ipseidade, Samsara. Ipseidade, senhora. -

E enfeixando energia, cintilando
Fez de nós dois um único indivíduo.

VIA VAZIA

I

Eu sou Medo. Estertor.
Tu, meu Deus, uma cavalo de ferro
Colado à futilidade das alturas.

II

Movo-me no charco. Entre o junco e o lagarto.
E Tu, como Petrarca, deves cantar tua Laura:

“Le Stelle, il cielo, caldi sospiri”
E nem há lua esta noite. Nascidas deste canto
Das palavras, só há borbulhas n’água.

III

Rato d’água, círculo no remoinho da busca.
Que sou teu filho, Pai, me dizem. Farejo.
Com a focinhez que me foi dada
encontro alguns dejetos. Depois, estendido
Na pedra (que dizem ser teu peito) , busco um sinal.
E de novo farejo. Há quanto tempo. Há quanto tempo.

IV

À carne aos pêlos, à garganta, à língua

A tudo isso te assemelhas?
Mas e o depois da morte, Pai?
As centelhas que nascem da carne sob a terra
O estar ali cintilando de treva.
À treva te assemelhas?

V

Dá-me a via do excesso. O estupor.
Amputado de gestos, dá-me a eloquência do Nada
Os ossos cintilando
Na orvalhada friez do teu deserto.

VI

Que vertigem, Pai.
Pueril e devasso
No furor da tua víscera
Trituras a cada dia
Meu exíguo espaço.

VII

Tu sabes que serram cavalos vivos
Para que fiquem macias

As sacolas dos ricos?
Tu gozas ou defecas
Diante do ato sem nome
O rubro dessa orgia?

VIII

Descansa.
O Homem já se fez
O escuro cego raivoso animal
Que pretendias.

IX

Uma mulher suspensa entre as linhas e os dentes.
Antiquíssima ave, marionete de penas
As asas que pensou lhe foram arrancadas.
Lavado de luzes, um deus me movimenta.
Indiferente. Bufo.

X

PEDRA D'ÁGUA, ABISMO, PEDRA-FERRO
Como te chamas? Para que eu possa ao menos
Soletrar teu nome, grudada à tua fundura.

XI

Nos paus, no pau-de-lacre,
Aquele de nervuras e de folhas brilhantes, transitas.
No pau-de-virar-tripa, só neste último, Pai
Eu sei que te demoras, meditando minha víscera.

XII

Águas de grande sombra, água de espinhos:
O Tempo não roerá o verso da minha boca.
Águas manchadas de um torpor de vinhos:
Hei de tragá-las todas. E lúbrico, descontínuo
O TEMPO NÃO VIVERÁ SE TOCAR A MINHA BOCA.

ALCOÓLICAS (1989)

a

Goffredo da Silva Telles Júnior
Ignacio da Silva Telles
José Aristodemo Pinotti

pelas águas intensas da amizade

Drink we till we prove more, not lesse, then men,

*And turn not beasts, but Angels.
... and forget to dy.*

Richard Crashaw (poet e saint)

I

a Jamil Snege

É crua a vida. Alça de tripa e metal.
Nela despenco: pedra mórula ferida.
É crua e dura a vida. Como um naco de víbora.
Como-a no livro da língua
Tinta, lavo-te os antebraços, Vida, lavo-me
No estreito-pouco
Do meu corpo, lavo as vigas dos ossos, minha vida
Tua unha púmblea, me casaco *rosso*
E perambulamos de coturno pela rua
Rubras, góticas, altas de corpo e copos.
A vida é crua. Faminta como o bico dos corvos.
E pode ser tão generosa e mítica: arroio, lágrima
Olho d'água, bebida. A vida é líquida.

II

Também são cruas e duras as palavras e as caras
Antes de nos sentarmos à mesa, tu e eu, Vida
Diante do coruscante ouro da bebida. Aos poucos
Vão se fazendo remansos, lentilhas d'água, diamantes
Sobre os insultos do passado e do agora. Aos poucos
Somos duas senhoras, encharcadas de riso, rosadas
De um amora, um que entrevi no teu hálito, amigo
Quando me permitiste o paraíso. O sinistro das horas
Vai se fazendo olvido. Depois deitadas, a morte
É um rei que nos visita e nos cobre de mirra.
Sussuras: ah, a vida é líquida.

III

Alturas, tiras, subo-as, recorto-as
E pairamos as duas, eu e a Vida
No carmim da borrasca. Embriagadas
Mergulhamos nítidas num borraçal que coaxa.
Que estiola galhofa. Que desempenados
Serafins. Nós duas nos vapores
Lobotômicas líricas, e a gaicagem
Se transforma em galarim, e é translúcida
A lama e é extremoso o Nada.
Descasco o dementado cotidiano
E seu rito pastoso de parábolas.
Pacientes, canonisas, muito bem-educadas

Aguardamos o tépido poente, o copo, a casa.

Ah, o todo se dignifica quando a vida é líquida.

IV

E bebendo, Vida, recusamos o sólido
O nodoso, a friez-armadilha
De algum rosto sóbrio, certa voz
Que se amplia, certo olhar que condena
O nosso olhar gasoso: então, bebendo?
E respondemos lassas lérias letícias
O lusco das lagartixas, o lustrino
Das quilhas, barcas, gaivotas, drenos
E afasta-se de nós o sólido de fechado cenho.
Rejubilam-se nossas coronárias. Rejubilo-me
Na noite navegada, e rio, rio, e remendo
Meu casaco *rosso* tecido de acuçena.
Se dedutiva e líquida, a Vida é plena.

V

Te amo, Vida, líquida esteira onde me deito
Romã baba alcaçuz, teu trançado rosado
Salpicado de negro, de doçuras e iras.
Te amo, Líquida, descendo escorrida
Pela víscera, e assim esquecendo

Fomes
País
O riso solto
A dentadura etérea
Bola

Miséria.
Bebendo, Vida, invento casa, comida
E um Mais que se agiganta, um Mais
Conquistando um fulcro potente na garganta
Um látego, uma chama, um canto. Ama-me.
Embragada. Intedita. Ama-me. Sou menos
Quando não sou líquida.

VI

Vem, senhora, estou só, me diz a Vida.
Enquanto te demoras nos textos eloqüentes
Aqueles onde meditas a carne, essa coisa
Que geme sofre e morre, ficam vazios os copos
Fica em repouso a bebida, e tu sabes que ela é mais viva
Enquanto escorre. Se te demoras, começa a pensar
Em tudo que se evola, e cantarás: como é triste
O poente. E a casa como é antiga. Já vês
Que te fazes banal na rima e na medida.

Corre. O casaco e o coturno estão em seus lugares.
Carminadas e altas, vamos rever as ruas

E como dizia o Rosa: os olhos nas nonadas.
Como tu dizes sempre: os olhos no absurdo.

Vem. Liquidifica o mundo.

VII

Mandíbulas. Espáduas. Frente e avesso.
A Vida ressoa o coturno na calçada.
Estou mais do que viva: embriagada.
Bêbados e loucos é que repensam a carne o corpo
Vastidão e cinzas. Conceitos e palavras.
Como convém a bêbados grito o inarticulado
A garganta candente, devassada.
Alguns se ofendem. As caras são paredes. Deitam-me.
A noite é um infinito que se afasta. Funil. Galáxia.
Líquida e bemaventurada, sobrevôo. Eu, e o casaco *rosso*
Que não tenho, mas que a cada noite recrio
Sobre a espádua.

VIII

O casaco *rosso* me espia. A lã
Desfazida por maus tratos
É gasta e rugosa nas axilas.
A frente revela nódoas vivas
Irregulares, distintas
Porque quando arranco os coturnos

Na alvorada, ou quando os coloco rápida
Ao crepúsculo, caio sempre de bruços.
A Vida é que me põe em pé. E a sede.
E a saliva. A língua procura aquele gosto
Aquele seco dourado, e acaricia os lábios
Babando impudente no casaco.

É bom e manso o meu casaco *rosso*.
Às vezes grita: ah, se te lembrasses de mim
Quando prolixa. Lava-me, hilda.

IX

Se um dia te afastares de mim, Vida - o que não creio
Porque algumas intensidades têm a aparência da bebida -
Bebe por mim paixão e turbulência, caminha
Onde houver uvas e papoulas negras (inventas-as)
Recorda-me, Vida: passeia meu casaco, deita-te
Com aquele que sem mim há de sentir um prolongado vazio.
Empresta-lhe meu coturno e meu casaco *rosso* : compreenderá
O porquê de buscar conhecimento na embriaguês da via manifesta.
Pervaga. Deita-te comigo. Apreende a experiência lésbica:
Estilhaça a tua própria medida.

SOBRE A TUA GRANDE FACE (1986)

À memória de Ernest Becker

A Ricardo Guilherme Dicke,
por identificação no exercício
da procura

Honra-me com teus nadas.
Traduz me passo
De maneira que eu nunca me perceba.
Confunde estas linhas que te escrevo
Como se um brejeiro escoliasta
Resolvesse
Brincar a morte de seu próprio texto.
Dá-me pobreza e fealdade e medo.
E desterro de todas as respostas
Que dariam luz
A meu eterno entendimento cego.
Dá-me tristes joelhos.
Para que eu possa fincá-los num mínimo de terra
E ali permanecer o teu mais esquecido prisioneiro.
Dá-me nudez. E andar desordenado. Nenhum cão.
Tu sabes que amo os animais
Por isso me sentiria aliviado. E de ti, Sem Nome
Não desejo alívio. Apenas estreitez e fardo.
Talvez assim te encantes de tão farta nudez.
Talvez assim me ames: desnudo até o osso
Igual a um morto.

O que me vem, devo dizer-te DESEJADO,
Sem recuo, pejo ou timidez. Porque é mais certo mostrar
Insolência no verso, do que mentir decerto. Então direi
O que se coleia a mim, na intimidade, e atravessa os vaus

Da fantasia. Deito-me pensada de bromélias vivas
E me recrio corpórea e incandescente.
Tu sabes como nasceu a idéia das pontiagudas catedrais?
De um louco incendiando um pinheiro de espinhos.
Arquiteta de mim, me construo à imagem das tuas Casas
E te adentras em carne e moradia. Queixumosa vou indo
E queixoso te mostras, depois de te fartares
Do meu jogo de engodos. E a cada noite voltas
Numa simulação de dor. Paraíso do gozo.

De tanto te pensar, Sem Nome, me veio a Ilusão.
A mesma ilusão

Da água que sorve a água pensando sorver a lua.
De te pensar me deito nas aguadas
E acredito luzir e estar atada
Ao fulgor do costado de um negro cavalo de cem luas.
De te sonhar, Sem Nome, tenho nada
Mas acredito em mim o ouro e o mundo.
De te amar, possuída de ossos e de abismos
Acredito ter carne e vadiar
Ao redor dos teus cimos. De nunca te tocar
Tocando os outros
Acredito ter mãos, acredito ter boca
Quando só tenho patas e focinho.
Do muito desejar altura e eternidade

Me vem a fantasia de que Existo e Sou.
Quando sou nada: água fantasmagórica
Sorvendo a lua n'água.

Vem apenas de mim, ó Cara Escura
Este desejo de te tocar o espírito

Ou és tu, precisante de mim e de minha carne
Que incendeias o espaço e vens muleiro
Montado em ouro e sabre, clavina, cinturões
Rebenque caricioso
Sobre a minha anca viva?
Ou há de ser a fome dos teus brilhos
Que torna vadeante o meu espírito
E me faz esquecer que sou apenas vício
escuridade de terra, latejante.

Vem de mim, Cara Escura, a ramagem de púrpura
Com a qual me disfarço. As facas
Que a cada dia preparo, no seduzir
Tua fina simetria. E vem de ti, Obscuro,
Toda cintilância que jamais me busca.

Quisera dar nomes, muitos, a isso de mim
Chagoso, trsite, informe. Uns resíduos da tarde
Algumas aves, e asas buscando tua cara de fuligem.
De áspide.
Quisera dar o nome de Roxura, porque a ânsia
Tem parecimento com esse desmesurado de mim

Que te procura. Mas também não é isso
Este meu neblinar contínuo que te busca.
Ando em grandes vaguezas, açoitando os ares
Relinchando sombras, carreando o nada.
Os que me vêem me gritam: como tem passado
A aldeã de sua alteza? E há chacotas e risos.
Mas vem vindo de ti um entremuro de sons e de cicios
Um labiar de sabores, um sem nome de passos
Como se águas pequenas desaguassem
Num pomar de abios. Como se eu mesma
Flutuasse, cativa, ofélica, sobre a tua Grande Face.

Hoje te canto e depois no pó que hei de ser
Te cantarei de novo. E tantas vidas terei
Quantas me darás para o meu outra vez amanhecer
Tentando te buscar. Porque vives de mim, Sem Nome,
Sutilíssimo amado, relincho do infinito, e vivo
Porque sei de ti a tua fome, tua noite de ferrugem
Teu pasto que é o meu verso orvalhado de tintas
E de um verde negro teu casco e os areais
Onde me pisas fundo. Hoje te canto
E depois emudeço se te alcanço. E juntos
Vamos tingir o espaço. De luzes. De sangue.
De escarlate.

Desejei te mostrar minha forma humana
Afastada de todo da velhice. Por isso

É que te chamo a ti desde criança
E adolescente e mulher, também contigo
Em chamamento convivi. E tive corpo e cara preciosos
E brisas crespas numa voz tão rara
Que se tivesses vindo àquele tempo
Me verias a mim num corrido de horas
Um demoroso estar de muitos noivos.
E de todos, Soturno, nenhum foi tão coalescente

Tão colado à minha carne, como tu foste, ausente.
Dirás demasiado. Mas fosca e acanhada, hoje,
Peço-te com o luzir dos ossos
Com a fragilidade de uma espuma n'água
Que me visites antes do adeus da minha palavra.

Lavores, cordas e batalhas
O que me vem da alma. Labor
Porque trabalho sobre o teu rosto
De palha: construo o impossível
Meu senhor. Cordas, porque te amarro
Com as turquesas informes do desejo.
E um sem fim de batalhas
Porque prender a ti num coraçõa de fêmea
É querer lavores: o quebradiço constante
Porque tento com a palha
A finura perfeita de um semblante.
E o que deve fazer
Quem não se lembra mais do mais perfeito

E de si mesma só tem o humano gesto?

De montanhas e barcas nada sei.
Mas sei a trajetória de uma altura
E certa fundura de águas
E há de me levar a ti uma das duas.
De ares e asas não percebo nada.
Mas atravesso abismos e um vazio de avessos
Para tocar a luz do teu começo.
Das pedras só conheço as ágatas.
Ams arranco do xisto as esmeraldas
Se me disseres que é o verde a dádiva
Que responde as perguntas da Ilusão.
E posso me ferir no gelo das espadas
Se me quiseres banhada de vermelho.

Em minhas muitas vidas hei de te perseguir.
Em sucessivas mortes hei de chamar este teu ser sem nome
Ainda que por fadiga ou plenitude, destruas o poeta
Destruindo o Homem.

Escaldante, Obscuro. Escaldante teu sopro
Sobre o fosco fechado da garganta.
Palavras que pensei acantonadas
Ressurgem diante do toque novo:
Carrascais. Gárgulas. Emergindo do luto

Vem vindo um lago de surpreendimento
Recriando musgo. Voltam as seduções.
Volta a minha própria cara seduzida
Pelo teu duplo rosto: metade raízes
Oquidões e poço, metade o que não sei:
Eternidade. E volta o fervente langor
Os sais, o mal que tem sido esta luta
Na tua arena crispada de punhais.

E destes versos, e da minha própria exuberância
E excesso, há de ficar em ti o mais sombroso.
Dirás: que instante de dor e intelecto
Quando sonhei os poetas na Terra. Carne e poeira
O perecível, exsudando centelha.

Casa do Sol, 1985/1986

Poemas Malditos Gozosos e Devotos

(1994)

À memória de

Ernest Becker

Otto Rank

Simone Weil

Pensar deus é apenas uma certa maneira de pensar o mundo.

Simone Weil

I

Pés burilados
Luz alabastro
Mandou seu filho
Ser trespassado

Nós pés de carne
Nas mãos de carne
No peito vivo. De carne.

Pés burilados
Fino formão
Dedo alongado agarrando homens
Galáxias. Corpo de homem?
Não sei. Cuidado.

Vive do grito
De seus animais feridos
Vive do sangue de poetas, de crianças

E do martírio de homens
Mulheres santas.

Temo que se aperceba
De umas misérias de mim.
Ou de veladas grandezas

Soberbas

De alguns neurônios que tenho
Tão ricos, tão carmesins
Tem esfaimada fome
Do teu todo que lateja.

Se tenho a pedir, não peço.
Contente, eu mais lhe agradeço
Quanto maior a distância.
E só porisso uma dança, vezenquando
Se faz nos meus ossos velhos.

Cantando e dançando, digo:
Meu Deus, por tamanho esquecimento
Desta que sou, fiapo, da terra um cisco
Beijo-te pés e artelhos.

Pés burilados
Luz-alabastro
Mandou seu filho
Ser trespassado

Nos pés de carne
Nas mãos de carne
No peito vivo. De carne.

Cuidado.

II

Rasteja e espreita
Levita e deleita
É negro. Com luz de ouro.

É branco e escuro.
Tem muito de foice
E furo.

Se tu és vidro
É punho. Estilhaça.
É murro.

Se tu és água
É tocha. É máquina
Poderosa se tu és rocha.

Um olfato que aspira
Teu rastro. Um construtor
De finitutes gastas.

É Deus.
Um sedutor nato.

III

Caio sobre teu colo.
Me retalhas.
Quem sou?
Tralhas, do teu divino humor.

Corronhadas exatas
De tuas mãos sagradas.
Me queres esbatida, gasta

E antegozas o gosto
De um trêmulo Nada.

Me devoras
Com teus dentes ocos.
A ti me incorporo
A contra-gosto.

Sou agora fúria
E descontrole.
Agito-me desordenado
Nos teus moles.

Sou façanha
Escuro pulsante
Fera doente.

À tua semelhança:
Homem.

IV

Doem-te as veias?
Pulsaram porque fizeste
Do barro dos homens.
E agora dói-te a Razão?
Se me visses fazer
Panelas, cuias

E depois de prontas
Me visses
Aquecê-las a um ponto
A um grande fogo
Até fazê-las desaparecer

Dirias que sou demente
Louca?
Assim fizeste aos homens.

Me deste vida e morte.
Não te dói o peito?
Eu preferia
A grande noite negra
A esta luz irracional da Vida.

V

Para um Deus, que singular prazer.
Ser o dono de ossos, ser o dono de carnes
Ser o enhor de um breve Nada: o homem:
Equação sinistra
Tentando parecença contigo, Executor.

O Senhor do meu canto, dizem? sim.
Mas apenas enquanto dormes.
Enquanto dormes, eu tento meu destino.
Do teu sono
Depende meu verso minha vida minha cabeça.

Dorme, inventado imprudente menino.
Dorme. Para que o poema aconteça.

VI

Se mil anos vivesse
Mil anos te tomaria.
Tu.
e tua cara fria.

Teu recesso.
Teu encostar-se
Às duras paredes
De tua sede.

Teu vício de palavras.
Teu silêncio de facas.
As nuas molduras
De tua alma.

Teu magro corpo
De pensadas asas.
Meu verso cobrindo
Inocências passadas.
Tuas.

Imagina-te a mim
A teu lado inocente
A mim, e a essa mistura
De piedosa, erudita, vadia
E tão indiferente.

Tu sabes.
Poeta buscando altura
Nas tuas coxas frias.

Se eu vivesse mil anos
Suportaria
Teu a ti procurar-se.
Te tomaria, Meu Deus,
Tuas luzes. Teu contraste.

É rígido e mata
Com seu corpo-estaca.
Ama mas crucifica.

O texto é sangue
E hidromel.
É sedoso e tem garra
E lambe teu esforço

Mastiga teu gozo
Se tens sede, é fel.

Tem tríplexes caninos.
Te trespassa o rosto
E chora menino
Enquanto agonizas.

É pai filho e passarinho.

Ama. Pode ser fino
Como um inglês.
É genuíno. Piedoso.

Quase sempre assassino.
É Deus.

VIII

é neste mundo que te quero sentir.
É o único que sei. O que me resta.
Dizer que vou te conhecer a fundo
Sem as bênçãos da crne, no depois,
Me parece a mim magra promessa.
Sentires da alma? Sim. Podem ser prodigiosos.
Mas tu sabes da delícia da carne
Dos encaixes que inventaste. De toques.
Do formoso das hastes. Da corolas.
Vês como fico pequena e tão pouco inventiva?
Haste. Corola. São palavras róseas. Mas sangram

Se feitas de carne.

Dirás que o humano desejo
Não te percebe as fomes. Sim, meu Senhor,
Te percebo. Mas deixa-me amar a ti, neste texto
Como os enlevos
De uma mulher que só sabe o homem.

IX

Poderia ao menos tocar
As ataduras da tua boca?
Panos de linho luminescentes
com que magoas
Os que te pedem palavras?

Poderia através
Sentir teus dentes?
Tocar-lhes o marfim
E o liso da saliva

O molhado que mata e ressuscita?

Me permitirias te sentir a língua
Essa peça que alisa nossas nuças
E fere rubra
Nossas delicadas espessuras?

Poderia, ao menos tocar
Uma fibra desses linhos
Com repetidos cuidados
Abrir
Apenas um espaço, um grão de milho
Para te aspirar?

Poderia, meu deus, me aproximar?
Tu, na montanha.
Eu no meu sonho de estar
No resíduo dos teus sonhos.

X

Atada a múltiplas cordas

Vou caminhando tuas costas.
Palmas feridas, vou contornando
Pontas de gelo, luzes de espinho
E degredo, tuas omoplatas.

Busco tua boca de veios
Adentro-me nas emboscadas
Vazia te busco os meios.
Te fechas, teia de sombras
Meu Deus, te guardas.

A quem te procura, calas.
A mim que pergunto, escondes
Tua casa e tuas estradas.
Depois trituras. Corpo de amantes
E amadas.

E buscas
A quem nunca te procura.

XI

Sobem-me as águas. Sobem-te as fúrias.
Fartas me sobem dor e palavras.
De vidro, nozes, de vinhas, me sobem dores
Tão tardas, tão carecentes.

Por que te fazes antigo, se nunca te demoraste

Na terra que preparei, nem nas calçadas
Da casa? Me vês e me pensas caça?
Ai, não. Não me pensas. Eu sim, nas noites

Que caminhadas! Que sangramento de passos!
Que cegueira pretendendo
Seguir teu próprio cansaço. Olha-me a mim.
Antes que eu morra de águas., aguada do que inventei.

XII

Estou sozinha se penso que tu existes.
Não tenho dados de ti, nem tenho tua vizinhança.
E igualmente sozinha se tu não existes.
De que me adiantam
Poemas ou narrativas buscando

Aquilo, que se não é, não existe
Ou se existe, então se esconde
Em sumidouros e cimos, nomenclaturas

Naquelas não evidências
Da matemática pura? É preciso conhecer
Com precisão para amar? Não te conheço.

Só sei que desmereço se não sangro.
Só sei que fico afastada
De uns fios de conhecimento, se não tento.

Estou sozinha, meu Deus, se te penso.

XIII

Vou pelos atalhos te sentindo à frente.
Volto porque penso que voltaste.
Alguns me disseram que passaste
Rente a alguém que gritava:

Tateia-me, Senhor,
Estás tão perto
E só percebo ocos
Moitas estufadas de serpentes.
Alguém me diz que esse alguém
Que gritava, a mim se parecia.
Mas era mais menina, percebes?
De certo modo mais velha

Como alguém voltando de guerrilhas
Mulher das matas, filha das Idéias.

Não eras tu, vadia. Porque o Senhor
Lhe disse: Poeira: estou dentro de ti.
Sou tudo isso, oco moita
E a serpente de versos da tua boca.

XIV

Se te ganhasse, meu Deus, minh'alma se esvaziaria?
Se a mim me aconteceu com os homens, por que não com
Deus?
De início as lavas do desejo, e rouxinóis no peito.
E aos poucos lassidão, um desgosto de beijos, um esfriar-se

Um pedir que se fosse, fartada de carícias.
Se te ganhasse, que coisas ainda desejaria minh'alma
Se ficasses? que luz seria em mim mais luminosa?
Que negrume mais negro?

Não haveria mais nem sedução, nem ânsias.
E partirias. Eu vazia de ti porque tão cheia.
Tu, em abastanças do sentir humano, de novo dormirias.

XV

Desenho um touro de seda.
Olhos de um ocre espelhado
O pêlo negro, faustoso
seduzo meu Deus montado
Sobre este touro.

Desenhas Deus? Desenho o Nada
Sobre este grande costado.

Um rio de cobre deságua
Sobre essas patas.
Uma mulher tem nas mãos
Uma bacia de águas

Buscando matar a sede
Daquele divino Nada.

O touro e a mulher sou eu.
Tu és, meu deus,
A Vida não desenhada
Da minha sede de céus.

XVI

Se já soubesse quem sou
Te saberia. Como não sei
Planto couves e cravos
E espero ver uma cara
Em tudo que semeiei.

Pois não dizem que te mostras
Por vias tortas, nos mínimos?
Te mostrarás na minha horta
Talvez mudando o destino
Dessa de mim que só vive

Tentando semeadura

Dessa de mim que envelhece
Buscando sua própria cara
E muito através, a tua
Que a mim me apeteceria
Ver frente a frente.

Há luas luzindo o verde
E luas luzindo os cravos.
Couves de tal estatura
E carmesins dilatados

Que os que passam perguntam:
São os canteiros de Deus?
Digo que sim por vaidade
Sabendo dos infinitos
De uma infinita procura
De *tu e eu*.

XVII

Penso que tu mesmo cresces
Quando te penso. E digo sem cerimônias
Que vives porque te penso.
Se acaso não te pensasse
Que fogo se avivaria não havendo lenha?
E se não houvesse boca
Porque o trigo cresceria?

Penso que o coração
Tem alimento na Idéia.
teu alimento é uma serva
Que bem te serve à mão cheia.
Se tu dormes ela escreve
Acordes que te nomeiam.
Abre teus olhos, meu Deus,
Come de mim tua fome.

Abre tua boca. E grita este nome meu.

XVIII

Se some, tem cuidado.
Se não some é fardo.
Cuida que ele não suma

Pois ficará mais pesado
Se sumir de tua alma.

É de uma Idéia de Deus que te falo.
Pesa mais se ausente
Pesa menos se te toma

Ainda que descontente
Te vejas pensando sempre
Num alguém que está aí dentro

De quem não conheces rosto
Nem gosto nem pensamento.

Cuida que tal Idéia
Te tome. Melhor um cheiro de dentro
Que não conheces, um fartar-se
De um nada conhecimento

Do que um vazio de luto
Um casca sem os frutos
Pele sem corpo, ou ossos
Sem matéria que os sustente.

Toma contente
Se te sabes pesado
Dessa idéia de Nada.
É um pensar para sempre.

E não sentes verdade
Que a vida vale um extenso
Altura e profundidade
Se vives do pensamento?

XIX

Teus passos somem
Onde começam as armadilhas.
Curvo-me sobre a treva que me espia.

Ninguém ali. Nem humanos, nem feras.
De escuro e terra tua moradia?

Pegadas finas
Feitas a fogo e espinho.
teu passo queima se me aproximo.

Então me deito sobre as roseiras.
Hei de saber o amor à tua maneira.

Me queimo em sonhos, tocando estrelas.

XX

Move-te. Desperta.
Há homens à tua procura.
Há uma mulher, que sou eu.
A Terra mora na Via-Láctea
Eu moro à beira de estradas
Não sou pequena nem alta

Sou muito pálida
Porque muito caminhei
Nas escurezas, no vício
De perseguir uns falares
teus indícios.

Move-te. Tua aliança com os homens
Teu atar-se comigo
Tem muito de quebra e dessemelhança.
Muitos de nós agonizam.
A Terra toda. Há de ser quase
Brinquedo adivinhares
Onde reside o pó, onde reside o medo.

Não te demores.
Eu tenho nome: Poeira.

Move-te se te queres vivo.

Não te machuque a minha ausência, meu Deus,
Quando eu não mais estiver na Terra
Onde agora canto amor e heresia.
Outros hão de ferir e amar
Teu coração e corpo. Tuas bifrontes
Valias, mandarim e ovelha, soberba e timidez

Não temas.
Meu pares e outros homens
Te farão viver destas duas voragens:
Matança e amanhecer, sangue e poesia.

Chora por mim. Pela poeira que fui
Serei, e sou agora. Pelo esquecimento
Que virá de ti e dos amigos.

Pelas palavras que te deram vida
E hoje me dão morte. Punhal, cegueira,

Sorri, meu Deus, por mim. De cedri
De mil abelhas tu és. Cavalo d'água
Roandando o ego. Sorri. Te amei sonâmbula
Escrúxula, mas te amei inteira.

Cantares de perda e predileção

(1983)

à memória de Ernest Becker

I

Vida da minha alma:
Recaminhei casas e paisagens
Buscando-me a mim, minha tua cara.
Recaminhei os escombros da tarde
Folhas enegrecidas, gomos, cascas
Papéis de terra e tinta sob as árvores
Nichos onde nos confessamos, praças

Revi os cães. Não os mesmos. Outros
De igual destino, loucos, tristes,
Nós dois, meu ódio-amor, atravessando
Cinzas e paredões, o percurso da vida.

Busquei a luz e o amor. Humana, atenta
Como quem busca a boca nos confins da sede.
Recaminhei as nossas construções, tijolos
Pás, a areia dos dias

E tudo que encontrei te digo agora:
Um outro alguém sem cara. Tosco. Cego.
O arquiteto dessas armadilhas.

II

Que dor desses calendários
Sumidiços, fatos, datas
O tempo envolto em visgo

Minha cara buscando
Teu rosto reversivo.

Que dor no branco e negro
Desses negativos
Lisura congelada do papel
Fatos roídos
E teus dedos buscando
A carnação da vida.

Que dor de abraços
Que dor de transparência
E gestos nulos
Derretidos retratos
Fotos fitas

Que rolo sinistro
Nas gavetas.

Que gosto esse do Tempo
De estancar o jorro de umas vidas.

III

Se a tua vida se estender
Mais do que a minha
Lembra-te, meu ódio-amor,
Das cores que vivíamos
Quando o tempo do amor nos envolvia.

Do ouro. Do vermelho das carícias.
Das tintas de um ciúme antigo
Derramado
Sobre o meu corpo suspeito de conquistas.
Do castanho de luz do teu olhar
Sobre o dorso das aves. daquelas árvores:
Estrias de um verde-cinza que tocávamos.

E folhas da cor das tempestades
contornando o espaço
De dor e afastamento.

Tempo turquesa e prata
Meu ódio-amor, senhor da minha vida.
Lembra-te de nós. Em azul. Na luz da caridade.

IV

Lobos
Lerdos leopardos
Cadelas

Ternuras velhas

Nós, lado a lado
Num sumidouro de linhas

E ponteiros de pedra.

Enrodilhados
Escuros
Famintos de nossas sombras
Nas aldeias antigas.

Lobo
Leopardo-cadela

Ternuras velhas

Tu e eu desenhados
Trelças e telas
Nas tintas das conquistas.

V

Me vias
Partida ao meio
A cara das emboscadas

Dizias

Essa era a cara do meu desejo.

E possuías
O inteiriço, o Narciso
Tu mesmo e tua fantasia.

Um fronteiroço de linhas
Que se pensavam contíguas.

Me vias dura, vestida
De lãs e de campainhas.
Sobre o teu vale eu passava
Em chagas, sem parceria.

Passava, sim.
Mas nua, queimada
Do amor que tu me tiravas.

VI

Eu não te vejo
Quando teu ódio aflora.
Como poderia
Ver teu ódio e a ti

Iludida
Por uma só labareda da memória?

Cegos, não somos dois.
Apenas pretendemos.
Devorados e vastos
Temos um nome: EFÊMERO.

VII

E se leopardos e tigres
Convivessem

E se no mundo houvesse
Lonjura de cordas
Para amarrar torres vastas
(as incansáveis crias do desejo)

E se águas não fossem molhadas
E o que fosse montanha
Ao invés de altura
Se fizesse rasa

Se o fogo não tragasse
Sua própria espessura
E a lucidez perfeita
Não fosse embriaguez

Do teu excesso
E da minha loucura
Um caminho adequado
Em direção a Deus.

VIII

Me vinha:
Que se tecesse

Hastes de compaixão
Corolas de caridade

Sopro e saudade tecidos
Na rede do coração

Eu nunca mais sentiria
Teu nome de hostilidade.

Me vinha:
Se desfizesse
O que já trançado tinha

Meu nome é que ficaria
Amor na tua eternidade.

Então teci
Sóis e vinhas:
Ouro-escarlate-paixão

E consumida de linhas
Enovelada de ardência
Te aguardo às portas da minha cidade.

IX

E atravessamos portas trancadas.
Esteiras pedras cestos
Espreitam

Nossas passadas.
E amamos como quem sonha
Cancelas de sal e palha
Prendendo o sono.

Assim te amo. Sabendo.
Degelo prendendo as águas.

X

E a língua lambe
A cria que se feriu
De puro arrojo
E altaneria.
De gozo, sabor e nojo
Desta conquista de mim.
De tua companhia.

Cadentes teu passo e o meu
Temos a marcha de dois caminhos
De pêlo e breu.
Lentos, tenazes
Em nós demora-se
O amor e a cólera.

A crueldade.
Que é o som de Deus.

XI

Faremos deste modo
Para que as mãos não cometam
Os atos derradeiros:

Envolveremos as facas e os espelhos
Nas lãs dobradas, grossas.
E de alongadas nódoas, o ressentimento.

Pintadas as caras num nariz de gesso
Recobriremos corpo, carne
Na tentativa cálida, multiforme
Na rubra pastosidade

De um toque sem sofrimento.

E afinal
Cara a cara (espelho e faca)
De nossas duplas fomes
Não diremos.

XII

Um cemitério de pombas
Sob as águas
E águas-vivas na cinza

Ósseas e lassas sobras
Sa minha e da tua vida.

Um pedaço de muro
Na enxurrada
Prumos soterrados, nascituros
No céu

Indecifráveis sobras
Da minha e da tua vida.

Um círculo sangrento
Uma lua ferida de umas garras
Assim de nós dois o escuro centro.

E no abismo de nós
Havia sol e mel.

XIII

E batalhamos.
Dois tigres
Colados de um só deleite
Estilhaçando suas armaduras
Amor e fúria
Carícia, garra

Tua luz

E a centelha rara
De um corpo e duas batalhas.

XIV

Como se desenhados
Tu
E o de dentro da casa.
Entro
Como se entrasse
No papel adentro

E sem ser vista
Rasgo
Alguns véus e fibras

Sem ser amada
Pertença.

Que sobreviva
O fino traço de tua presença.
Aroma. Altura.
E lacerada eu mesma

Que jamais se perceba
Umas gotas de sangue na gravura.

XV

Para poder morrer
Guardo insultos e agulhas
Entre as sedas do luto.

Para poder morrer
Desarmo as armadilhas
Me estendo entre as paredes
Derruídas.

Para poder morrer
Visto as cambraias
E apascento os olhos
Para novas vidas.

Para poder morrer apetecida
Me cubro de promessas
Da memória.

Porque assim é preciso
Para que tu vivas.

XVI

Só o mel escorresse
Da boca do tigre
Transmutando listras

Talho
Num largar de meiguice

O incisivo em nós
As sinistras punturas

Os alanhados, meu ódio-amor,
Um clarão de carícias
Entre as partituras.

Se o rugido em nós
Se somasse à névoa
À calmaria da velhice

Nos outeiros do espaço
O rugido da vida.
Um barco. E o número par.

XVII

Os juncos afogados
Um cão ferido
As altas paliçadas
Devo achar a palavra
Companheira do grito.

Um risco n'água
Um pássaro aturdido
Entre o capim e a estrada

Um grande girassol
Explodindo entre as rodas

Imagens de mim
Na caminhada.

XVIII

Para tua fome

Eu teria colocado meu coração
Entre os ciprestes e o cedro

E tu o encontrarias
Na tua ronda de luta e incoesão:
A ronda que persegues.

Para a tua sede
As nascentes da infância:
Um molhado de fadas e sorvetes.

E abriria em mim mesma
Uma nova ferida

Para tua vida.

XIX

Corpo de carne
Sobre um corpo de água.
Sonha-me a mim
Contigo debruçada
Sobre este corpo de rio.
Guarda-me
Solidão e nome

E vive o percurso
Do que corre
Jamais chegando ao fim.

Guarda esta tarde
E repõe sobre as águas
Teus navios. Pensa-me
Imensa, iluminada
Grande corpo de água
Grande rio
Esquecido de chagas e afogados.

Pensa-me rio.
Lavado e aquecido da tua carne.

XX

Soberbo
Libertas sobre o meu peito
Teu cavalo cego.

E pontas e patas
Tentam enlaçadas
Furtar-se às águas
Do sentimento.

Suja de espadas
Golpeada em negro

Sou tua cara e medo

Teu cavaleiro
Teu corpo
Tua cruzada.

XXI

De ossos
De altos pomos
De ódio e ouro

Doloso

Teu rosto
Sobre a minha cara
Crepuscular.

Gozoso
Sobre o meu corpo

Criando magia e ponta

Para morrer
E fazer matar.

XXII

Toma para teu gozo
Este rio de saudade.
Nenhum recobrirá teu corpo
Com tamanha leveza
E com tal gosto

Ainda que sejam muitos
Os largos rios da Terra.

Toma para teu gozo
Minha dor e insanidade
De nunca voltar a ver
Meu próprio rosto.
E aguarda uma tarde sem tempo
Quando serei apenas retalhada

Um espelho molado de umas águas.

XXIII

Eu amo Aquele que caminha
Antes do meu passo.
É Deus e resiste.

Eu amo a minha morada
A Terra triste.
É sofrida e finita
E sobrevive.

Eu amo o Homem-luz
Que há em mim.
É poeira e paixão
E acredita.

Amo-te, meu ódio-amor
Anima-Vida.
És caça e perseguidor
E recriaste a Poesia
Na minha Casa.

XXIV

Cavalos negros
Entre lençóis e abetos
E machetadas as cartas

Repulsa e gosma
Entre as palavras.

E listras
Desejo
Pás

E leopardos de gelo
Entre a mó e o pelo.

E ainda assim
Altura, forquilha, tranco

Teu ódio-amor
Procura minha pegada.

XXV

Insensatez e sombra.
Foi o que se apossou de mim
Quando sonâmbula

Amoldei meus pés ao teu caminho.
Um distorcido de luzes e de lírios
Lagunas ruivas, vozes
Vindas de um não sei onde, vivas

Me fizeram supor que o teu caminho
Era a luz do meu passo, merecida
Porque de luta e a sós
Toda minha vida.

E agora sei que as palmas do martírio
é que brilhavam

E ruivos
Eram os lagos de nudez e sangue
E viva era minha própria voz
Maldizendo meu nome.

XXVI

De sacrifício
De conhecimento
Da carne machucada

Os joelhos dobrados
Frente ao Cristo
Meu canto compassado
De mulher-trovador.

Ai. Descuidado
Que palavras altas
Que montanha de mágoas
Que águas
De um venenoso lago
Tu derramaste
Nos meus ferimentos.

Que simetria, justeza
Para ferir-me a mim
Como se a cruz quisesse
De mim ser a moradia.

E eu canto
Porque é esse o destino
Da minha garganta.
E canto

Porque criança aprendi
Nas feiras: ave e mulher
Cantam melhor na cegueira.

XXVII

Amor agora
Meu inimigo.
Barco do olvido
Entre o teu ódio
E o meu navegar
Fico comigo.

Sopro, cadência
Meu hausto e mar
Navego a rocha
Somo o castigo
Desliso, meu ódio-amigo,

Graça e alívio
De te alcançar.

XXVIII

Ronda tua crueldade.
Esconde, avança

Até que descubras
Fissura rigorosa
Na tua garra
Ajustado tensor
Para tua lança.

Ronda meu abandono
Persegue
Trança meu desamparo
Sono e tua iniquidade.
Ritualiza a matança
De quem só te deu vida.

A me deixa viver
Nessa que morre.

XXIX

Faz de mim tua presa:
Raiz para o teu ódio

Amor para o meu navegar
E abrandado cessa
De lançar tua rede
Tua armadila.

Faz de mim tua sombra
E injúria, sangra
Essa que te descansa
Na tua soberba escalada ao meio-dia.
Golpeia
Para amansar tua fina presa.

Faz de mim tua boca
E cobre de saliva
Tua cria de carne e solidão.
E abrandado cessa
Teu exercício de virtude e treva.

XXX

O Tempo e sua fome.
Volúpia e Esquecimento
Sobre os arcos da vida.
Rigor sobre o nosso momento.

O Tempo e sua mandíbula.
Musgo e furor
Sobre os nossos altares.
Um dia, geometrias de luz.

Mais dia nada somos.

Tempo e humildade.
Nossos nomes. Carne.
Devora-me, meu ódio-amor,
Sob o clarão cruel das despedidas.

XXXI

Barcas
Carregando a vida
Descendo as águas.
Passam pesadas
Distantes do poeta e de sua caminhada.

Barcas
Inundadas de afago
Nas águas da meiguice.
O fulgor dos cascos
Ilumina o dorso dos afogados:
Eu soterrada
Em aguaduras escuras da velhice.

Barca é o teu nome.
E passas.
Candente, clara
Navegas tua última viagem
Sobre o meu corpo molhado de palavras.

XXXII

Um coro de despedidas.
A apenas duas as vozes.
Um discursivo de muros
E algoz-olhares

Fundas aguadas
Subindo à tona
Das desmedidas.

E açoite
Sobre as lembranças.
e musgo, vísceras
Cobrindo o vínculo

Rútilo brilho das alianças.

E facas tão alongadas
Trilhas, estradas
Frias escarpas
AINDA para a tua volta.

XXXIII

Se te pronuncio
Retomo um Paraíso
Onde a luz se faz dor

E gelo a claridade.
Se te pronuncio
É esplendor a treva
E as sombras ao redor
São turquesas e sóis
Depois de um mar de pedras.
Vigio
Esta sonoridade dos avessos.
Que se desfaça o fascínio do poema
que eu seja Esquecimento
E emudeça.

XXXIV

As águas, meu ódio-amor.
Uma boca de seixos
Um oco de palavras
Um sumidouro de fomes
E de asas
Teu ódio-escama
Sobre o meu desejo.

As águas, meu ódio-amor.
Mulheres afogadas
Eu-muitas
De litígio, escuriza
E a sedução de me pensares
Presa
Me sabendo invasão.

E unguento sobre a tua mágoa.
Flores, graças
Para que os nossos corpos
Se lavem dessas águas

Caridosos com a carne e as ilusões.

XXXV

Desgarrada de ti
Sou a sombra da Amada.
Das madeiras da casa
Farei barcas côncavas

E tingirei de negri
Os lençóis de fogo
Onde nos deitávamos

Velas
Bandeira para minhas barcas.

E de dureza e arrojo
Hei de chegar a um porto
De pedras frias.

Memória e fidelidade
Meu corpo-barca
Esmago contra as escarpas.

De luto e choros um dia
Verei tua boca beijando as águas
Teu corpo-barca. Minha trilha.

XXXVI

Pedras dentro das barcas
Favos trincados
Embaçando as águas

Ai que cuidados
Que fulgor de dentes
Para criar um espaço
De ausências no meu presente.

E envoltório de malhas
E escuros rosários
Feitos de sal e aço

Ai que cuidados
Para prender quem vive
Dessas cadeias

E morre
Só de pensar em não tê-las.

XXXVII

Quem é que ousa cantar, senhor,
Um ódio dito formoso?

Que raro fosso há de ser
O escuro melodioso

Esse tão meu, de sementes
De verdes dentro de um poço?

Que largueza incongruente
Nos versos, sem parecer

Que quem trova
Se fez demente.

Que altas novas
Este cantar de mulher:

Um ódio de esclarecer
Desejo que não se mostra.

Um ódio-fêmea, senhor,
É bem o fosso onde cresce a rosa:
A rara. De ódio formoso.

XXXVIII

Toma-me ao menos

Na tua vigília.
Nos entressonhos.
Que eu faça parte
Das dores empoçadas
De um estendido de outono

Do estar ali e largar-se
Da tua vida.

Toma-me
Porque me agrada
Meu ser cativo do teu sono.
Corporifica
Boca e malícia.
Tatos.
Mas importa mais
O que a ausência traz
E a boca não explica.

Toma-me anônima
Se quiseres. Eu outra
Ou fictícia. Até rapaz.
É sempre a mim que tomas.
Tanto faz.

XXXIX

Escreveste meu nome

Sobre a água?
A fogo, na alma
Desenhei o teu

Grafismo iluminado
Imantado e novo

Teu nome e o meu.

Novo
Porque no nunca se viu
Nome tão pertencido.
Antigo porque há milênios
Se entrelaçaram justos
No infinito.

E raro
Porque tingido de um mosaico vivo
De danação e amor.

Teu nome.
Irmão do meu.

XL

De rispidez e altivo

Passeias teu passo predador
Sobre o meu peito

E sobre o meu deserto.
Minha alma a teu redor
Na muralha dos séculos.

De amplitude e fervor
A casa e sua candeia
Te aguardam.
Famintas dessa caça
E desse caçador.

Se há volúpia no mal
Trago as mãos cheias.
Um sol que se dissolve
E me incendeia.
E é sempre o mesmo fogo
A lenha, o mesmo mal.

XLI

Ouvia
Que não podia te odiar
E nem te temer
Porque eras eu.
E como seria
Odiar a mim mesma

E a mim mesma temer

Se eu caminhava, vivia

Colada a quem sou
E ao mesmo tempo ser
Dessa de mim, inimiga?

Que não podia te amar
Tão mais do que pretendia.
Pois como seria ser

Pessoa além do que me cabia?

Que pretensões de um sentir
Tão excedente, tão novo
São questões para o divino

E ao mesmo tempo um estorvo
Pra quem nasceu pequenino.
Tu e eu. Humanos. Limite mínimo.

XLII

Atados os ramos
Os fios de linho
As fitas
Teci para nós
A coroa da vida.
Depois fiz a canção:
Gracejos, lascívia
E leveza
Foram primos irmãos

E noivos da conquista.
E de granito e sol
Me parecia o tempo
Dessas vidas.

Milênios no depois
Me soube iluminura
Entre os dedos dos mortos.
Poeira e entendimento
Sob a luz dos ossos.

XLIII

Ai que distância
Meu ódio-amor
Que dores
Que cintilâncias
De pena.
Tão ao meu lado
Te penso
No entanto
Tão afastado

Como se a água ficasse
A um dedo da minha boca
E todo o deserto à volta
Me segurasse.

Tão triste e tão à vontade

Neste meu sol de martírios

Como se o corpo soubesse
Desses caminhos da sede
Porque nasceu conhecendo
Da paixão seu descaminho.

E brilhos no teu sadismo
E perdição na minha cara.
Que coloridos espinhos
Terás

Para a tua dura saudade.
Que tempestade de sede
Nos areais da procura
Quando saíres à caça
De quem te amou. De mim.

À caça do NUNCA MAIS.

XLIV

Lembra-te que morreremos
Meu ódio-amor.
De carne e de miséria
Esta casa breve de matéria
Corpo-campo de luta e suor.

Lembra-te do anônimo da Terra

Que meditando a sós com seus botões
Gravou no relógio das quimeras:
“É mais tarde do que supões”.

Porisso
Mata-me apenas em sonhos.
Podes dormir em fúria pela eternidade
Mas acordado, ama. Porque a meu lado
Tudo se faz tarde: amor, gozo, ventura.

XLV

Que no poema ao menos
Viscosidade e luz
De nós dois, criaturas,
Recriem seu momento.

Que da desordem
De dois encantamentos
Do visgo, do vidro
De palavras duras

Coabitem
O tosco e o transparente.

E desconforto e gosto
Disciplina e paixão
Discursivo e ciência

Construam pelo menos no poema
A vizinhança dessas aparências.

XLVI

Talvez eu seja
O sonho de mim mesma.
Criatura-ninguém
Espelhismo de outra
Tão em sigilo e extrema
Tão sem medida
Densa e clandestina

Que a bem da vida
A carne se fez sombra.

Talvez eu seja tu mesmo
Tua soberba e afronta.
E o retrato
De muitas inalcançáveis
Coisas mortas.

Talvez não seja.
E ínfima, tangente
Aspire indefinida
Um infinito de sonhos
E de vidas.

XLII

Dorme o tormento
O Eterno dorme suspenso
Sobre as idéias e inventos

Só eu não durmo
Pra te pensar.

Dormem perjuros
E vanidade e urnas
Dormem os medos
E califados e ventres
Dormem ardentes
OS loucos, pátios adentro

Só eu não durmo
Pra te pensar.

Dormem ativas
AS dobradiças
De mil bordéis e conventos

E pêndulos dormindo ao tempo

Só eu não durmo
Pra te pensar.

A gora escura
Do jugo dos sentimentos

Irreversiva, suicida
Tateio aquele rochedo
Do ódio de desamar.

XLVIII

Teu livre-arbítrio, meu ódio-amor?
O distendido flanco do tigre
Sobre teu peito vivo.

Esculpida alvorada.
Tua pretensa caça
Na cara de granito.
Não é a mim que persegues
Nem és tu aquele que persigo.
Os amantes se entregam
Àquele corpo cruel mas perseguido

Armadura de garra e de delícias
Corpo listrado de mel.

Meu livre-arbítrio, meu ódio-amor?
Júbilo imerecido:
O distendido flanco do tigre
Sobre meu peito vivo.

XLIX

Se me viessem à boca
As palavras foscas
Para te abrandar.
Se levez e sopro
Habitassem a casa
Do meu corpo
Não seria eu aquela do teu gosto
E amarias lírios
Ao invés de ostras.
Se comedimento
Mornidão, prudência
Me dourassem a carne
E o coração
Tu me dirias rouco
Que a bem do Desejo
Desfez-se o Paraíso
E inventou-se a Paixão.

Bem porisso preserva
Quem te sabe inteiro.
E cala teu instante
De um ciúme que repete
Que devo ser repouso
E contenção.

L

Um percurso de noites e vazantes
Dunas escuras e casas vazias

De mim mesma fui cruz e viajante.
As costas do meu Deus era o que eu via.
E ainda assim tão curvas

Arco que à minha frente se movia
Também como quem busca.
Um percurso a sós, meu ódio -amor,
E um poderoso à frente viajante.
Gritei nomes e sons, reinventei
E às vezes via o ombro flamejante

Mover-se

Mas nunca como aquele que pretende
Salvar alguém sem luz atrás de si.

E pranteei meu nome e minha vida.
Ma laboriosa
Hei de plantar redondas redivivas
Para prender meu Deus à tua volta.

LI

Cálida alquimia:
Ouro e compaixão
Sofrida pena
Aquecendo a mão fria.
Toma-me cara e mãos
E a morosa tenta

Revestir de ventura
Palavra e teia.
Ilumina o roteiro do poeta
Reabrindo as ramas da ilusão.
Que a caridade
Te faça mais sábia
Diante da fêmea frágil.
Que a mentira apascente
O fogo da verdade.

E entre as escarpas
As minhas, do coração
Esperança e vivez
Novamente se façam
Sobre a minha cara e mãos.

LII

Eu era parte da noite e caminhava
Adulta e austera
Sem luz e aventura.
Tu eras praia e dia
Um fogo branco
O rosto da montanha sobre a terra.

E juntamos a treva
Ao mar do meio-dia.
Cristas aguadas, pontas
Trilhas fosforescentes

Na vastidão das sombras

Mas um instante apenas.

Porisso é que caminho como antes
Adulta e austera.
Acrescida de véus me mostro aos viajantes:
Vês a mulher, aquela?
Dizem que a cara é de caliça e pedra.
Que a luz das ilusões passou por ela.

LIII

Cadenciadas
Vão morrendo as palavras
Na minha boca.
Um sudário de asas
Há de ser agasalho
E pátria para o corpo.
Anônimo, calado
O poeta contempla
Espelho e mágoa

Fragmentos de um veio
Berçário de palavras.

Um as lendas volteiam
O poeta vazio de seus meios:
Escambros, escadas

Amou de amor escuro
A fugiu de si mesmo
De sua própria cilada.

O poeta. Mudo.
Aceitável agora para o mundo
No seu sudário de asas.

LIV

Na moldura, no esquadro
Inalteráveis
Passado e sentimento.

Dos dois contemplo
Rigor e fixidez.
Passado e sentimento
Me contemplam

Arduidade nas caras
Rigor no teorema.

Tento apagar
Atos, postura. Revivem.
Irremovíveis, vítreos

Incorporam-se para sempre
À eternidade do meu espírito.

LV

Um tempo-luz
Sobre o tempo do adeus
Porque ainda é vivaz
O sentimento.
Porque ainda me vejo
Como se tocasse
Uns mosaicos azuis

Lisura de surpresa
Na caligem de quadros
E de quartos

No areal das mesas.

Ronda pela casa a maciez
Se me repenso mansa
E com cuidado.
E ao meu redor
Um gosto perolado
Degusta o próprio fio
De cordame e pobreza.

Rondas a casa.

Ah, foi apenas teu passo

A pretendida luz deste poema.

LVI

Areia, vou sorvendo
A água do teu rio.
E sendo rio
Tu podes me tomar
Minúscula, extensa
Ampulheta guardada
Esteira, desafio.

Areia, encharcada
Recebo tuas palavras d'água
Sumidouro, aguaça
Em água-mel te prendo.
Areia, vou te tomando vasta
Ou milimétrica, lenta

Um rio de areia e caça
Luminescente, tua,
Uma presa de água.

LVII

Há este céu duro
Empedrado de ventos.
Eternidade és tu, meu ódio-amor

Senhor do meu sentimento.

Há este Nunca-Mais
Ancorado no Tempo.
E uma só tarde num aroma de ruas
De mogorim, de aves.

E há refrões e ágatas
Nas praças
Daquele paraíso de ilusões.
E barcas, pedras roladas

Extensos esgarçados
Eternidade de nós, meu ódio-amor
No SEMPRE-NUNCA MAIS.

LVIII

O bisturi e o verso.
Dois instrumentos
Entre as minhas mãos.
Um deles rasga o Tempo
O outro eterniza
Aquele tempo-ouro sem medida.

Rompem-se sílabas e fonemas.
Estanco meus projetos.
É o que se vê
É um só comum-complexo

Coração aberto.

E nunca mais
Na dimensão da Terra
Hei de rever as moradas, os tetos
Os paraísos soberbos da paixão.

LIX

Sonha-me, meu ódio-amor,
Através do teu sonho, volto à vida.
Passeia minha sombra e ilusões
Pelos mesmos caminhos, os antigos,
E sonha-me como se tomasses
No fulgor da carne
Tua primeira amante proibida.

Sonha-me um novo-sempre
Um rosto
Isento de crueldades e partidas.
Sonha-me tua.
Criança e esquecida da experiência humana
Hei de voltar à vida.

LX

Teu rosto se faz tarde
Sob a minha mão.

E envelheço terna
Dividida e austera
Um mergulho de luz
Metade treva.

Pincéis de fino pêlo
Desenhando emoções.
Teu rosto se faz noite
Niquelado traço
Anil e ouro baço
Sob a minha mão.

E jardins de gelo
E muralhas-espelho
E papéis guardados
Castos de desejo.

Teu rosto.
Uma tintura de fogo
Na planície dos dedos.

LXI

Um verso único
Oco de fundos
Extenso, vermelho-vivo
No túnel dos meus ouvidos:
Sempre comigo Sempre comigo.

Um verso escuro
De folhas-pontas
De nichos
De negras grutas
A língua excede seu exercício:
Sempre comigo Sempre comigo.

Um verso-vício
Constância e nojo
Vindo de uns lagos
De malefício.

Amor partido
Torres
Poço-edifício
Um verso único num golpe nítido:
Sempre comigo Sempre comigo.

LXII

Garças e fardos
O voo e o pesado
No meu coração.

E lebres álbidas
E cães.
Correirice e caça
No meu coração.

Torres, escadas e águas
Nem barcos, nem cordas
No meu coração.

E lutos e garras
Tua cara
No meu coração.

LXIII

Tens a medida do imenso?
Contas o infinito?
E quantas gotas de sangue
Pretendes
Desta amorosa ferida
De tão dilatada fome.

Tens a medida do sonho?
Tens o número do Tempo?
Como hei de saber do extenso
De um ódio-amor que percorre
Furioso
Passadas dentro do vento?

Sabes ainda meu nome?
Fome. De mim na tua vida.

LXIV

De sol e lua
De fogo e ventre
Te enlaço.
Ainda que a boca
A tua
(Sem se mover
Não dizendo)

Me diga palavras cruas:
Máscara fria
Lua-serpente
Viva inimiga.

De sol e lua
Me faço.
Sabendo que a alma
A tua
(Sem se mostrar,
Escondendo)

Me sabe irmã de tua eternidade.

LXV

Meu ódio-amor:
Tudo se esvai.
A hora se faz imóvel
Escorrida

Sobre o corpo da vida.
Vou-me
Pedra lisa e mar
Fixa-informe
Tento te segurar
Tu que és minha vida.
Morre
O mesmismo de mim
Se não me colo a ti.
Vagueio.
Alguém me vê
E aponta:
Dentro da flor aberta
Uma abelha morta.

LXVI

Nuns atalhos da tarde
Vivendo imensidão
Minha alma disse a mim
Rica de sombras:
Não pertencida.
Exilada dos sóis
Das outras vidas.

LXVII

Vida da minha alma:

Um dia nossas sombras
Serão lagos, águas
Beirando antiquíssimos telhados.
De argila e luz
Fosforescentes, magos,
Um tempo no depois
Seremos um só corpo adolescente.
Eu estarei em ti
Transfixiada. Em mim
Teu corpo. Duas almas
Nômades, perenes
Texturadas de mútua sedução.

LXVIII

Te penso.
E já não és o pensado.
És tu e mais alguém
No informe, nos guardados
Alguém
E tu mesmo sem nome, imaginado.

Te penso
Como quem quer pintar o pensamento
Colorir os muros do passado
De umas ramas finas, mergulhadas
Num luxo de tinturas.
Te penso novo e vasto.
E velho
Igual à fome que tenho das funduras.

LXIX

Resolvi me seguir
Seguindo-te.
A dois passos de mim
Me vi:
Molhada cara, matando-se.

Cravado de flechas claras
Ramo de luzes, de punhaladas
Te vi. Sangrando de morte rara:
A minha. Morrendo em ti.

LXX

Poeira, cinzas
Ainda assim
Amorosa de ti
Hei de seu eu inteira.

Vazio o espaço
Que me contornava
Hei de Estar ali.
Como se um rio corresse
Seu corpo de corredor
E só tu o visses.
Corpo de rio? Sou esse.

Fiandeira de versos
Te legarei um tecido
De poemas, um rútilo amarelo
Te aquecendo.

Amorosa de ti
VIDA é o meu nome. E poeta.
Sem morte no sobrenome.

Casa do Sol
12/12/1981 a 5/11/1982

Da Morte. Odes Mínimas

(1979)

À memória de Ernest Becker

I

Te batizar de novo.
Te nomear num trançado de teias
E ao invés de Morte
Te chamar Insana
 Fulva
 Feixe de flautas
 Calha
 Candeia
Palma, por que não?
Te recriar nuns arcoíris
Da alma, nuns possíveis
Construir teu nome
E cantar teus nomes perecíveis
 Palha
 Corça
 Nula
 Praia
Por que não?

II

Demora-te sobre a minha hora.
Antes de me tomar, demora.
Que tu me percorras cuidadosa, etérea
Que eu te conheça lícita, terrena

Duas fortes mulheres
Na sua dura hora.

Que me tomes sem pena
Mas voluptuosa, eterna
Como as fêmeas da Terra.

E a ti, te conhecendo
Que eu me faça carne
E posse
Como fazem os homens.
III

Pertencente te carrego:
Dorso mutante, morte.
Há milênios te sei
E nunca te conheço.
Nós, consortes do tempo
Amada morte
Beijo-te o flanco
Os dentes
Caminho candente a tua sorte
A minha. Te cavalgo. Tento.

IV

Vinda do fundo, luzindo
Ou atadura, escondendo,
Vindo escura
Ou pegajosa lambendo
Vinda do alto

Ou das ferraduras
Memoriosa se dizendo
Calada ou nova
Vinda da coitadez
Ou régia numas escadas
Subindo

Amada
Torpe
Esquiva

Benvinda.

V

Túrgida-mínima
Como virás, morte minha?

Intrincada. Nos nós.
Num passadiço de linhas.
Como virás?

Nos caracóis, na semente
Em sépia, em rosa mordente
Como te emoldurar?

Afilada
Ferindo como as estacas
Ou dulcíssima lambendo

Como me tomarás?

VI

Ferrugem esboçada

Perfil sem dracma

Crista pontuda
No timbre liso

Um oco insuspeitado
Na planície

Um cisco, um nada
À tona das águas

Brevíssima contração
Te reconheço, amada.

VII

Perderás de mim
Todas as horas

Porque só me tomarás
A uma determinada hora.

E talvez venhas
Num instante de vazio
E insipidez.
Imagina-te o que perderás
Eu que vivi no vermelho
Porque poeta, e caminhei
A chama dos caminhos

Atravessei o sol
Toquei o muro de dentro
Dos amigos

A boca nos sentimentos

E fui tomada, ferida
De malassombros, de gozo

Morte, imagina-te.

VIII

Lenho, olaria, constróis
Tua casa no meu quintal.
E desde sempre te espio

Linhos e cal tua cara
Lenta tua casa

Nova crescendo agora

Nos meus cinquenta.
E madeirames e telhas
E escadas, tuas rijezas

Tuas costas altas

Vezenquando te volteias
Para que eu não me esqueça

Do instante cego

Quando me pedirás companhia.
Eu não me esqueço.
Te espio de hora em hora

Casa e começo, tua cara,
A qualquer tempo te reconheço.

IX

Os cascos enfeixados
Para que eu não ouça
Teu duro trote.
É assim, cavalinha,
Que me virás buscar?
Ou porque te pensei
Severa e silenciosa
Virás criança
Num estilhaço de louças?

Amante
Porque te deprezei?
Ou com ares de rei
Porque te fiz rainha?

X

De sandálias de palha
Pães pretos e esteira

Um dia, para recebê-la.

De sutis seduções
A palavra de ouro, de cereja

Me calo para recebê-la.

Depois me deito
Entre cordas e estanhos
E sonho pátios, guetos

Ínfimos sapatos
Sobre as ilusões.

E então te abraço.
Ombro, cancela
Me fecho para recebê-la.

XI

Levarás contigo
Meus olhos tão velhos
Ah, deixa-os comigo
De que te servirão?

Levarás contigo
Minha boca e ouvidos?
Ah, deixa-os comigo
Degustei, ouvi
Tudo o que conheces
Coisas tão antigas.

Levarás contigo
Meu exato nariz?
Ah, deixa-o comigo
Aspirou, torceu-se
Insignificante, mas meu.

E minha voz e cantiga?
Meu verso, meu dom
De poesia, sortilégio, vida?

Ah, leva-os contigo.
Por mim.

XII

Por que não me esqueces
Velhíssima-Pequenina?
Nas escadas, nas quinas
Trancada nos lacres
No ocre das urnas
Por que não me esqueces
Menina-Morte?

Sempre à minha procura.
Tua rede de avencas
Teu crivo, coágulo
Tuas tranças negras

Por que não viajas
No líquido cobre
Da tua espessura?

E por que soberba
Se te procuro
Te fechas?

XIII

Funda, no mais profundo do osso.
Fina, na tua medula
No teu centro-ovo. Rasa, poça d'água
Tina. Longa, pela de cobra, casca.
Clara numas verticais, num vazado sol
Da tua pupila. Paciente, colada às pontes

Onde devo passar atada aos pertences da vida.
Em tudo és e estás.

XIV

Porque é feita de pergunta
De poeira

Articulada, coesa
Persigo tua cara e carne
Imatéria.
Porque é disjunta
Rompida
Geometral se faz dupla
Persigo tua cara e carne
Resoluta.

Porque finge que franqueia
Vestíbulo, espaço e casa
Se sobrepondo de cascas
Gaiolas, grades

Máscara tripla
Persigo tua cara e carne.

Comigo serrote e faca.

XV

Cavalo, búfalo, cavalinha
Te amo, amiga, morte minha,
Te amo, amiga, morte minha,
Se te aproximas, salto
Como quem quer e não quer
Ver a colina, o prado, o outeiro
Do outro lado, como quem quer
E não ousa
Tocar teu pêlo, o ouro

O coruscante vermelho do teu couro
Como quem não quer.
XVI

Como se tuoubesses
Na crista
No topo
No anverso do osso

Tento prender teu corpo
Tua montanha, teu reverso.

Como se a boca buscasse
Seus avessos
Assim te busco
Torsão de todas as funduras.
Persecutória te sigo
Amarras, músculo.
E sempre te assemelhas
A tudo que desliza, tempo,

Correnteza.

Na minha boca. Nos ocos.
No chanfrado nariz.
Rio abaixo deslizas, limo
Toco, em direção a mim.

XVII

Rasteja, voa, passeia
Com toda lenteza
Sobre a minha Idéia.

Em espiral
Oblonga, retilínia
Te recrio terra
Sobre a minha Idéia.

(Caracol de sumos,
Andorinha
Crina)

Vagueia sobre a minha Idéia
E não sei se flue

Poreja

Única, primeira
Num mosaico de teias.

Se infinita sobre a minha Idéia
Se assemelha à Vida.

XVIII

Se eu soubesse
Teu nome verdadeiro

Te tomaria

Úmida, tênue
E então descansarias.

Se sussurrares
Teu nome secreto
Nos meus caminhos
Entre a vida e o sono

Te prometo, morte,
A vida de um poeta. A minha:
Palavras vivas, fogo, fonte.

Se me tocares,
Amantíssima, branda
Como fui tocada pelos homens

Ao invés de Morte
Te chamo
Poesia

Fogo, fonte, Palavra viva
Sorte.

XIX

Te vi
Atravessando as muradas
Montada no teu cavalo
Acróbata de guarda-sóis.
(Eu era noite e não via)
Te vi levíssima
Descendo numas aguadas
Lenta descendo como os anzóis.
(Eu era peixe e sabia)
Te vi serpente de som
E te tomei. Patas, farpas
Jato de sol, açoite
Borbulho nas águas frias.
Tu eras morte.

XX

Teu nome é Nada.
Um sonhar o Universo
No pensamento do homem:
Diante do eterno, nada.

Morte, teu nome.

Um quase chegar perto.
Um pouco mais (me dizem)
E terias o Todo no teu gesto.
Um pouco mais, tu O terias visto.

Teu nome é Nada.
Haste, pata. Sem ponta, sem ronda.
Um pensar duas palavras diante da Graça:
Terias tido.

XXI

Por que vens ao meiodia
De cornadura, galopando conchas
De cornetim à frente da minha casa
Cota-capim, corta-águas?
Descansa. Faz entrepausa.
Colhe matiz, faz nuança.
Porque até no que não vejo
Te vejo. Corpo de ar e marfim
Boca, palato

Sempre colada, sempre colada.

XXII

Não me procures ali
Onde os vivos visitam
Os chamados mortos.
Procura-me

Dentro das grandes águas
Nas praças
Num fogo coração
Entre cavalos, cães,
Nos arrozais, no arroio
Ou junto aos pássaros
Ou espelhada
Num outro alguém,
Subindo um duro caminho

Pedra, semente, sal
Passos da vida. Procura-me ali.
Viva.

XXIII

Porque conheço dos humanos
Cara, Cruenza,
Te batizo Ventura
Rosto de ninguém
Morte-Ventura
Quando é que vem?

Porque viver na Terra
É sangrar sem conhecer
Te batizo Prisma, Púrpura
Rosto de ninguém
Unguento
Duna
Quando é que vem?

Porque o corpo
É tão mais vivo quando morto
Te batizo Riso
Rosto de ninguém
Sonido
Altura
Quando é que vem?

XXIV

Na melodia te penso.
Íntima te pretendo.
Incendiada de mim
Contigo morrendo
Te sei lustro marfim e sopro.
E te aspiro, te cubro de sussurros
Me colo extensa sobre tua cabeça
Morte, te tomo.

E num segundo
Ouvindo novamente os sons da vida
Nomes, latidos, passos
Morte, te esqueço.
E intensa me retomo sob o sol.

XXV

Onde nasceste, morte?

Que cores, ocaso e monte?
E os pulsos que te arrancaram
Do mais escuro. De carne?
Te alimentavas

De anêmonas negras? Havia águas?
Vagidos, choros,
Empelicada como nasce a vida?
Se querias, tocavas?
E sendo criança
Não tocavas em tudo
E o instante se fazia
Insipidez e nada?

E velhíssima agora
Conhecendo todos os tatos
Agonia, terror e pasmo

Saciada

Por que não partes?

XXVI

Durante o dia constrói
Seu muro de girassóis.
(Sei que pretende disfarce
E fantasia).
Durante a noite,
Fria de águas

Molhada de rosas negras
Me espia.
Que queres, morte,
Vestida de flor e fonte?

- Olhar a vida.
XXVII

Me cobrirão de estopa
Junco, palha,
Farão de minhas canções
Um oco, anônima mortalha
E eu continuarei buscando

O frêmito da palavra.
E continuarei
Ainda que os teus passos
De cobalto
Estrôncio
Patas hirtas
Devam me preceder.

Em alguma parte
Monte, serrado, vastidão
E Nada.
Eu estarei ali
Com a minha canção de sal.

XXVIII

Ah, negra cavalinha
Flanco de acácias
Dobra-te para a montaria
Porque me sei pesada
De perguntas, negras favas
Entupindo-me a boca
E no bojo um todo averso
Uns adversos de nojo:
Que rumos? Que calmarias?
Me levas pra qual desgosto?
Há luz? Há um deus que me espia?
Vou vê-lo agora montada alma
Sobre as tuas patas? Tem rosto?

Dobra-te mansa
Porque me sei pesada. De vida.
De fundura de poço. E porque
Um poeta não sabe montar a morte
Ainda que seja a minha:
Flanco de acácias.
Negra cavalinha.

XXIX

Te sei. Em vida
Provei teu gosto.
Perdas, partidas
Memória, pó.

Com a boca viva provei
Teu gosto, teu sumo grosso.
Em vida, morte, te sei.

XXX

Juntas. Tu e eu.
Duas adagas
Cortando o mesmo céu.
Dois cascos
Sofrendo as águas.

E as mesmas perguntas.

Juntas. Duas naves
Números
Dois rumos
À procura de um deus.

E as mesmas perguntas
No sempre pasmoso instante.

Ah, duas gargantas
Dois gritos
O mesmo urro
De vida, morte.

Dois cortes.

Duas façanhas.
E uma só pessoa.

XXXI

Nos veremos de frente:
As gargantas vítreas

Plexo e ventre
De todos os lados:
Dorso de nós duas
Flanco e braços.

As grandes palavras
Trancadas e vivas
No meu peito baço.

XXXII

Porque me fiz poeta?
Porque tu, morte, minha irmã,
No instante, no centro
De tudo o que vejo.

No mais que perfeito
No veio, no gozo
Colada entre eu e o outro.
No fosso

No nó de um íntimo laço
No hausto
No fogo, na minha hora fria.

Me fiz poeta
Porque à minha volta
Na humana idéia de um deus que não conheço
A ti, morte, minha irmã,
Te vejo.

XXXIII

Esboçava-se.
Escorria líquido.
Era vidro.
Amava torpe.
Mesquinho te amava.
Era um vivo.

Luzente ofuscava
De vermes e asas
Vivo, silente,
Alquimia de fogo:
De pedra fria
A gozo.

Dirias morto?

XXXIV

Tão escuramente caminha
À beira-lágrima
Dentro do meu ser

Que já não sei
De onde me veio ou vinha
Vontade minha de te conhecer.

Hoje tão escuramente
Passeias, tardas, te arrastas
Num vasto alheamento
Dentro do meu ser

Que já não sei
Se te pensar foi gesto
Para inda mais ferir
Minha própria mágoa.

Por que, pergunto, estando viva
Devo eu morrer?
Por que, se és morte,
Deves me perseguir?

Aquieta-te, afunda-te
Morre, pequenina,
Escuramente
Dentro do meu sofrer.

XXXV

Ah, se eu soubesse de nuvens
Como te sei no hoje, morte minha,
Diria que me perseguem
Para escurecer
Essas caras de neve.
Diria que se detêm
Sobre a minha casa
Para ensombrar a alma. A minha.
E espalhadas
Diria que se avizinha
O cerco. A paliçada.
Que estou muda no além
N sofrido perfil.
Nítida sozinha.
Se eu soubesse de nuvens
Como te sei

Não diria o que disse
Nem faria o poema. Olhava apenas.

XXXVI

Um peixe lilás e malva
Num claro cubo
De sons e água.

Assim te mostrarás.

Um perfil curvo.

Soma de asas.
Um quasi escuro
Sobre as vidraças.

E fios e linhas
Trançando máscaras
Para a minha cara:
Rubro mandala
Para um perfil.

Então ajusto
Para o mergulho
Cores e máscara.
Sou eu. Um peixe rubro

E um outro lilás e malva.

XXXVII

Não compreendo. Apenas
Tento
Somar meu corpo
A teu corpo negro
Minhas águas
A teu remo
E cascos, os meus,
E luzes de um dia
E ânus, regaço
Somar

A teu matiz cobreado
Tua garra fria.

Não compreendo. Apenas
Tento
(Suor, subida, cascalho
Seca???)
Somar teu corpo
A meu pensamento.

XXXVIII

No coração, no olhar

Quando te tocarem
Pela primeira vez
Aqueles que se amam

Eu estarei.

Nas grandes luas.
Nas tardes.
Nas pequeninas canções
Nos livros

Eu e minha viva morte
Estaremos ali
Pela primeira vez.

Dirão:

Um poeta e sua morte
Estão vivos e unidos
No mundo dos homens.

Nas madrugadas
Pela primeira vez

Em amor
Tocada.
XXXIX

Uns barcos bordados
No último vestido
Para que venham comigo
As confissões, o riso
Quietude e paixão
De meus amigos.

Porque guardei palavras
Numa grande arca
E as levarei comigo

Peço uns barcos bordados
No último vestido
E vagas
Finas, desenhadas
Manso friso

Como as crianças desenhavam
Em azul as águas.

Uns barcos
Para a minha volta à Terra:
Este duro exercício
Para o meu espírito.

XL

Lego-te os dentes.
Em ouro, esmalte e marfim.

Entre sarrafos e palha
O baço dos meus ossos.

Procura na tua balança
Minha couraça. Meu bandolim.
Escrita e torso.
Pesa-me a mim. Minha funduras
E o gume do meu desgosto.

Procura, na minha hora,
Entre farrapos e palha

O que restou de mim
À tua procura.

TEMPO-MORTE

I

Corroendo
As grandes escadas
Da minha alma.
Água. Como te chamas?
 Tempo.

Vívida antes
Revestida de laca
Minha alma tosca
Se desfazendo.
Como te chamas?
 Tempo.

Águas corroendo
Caras, coração
Todas as cordas do sentimento
Como te chamas?
 Tempo.

Irreconhecível
Me procuro lenta
Nos teus escuros.
Como te chamas, breu?
 Tempo.

II

Passará
Tem passado
Passa com a sua fina faca.

Tem nome de ninguém.
Não faz ruído. Não fala.
Mas passa com a sua fina faca.
Fecha feridas. É unguento.
Mas pode abrir a tua mágoa

Com a sua fina faca.

Estanca ventura e voz
Silêncio e desventura.
Imóvil
Garrote
Algoz

No corpo da tua água passará
Tem passado
Passa com a sua fina faca.

III

Calomoso, longal e rês
Tu não o sentes

Nem vês.

Atravessa lerdo
O adro do teu desgosto.

Na jubilância escorrega
Mas depois passa
Furioso. Passou. Assovio? Seta?

Teus dentes. Teu sapato novo.
O branco da tua casa.
Tua voz adolescente.
Ele carrega memória e concretude.

Vasto atravessa.

IV

Desde que nasci, comigo:
Tempo-Morte.
Procurar-te
É estar montado sobre um leopardo
E tentar caçá-lo.

Minha tua garra.
Teu matiz de dentro.
Tua lanhada.
Nossa companhia.

Passo de luz e negro.
Dentes. Arcada.

Dois nítidos
À caça de um Nada.

V

Fatia, tonsura, pinça
Nunca te sei inteiro
Tempo-Morte.
Jamais teu todo, teu pêlo
A intrincada cabeça do teu nojo.
Sempre a rasura no texto seco

Ou gorda eloquência
Sobre a tua figura.

Opaca detenho-me
No vazio do cesto.
Tateio debruçada
Fiapos de palha, sobras
Coagulada retorno
Aos arrozais da página.

Ponta dos dedos, pulsão
Até quando teu capuz
Diante de um cego?

À TUA FRENTE. EM VAIDADE.

I

E se eu ficasse eterna?
Demonstrável
Axioma de pedra.

II

Se me alongasse
Como as palmeiras

E em leque te fechasse?

III

E crivada de hera?
Mas só pensada
Em matemática pura.

IV

E lívida
Em organdi
Entre os escombros?

Indefinível como criatura.

Eternamente viva.

V

E te abrindo ao meio
Como as carrancas
Na proa das barcas?

Pesada como a anta
Te espremendo.
Guano sobre a tua cara.

JÚBILO MEMÓRIA NOVICIADO DA PAIXÃO

(1974)

A M.N.
porque ele existe.

*Deliberei amar. Corto em pedaços
o músculo sangrento, alheio e triste
a quem por isso culpo. Irmão, um dia
aprenderemos a entender a entrada.*

E nunca mais seremos diferentes.

Renata Pallottini

DEZ CHAMAMENTOS AO AMIGO

Love, love, my season.

Sylvia Plath

I

Se te pareço noturna e imperfeita
Olha-me de novo.
Porque esta noite
Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.
E era como se a água
Desejasse

Escapar de sua casa que é o rio
E deslizando apenas, nem tocar a margem.

Te olhei. E há um tempo
Entendo que sou terra. Há tanto tempo
Espero
Que o teu corpo de água mais fraterno
Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta

Olha-me de novo. Com menos altivez.
E mais atento.

II

Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me.
E eu te direi que o nosso tempo é agora.
Esplêndida altivez, vasta ventura
Porque é mais vasto o sonho que elabora

Há tanto tempo sua própria tessitura.
Ama-me. Embora eu te pareça
Demasiado intensa. E de aspereza.
E transitória se tu me repensas.

III

Se refazer o tempo, a mim, me fosse dado
Faria do meu rosto de parábola
Rede de mel, ofício de magia

E naquela encantada livraria
Onde os raros amigos me sorriam
Onde a meus olhos eras torre e trigo

Meu todo corajoso de Poesia
Te tomava. Aventura, amigo,
Tão extremada e larga

E amavio contente o amor teria sido.

IV

Minha medida? Amor.
E tua boca na minha
Imerecida.

Minha vergonha? O verso
Ardente. E o meu rosto
Reverso de quem sonha.

Meu chamamento? Sagitário
Ao meu lado
Enlaçado ao Touro.

Minha riqueza? Procura
Obstinada, tua presença
Em tudo: julho, agosto
Zodíaco antevisto, página

Ilustrada de revista
Editoria; de jornal
Teia cindida.

Em cada canto da Casa
Evidência veemente
Do teu rosto.

V

Nós dois passamos. E os amigos
E toda minha seiva, meu suplício
De jamais te ver, teu desamor também
Há de passar. Sou apenas poeta

E tu, lúcido, fazedor da palavra,
Inconsentido, nítido

Nós dois passamos porque assim é sempre.
E singular e raro este tempo inventivo
Circundando a palavra. Trevo escuro

Desmemoriado, coincido e ardente
No meu tempo de vida tão maduro.

VI

Foi Julho sim. E nunca mais esqueço.
O ouro em mim, a palavra
Irisada na minha boca
A urgência de me dizer em amor
Tatuada de memória e confiança.
Setembro em enorme silêncio
Distancia meu rosto. Te pergunto:
De Julho em mim ainda te lembrás?
Disseram-me os amigos que Saturno
Se refaz este ano. E é tigre
E é verdugo. E que os amantes

Pensativos, glaciais
Ficarão surdos ao canto comovido.
E em sendo assim, amor,
De que me adianta a mim, te dizer mais?

VII

Sorrio quando penso
Em que lugar da sala
Guardarás o meu verso.
Distanciado
Dos teus livros políticos?
Na primeira gaveta
Mais próxima à janela?
Tu sorris quando lê
Ou te cansas de ver
Tamanha perdição
Amorável centelha
No meu rosto maduro?
E te pareço bela
Ou apenas te pareço
Mais poeta talvez
E menos séria?
O que pensa o homem
Do poeta? Que não há verdade
NA minha embriaguez
E que me preferes
Amiga mais pacífica

E menos aventura?

Que é de todo impossível
Guardar na tua sala
Vestígio passional
Da minha linguagem?
Eu te pareço louca?
Eu te pareço pura?
Eu te pareço moça?

Ou é mesmo verdade
Que nunca me soubeste?

VIII

De luas, desatino e aguaceiro
Todas as noites que não foram tuas.
Amigos e meninos de ternura

Intocado meu rosto-pensamento
Intocado meu corpo e tão mais triste
Sempre à procura do teu corpo exato.

Livra-me de ti. Que eu reconstrua
Meus pequenos amores. A ciência
De me dixer amar
Sem amargura. E que me dêem

Enorme incoerência

De desamar, amando. E te lembrando

- Fazedor de desgosto -
Que eu te esqueça.

IX

Esse poeta em mim sempre morrendo
Se tenta repetir salmodiado:
Como te conhecer, arquiteto do tempo
Como saber de mim, sem te saber?
Algidez do teu gesto, minha cegueira
E o casto incendiado momento
Se ao teu lado me vejo. As tardes
Fiandeiras, as tardes que eu amava,
Matéria de solidão, íntimas, claras
Sofrem a sonolência de umas águas
Como se um barco recusasse sempre
A liquidez. Minhas tardes dilatadas

Sobreexistindo apenas
Porque à noite retomo minha verdade:
teu contorno, teu rosto álgido sim

E porisso, quem sabe, tão amado.

X

Não é apenas um vago, modulado sentimento
O que me faz cantar enormemente
A memória de nós. É mais. É como um sopro
De fogo, é fraterno e leal, é ardoroso
É como se a despedida se fizesse o gozo
De saber
Que há no teu todo e no meu, um espaço
Oloroso, onde não vive o adeus.

Não é apenas vaidade de querer
Que aos cinquenta
Tua alma e teu corpo se enternecem
Da graça, da justeza do poema. É mais.
E porisso perdoa todo esse amor de mim

E me perdoa de ti a indiferença.

O POETA INVENTA VIAGEM, RETORNO E MORRE DE SAUDADE

I

Se for possível, manda-me dizer:
- É lua cheia. A casa está vazia -
Manda-me dizer, e o paraíso
Há de ficar mais perto, e mais recente
Me há de parecer teu rosto incerto.
Manda-me buscar se tens o dia
Tão longo como a noite. Se é verdade
Que sem mim só vês monotonia.
E se te lembras do brilho das marés
De alguns peixes rosados
Numas águas
E dos meus pés molhados, manda-me dizer:
- É lua nova -
E revestida de luz te volto a ver.

II

Meu medo, meu temor, é se disseres:
Teu verso é raro, mas inoportuno.
Como se um punhado de cerejas
A ti te fosse dado
Logo depois de haveres engolido
Um punhado maior de framboesas.

E dirias que sim, que tu me lembras.
Mas que a lembrança das coisas, das amigas
É cotidiana em ti. Que não te enganas,
Que o amor do poeta é coisa vã.

Continuarias: há o trabalho, a casa
E fidalguias
Que serão para sempre preservadas.
Se és poeta, entendes. Casa é ilha.
E o teu amor é sempre travessia.
Meu medo, meu terror, será maior
Se eu a mim mesma me disser:
Preparo-me em silêncio. Em desamor.
E hoje mesmo começo a envelhecer.

III

Se uma ave rubra e suspensa, ficará
Na nitidez do meu verso? Há de ficar.
Também eu

Intensa e febril sobre o teu plexo.

Se cantarão Catulo, e depois dele
Meu canto vigoroso de mulher?
Hão de cantar.
Mais do que pensas o meu verso puro.

Entrelaçados o meu nome e o teu

Depois da morte? A desventura.
E as ambigüidades.

Distraído de mim, em desapego,
Eternamente cego? Claro que sim
Amado, eterno, corajoso amigo.

IV

Tenho pedido a Deus, e à lua, ontem
Hoje, a cada noite, PERPETUIDADE
Desde o instante em que me soube tua.
E que o luar e o divino perdoassem
O meu rosto anterior, rosto-menino
Travestido de aroma, despudor contente
De sua brevidade em tudo, nos afetos
No fingido amor
Porque fui tudo isso, bruxa, duende
Desengano e desgosto quase sempre.
Mais nada pedi a Deus. Mas pedi mais
À lua: que tu sofresses tanto quanto eu.

V

Ah, se eu soubesse quem sou.
Se outro fosse o meu rosto.
Se minha vida-magia
Fosse a vida que seria

Vida melhor noutro rosto.

Ah, como eu queria cantar
De novo, como se nunca tivesse
De parar. Como se o sopro
Só soubesse de si mesmo
Através da tua boca

Como se a vida só entendesse
O viver
Morando no teu corpo, e a morte
Só em mim se fizesse morrer.

VI

Como quem semeia, rigoroso, os cardos
Sobre a areia, sem ver a mulher à beira-mar
Tu, meu amigo, tensa os olhos fixos
De límpida vigília, e nem me vês passar.
E ficarás assim, para sempre
Como se as águas estanques de uma tarde

Jamais sonhassem a ventura do mar.
E ficarás assim, para sempre
Como se o oceano se obrigasse
A contornar apenas uma certa ilha
E eu

Faminta me desobrigasse

Da minha própria água primitiva.

Como quem semeia, rigoroso, os cardos
Sobre a areia, hei de ficar exata e coerente
Construindo o meu verso, até que a morte
Me descubra um dia, provavelmente

Como quem passeia.

VII

Essa lua enlutada, esse desassossego
A convulsão de dentro,ilharga
Dentro da solidão, corpo moreendo
Tudo isso te devo. E eram tão vastas
As coisas planejadas, navios,
Muralhas de marfim, palavras largas
Consentimento sempre. E seria dezembro.
Um cavalo de jade sob as águas
Dupla transparência, fio suspenso
Todas essas coisas na ponta dos teus dedos
E tudo se desfez no pórtico do tempo
Em lívido silêncio. Umas manhãs de vidro
Vento, a alma esvaziada, um sol que não vejo

Também isso te devo.

VIII

Ai, que distancimento, que montanha, que água
Estes rios fundos, o meu sumo escorrendo,
Esta chaga, ai, senhor, que já não vejo
O tempo, ando ensombrada
Quase dormida e insone pela casa
E ao mesmo tempo raposa perseguida:
Se ontem ousava correr, hoje não ousa
Antes de alegre
Do ouvido que escuta os cavalos correndo
A música dos instrumentos, dos cães o latido
E se deixa matar. Ai de mim, me conhecendo
Penitente sem ser preciso, com esse viço do amor
não me sabendo nunca perseguida
Mas sendo caça, indo à frente
E perseguindo o caçador.

IX

Debruça-te sobre a tua casa e a tua mulher
E pergunta no mais fundo de ti, no teu abismo,
Se é maior teu espaço de amor, ou maiores
Que o céu esses rigores, a ti te proibindo
Tua amiga incorporada ao teu próprio destino.
Do máximo e do mínimo e a meu favor
(Não me louvando a mim o raciocínio)
Ressurgiria um conceito didático, exemplar:
De que não cabe medida se se trata
Dessa coisa incontida que é o amor.

O coração amante se dilata. O preconceito?
Um punhado de sal num mar de águas.

X

Túlio: aceita a graça que te concede
A padroeira, a mãe do meu Senhor,
De me tomar a alma e o corpo, e atrair
Para o teu próprio gozo, essa que anda
A te louvar, essa primeira
A te cantar no verso, tua amiga, eu mesma,
Incendiada, coroada de espinhos, e apesar
Sempre viva
Se se trata de ti, do teu fervor. Aceita-me.
Que o tempo, peregrino se faz sempre
Mas nunca a contento perdurável,
E se demoras muito, uns imensos destinos
Distanciam de ti esse todo amoldável
Que se faz em mim. E milênios hão de passar
E serás velho e triste. Aceita-me. Acredita:

De mais nada serás merecedor
Se te recusas à graça da minha Virgem.

XI

Túlio, melhor é te ensinar a conhecer
Essa coisa do amor, poque entendi

Que amor não se fez no teu peito imaturo.

Se tens cinqüenta anos, eu quarenta e três,
Em mim há muitas dores, tantas
Quanto te espantas do meu brm-querer. Túlio.
Quando se ama, rubor e lividez, banalidade
A chama, se alternam, como em certas tardes
Tu vês a chuva, o chão de terra lavado,
E num segundo nem há sombra de águas
E vês o sol oblíquo, enviesado, uma luz
Quase ferida, para os teus olhos recentes
De umas águas. E há sentires plangentes,
Agonias, um não dizer inflamado, uma febre
Marejada de poesia.

E tudo o que eu te digo, tecido de palavras,
Porque te amo tanto, Túlio, disse nada.

XII

Túlio viaja. A sós. E o tempo passa.
Túlio nos ares, asa, amplidão,
E o poeta morrendo, a sós, na casa,
O coração nos ares

Ai, coração, lamenta e apaga
Teu existir de sangue
Essa desordenada convulsão
Porque Túlio viaja e não te sabe.

Sabe apenas de si, e das notícias
Supremas da política, dos homens
Fica atento à eloquência
E de ti, coração (antes que a pedra
Se julgue irmã da tua matéria
Ouve, contido): De ti, Túlio não sabe.

Porisso volta à terra, esquece os ares.

XIII

Não é isso, Túlio. Afastada de mim
A intenção de te causar tormento.
É o Tempo, amigo. A se me faço ampla
O inimigo atroz não me acompanha
Porque Túlio se faz, a cada dia, exíguo.

Deleitosa, caminho até a montanha
E tu te fechas, túbio, pesadas anteportas
Emergem do passeio a que me obrigo.
Não é tormento, Túlio. Smepre te enganas.
É essa fome de ti, esse amor infinito
Palavra que se faz lava na garganta.

XIV

Uma viagem sem fim, Túlio, eu te proponho
Um percorrer o mundo, vagaroso, uns caminhares

Largos, entre a montanha e o vale, e acertos
Entre nós dois, nós viajores, nós repensando
Os rios,
E um campo de papoulas nos tomando, um frêmito
Luminoso,
Agudos, inquietantes no entender dos outros,
Lúdicos como convém a cálidos amantes.

Viagem de madrugada milenares, Sirius intensa,
Tudo ao redor papoulas e cerejas, como convém
A mim, louca de lucidez, e como a ti, Túlio,
Comigo, te convém.

XV

Amada vida: a dádiva de ser, de Túlio
A única paisagem, inumerável, única a seus olhos,
É o que pede o poeta à amada vida. Que importa
A Túlio o contemplar os frutos, romãs, ou mesmo
Rosas, se por amor a ele me transmuto, e posso
A um tempo só, ser flor e fruto, e além do mais
Poeta, prodigiosa?
Que importa a Túlio o mergulhar nas águas
Se por amor a ele, maré alta e praia
A cada dia me faço, dadivosa? Que importa ao amado
O delisar das oras, o passo nos caminhos,
O olhar diante do Tempo, umas duras planícies,
E bulbos e romãs e rosas fenecendo
Se por amor a ele, me faço amor e morte?

XVI

Túlio, não me pertenço mais.
Nem as palavras agora me pertencem.
Antes, são tuas, a alma e a palavra
E dura dentro de ti vou me fazendo
Medo e muralha,
E se quiseres posso ser convento
A calar o meu verso, alimentar meu tempo
De corredores vazios e rosários.
Túlio, só de te ouvir o nome, desfaleço.
E a alma que sabia a entendimento,
De si mesma não sabe, nem do gozo
De te amar, que conhecia.
E se a ti, Túlio, te pertenço, ai, nunca mais
Do amor vou conhecer minha alegria.
Hei de fazer-me triste à imagem tua:
Hei de ser pedra e areia, soberba e solidão
Montanha crua.

XVII

Morte, minha irmã:
Que se faça mais tarde a tua visita.
Agora nunca. Porque o amor de Túlio
O vermelho da vida, pela primeira vez
Se anuncia fecundo. Diante da luz do sol

O meu rosto noturno de poeta te suplica
Que te demores muito contempalndo o mundo
Que te detenhas ali, antre a roseira
E o junco
Ou talvez, para o teu conforto, assim, te estendas
À sombra das paineiras, sonolenta.
Morte, contempla. Poupa, quem por amor,
Em tantos versos, também se fez rainha.
Esquece o poeta. Porque o amor de Túlio
O vermelho da vida, pela primeira vez
Secreto, se avizinha.

MODERATO CANTABILE

I

A idéia, Túlio, foi se fazendo
Em mim. Era alta a lua, e aberta
A porta escura da minha casa vazia.
Te pensei. E na minha alma fez-se
Um gosto licoroso, mordedura

Mas doce do que a própria ventura
De existir
E te pensando foi subindo a lua
E vivendo meu instante fui te vendo
Da minha vida cada vez mais perto.

A idéia, Túlio, redonda esboçada
Em azul, em ocre e sépia
Era a tua vida em mim, circunvolvida.

II

E circulando lenta, a idéia, Túlio,
Foi se fazendo matéria no meu sangue.
A obsessão do tempo, o sedimento
Palpável, teu rosto sobre a idéia

Foi nascendo

E te sonhei na imensidão da noite
Como os irmãos no sonho se imaginam:
Jungidos, permanentes, necessários
E amantes, se assim se faz preciso.

Tocar em ti. Recriar castidade
Não me sabendo casta, ser voragem
Ser tua, e conhecendo
Ser extensão do mar na tua viagem.

III

Ser nova e derradeira, recompondo
Madrugada e manhã no teu instante,
Ser tão extremada, Túlio, tão primeira

Mais te valendo percorrer meu corpo
Do que a matriz da terra. Tu me dirias:
Louca, pastora do meu tempo, te demoraste
Eterna.

A idéia, Túlio, vai se fazendo rubra
À medida que vou te refazendo.

IV

E quanto mais te penso, de si mesma

Se encanta a minha idéia. Vertiginosa
E tensa como a flecha, contente de ser viva

Te procura

Sagitário -algoz, homem-amor, teu nome
Que é preciso esconder do meu poema.
Te chamarás, quem sabe, Rufus, Antonio
Se outros olhos se abrirem sobre o verso.
A justiça dos homens, essa trama imprecisa
Me puniria a mim, me chamaria ilícita
Se o verso se mostrasse com teu nome.

A idéia, Túlio, essa ilha escondida
É límpida, encatada, se faz prata
Vive através de ti. Porisso brilha.

V

E se parece a Mei, pequena estrela
Viva na constelação de Sagitário.
Vive dentro de ti, dupla grandeza
O existir de agora, o céu em mim

No meu viver de sempre, solitário.

E de viver a idéia, de mim mesma
Do rosto, dos cabelos, do meu corpo
Dos amigos também, ando esquecida.

Rodeiam-me sem rosto, me perguntam:
E a idéia? E se vão apreensivos
Pois dupla vida é o que vive o poeta:
Entendimento e amor, duplo perigo.

A idéia, Túlio,
(resguarda-te do susto, não te aflijas)
É na verdade tudo o que me resta.

VI

Soergo meu passado e meu futuro
E digo à boca do Tempo que os devore.
E degustando o êxito do Agora
A cada instante me vejo renascendo

E no teu rosto, Túlio, faz-se um Tempo

Imperecível, justo
Igual à hora primeira, nova, hora-menina
Quando se morde o fruto. Faz-se o Presente.
Translúcida me vejo na tua vida
Sem olhar para trás nem para frente:
Indescritível, recortada, fixa.

ODE DESCONTÍNUA E REMOTA
PARA FLAUTA E OBOÉ.
DE ARIANA PARA DIONÍSIO.

I

É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas.
Voz e vento apenas
Das coisas do lá fora

E sozinha supor
Que se estivesses dentro

Essa voz importante e esse vento
Das ramagens de fora

Eu jamais ouviria. Atento
Meu ouvido escutaria
O sumo do teu canto. Que não venhas, Dionísio.
Porque é melhor sonhar tua rudeza
E sorver reconquista a cada noite
Pensando: amanhã sim, virá.
E o tempo de amanhã será riqueza:
A cada noite, eu Ariana, preparando
Aroma e corpo. E o verso a cada noite
Se fazendo de tua sábia ausência.

II

Porque tu sabes que é de poesia
Minha vida secreta. Tu sabes, Dionísio,

Que a teu lado te amando,
Antes de ser mulher sou inteira poeta.
É que o teu corpo existe porque o meu
Sempre existiu cantando. Meu corpo, Dionísio,
É que move o grande corpo teu

Ainda que tu me vejas extrema e suplicante
Quando amanhece e me dizes adeus.

III

A minha Casa é guriã do meu corpo
E protetora de todas minhas ardências.
E transmuta em palavra
Paixão e veemência

E minha boca se faz fonte de prata
Ainda que eu grite à Casa que só existo
Para sorver a água da tua boca.

A minha Casa, Dionísio, te lamenta
E manda que eu te pergunte assim de frente:
À uma mulher que canta ensolarada
E que é sonora, múltipla, argonauta

Por que recusas amor e permanência?

IV

Porque te amo
Deverias ao menos te deter
Um instante

Como as pessoas fazem
Quando vêm a petúnia
Ou a chuva de granizo.

Porque te amo
Deveria a teus olhos parecer
Uma outra Ariana

Não essa que te louva

A cada verso
Mas outra

Reverso de sua própria placidez
Escudo e crueldade a cada gesto.

Porque te amo, Dionísio,
é que me faço assim tão simultânea

Madura, adolescente

E porisso talvez
Te aborreças de mim.

V

Quando Beatriz e Caiana te perguntarem, Dionísio,
Se me amas, podes dizer que não. Pouco me importa
Ser nada à tua volta, sombra, coisa esgarçada
No entendimento de tua mãe e irmã. A mim me importa,
Dionísio, o que dizes deitado, ao meu ouvido
E o que tu dizes em pode ser cantado
Porque é palavra de luta e despudor.
E no meu verso se faria injúria

E no meu quarto se faz verbo de amor.

VI

Três luas, Dionísio, não te vejo.
Três luas percorro a Casa, a minha,
E entre o pátio e a figueira
Converso e passeio com meus cães

E fingindo altivez digo à minha estrela
Essa que é inteira prata, dez mil sóis
Sirius pressaga

Que Ariana pode estar sozinha
Sem Dionísio, sem riqueza ou fama
Porque há dentro dela um sol maior:

Amor que se alimenta de uma chama

Movediça e lunada, mais luzente e alta

Quando tu, Dionísio, não estás.

VII

É lícito me dizeres, que Manan, tua mulher
Virá à minha Casa, para aprender comigo
Minha extensa e difícil dialética lírica?
Canção e liberdade não se aprende

Mas posso, encantada, se quiseres

Deitar-me com o amigo que escolheres
E ensinar à mulher e a ti, Dionísio,

A eloqüência da boca nos prazeres
E plantar no teu peito, prodigiosa
Um ciúme venenoso e derradeiro.

VIII

Se Clódia desprezou Catulo
E teve Rufus, Quintius, Gelius
Inacius e Ravidus

Tu podes muito bem, Dionísio,
Ter mais cinco mulheres

E desprezar Ariana
Que é centelha e âncora

E refrescar tuas noites
Com teus amores breves.
Ariana e Catulo, luxuriantes

Pretendem eternidade, e a coisa breve
A alma dos poetas não inflama.
Nem é justo, Dionísio, pedires ao poeta

Que seja sempre terra o que é celeste
E que terrestre não seja o que é só terra.

IX

*“Conta-se que havia na China uma mulher
belíssima que enlouquecia de amor todos
os homens. Mas certa vez caiu nas
profundezas de um lago e assustou os peixes.”*

Tenho meditado e sofrido
Irmanada com esse corpo
E seu aquático jazigo

Pensando

Que se a mim não deram
Esplêndida beleza
Deram-me a garganta
Esplandecida: a palavra de ouro
A canção imantada
O sumarento gozo de cantar
Iluminada, ungida.

E te assustas do meu canto.
Tendo-me a mim
Preexistida e exata

Apenas tu, Dionísio, é que recusas
Ariana suspensa nas tuas águas.

X

Se todas as tuas noites fossem minhas
Eu te daria, Dionísio, a cada dia
Uma pequena caixa de palavras
Coisa que me foi dada, sigilosa

E com a dádiva nas mãos tu poderias
Compor incendiado a tua canção
E fazer de mim mesma, melodia.

Se todos os teus dias fossem meus
Eu te daria, Dionísio, a cada noite

O meu tempo lunar, transfigurado e rubro
E agudo se faria o gozo teu.

PRELÚDIOS-INTENSOS
PARA OS DESMEMORIADOS
DO AMOR.

I

Toma-me. A tua boca de linho sobre a minha boca
Austera. Toma-me AGORA, ANTES
Antes que a carnadura se desfaça em sangue, antes
Da morte, amor, da minha morte, toma-me
Crava a tua mão, respira meu sopro, deglute
Em cadência minha escura agonia.

Tempo do corpo este tempo, da fome
Do de dentro. Corpo se conhecendo, lento,
Um sol de diamante alimentando o ventre,
O leite da tua carne, a minha
Fugidia.
E sobre nós este tempo futuro urdindo
Urdindo a grande teia. Sobre nós a vida
A vida se derramando. Cíclica. Escorrendo.

Te descobres vivo sob um jogo novo.
Te ordenas. E eu deliquescida: amor, amor,
Antes do muro, antes da terra, devo
Devo gritar a minha palavra, uma encantada
Ilharga

Na cálida textura de um rochedo. Devo gritar
Digo para mim mesma. Mas ao teu lado me estendo
Imensa. De púrpura. De prata. De delicadeza.

II

Tateio. A fronte. O braço. O ombro.
O fundo sortilégio da omoplata.
Matéria-menina a tua fronte e eu
Madurez, ausência nos teus claros
Guardados.

Ai, ai de mim. Enquanto caminhas
Em lúcida altivez, eu já sou o passado.
Esta fronte que é minha, prodigiosa
De núpcias e caminho
É tão diversa da tua fronte descuidada.

Tateio. E a um só tempo vivo
E vou morrendo. Entre terra e água
Meu existir anfíbio. Passeia
Sobre mim, amor, e colhe o que me resta:
Noturno girassol. Rama secreta.

III

Contente. Contente do instante
Da ressurreição, das insônias heróicas

Contente da assombrada canção
Que no meu peito agora se entrelaça.
Sabes? O fogo iluminou a casa.
E sobre a claridade do capim
Um expandir-se de asa, um trinado

Uma garganta aguda, vitoriosa.

Desde sempre em mim. Desde
Sempre estiveste. Nas arcadas do Tempo
Nas ermas biografias, neste adro solar
No meu mudo momento

Desde sempre, amor, redescoberto em mim.

IV

Que boca há de roer o tempo? Que rosto
Há de chegar depois do meu? Quantas vezes
O tule do meu sopro há de pousar
Sobre a brancura fremente do teu dorso?

Atravessaremos juntos as grandes espirais
A artéria estendida do silêncio, o vão
O patamar do tempo?

Quantas vezes dirás: vida, vésper, magna-marinha

E quantas vezes direi: és meu. E as distendidas
Tardes, as largas luas, as madrugada agônicas
Sem poder tocar-te. Quantas vezes, amor

Uma nova vertente há de nascer em ti
E quantas vezes em mim há de morrer.

V

Aos amantes é lícito a voz desvanecida.
Quando acordares, um só murmúrio sobre o teu ouvido:
Ama-me. Alguém dentro de mim dirá: não é tempo, senhora,
Recolhe tuas papoulas, teus narcisos. Não vês
Que sobre o muro dos mortos a garganta do mundo
Ronda escurecida?

Não é tempo, senhora. Ave, moinho e vento
Num vórtice de sombra. Podes cantar de amor
Quando tudo anoitece? Antes lamenta
Essa teia de seda que a garganta tece.

Ama-me. Desvaneço e suplico. Aos amantes é lícito
Vertigens e pedidos. E é tão grande a minha fome
Tão intenso meu canto, tão flamante meu preclaro tecido
Que o mundo inteiro, amor, há de cantar comigo.

ÁRIAS PEQUENAS.
PARA BANDOLIM.

I

Os dentes ao sol
A memória engulindo
O resplendor angélico
De um lívido jacinto.

Os dentes ao sol
E o escuro momento
Do girassol no muro
Enlouquecendo.

Os dentes ao sol
Dentro de mim
A sombra dos teus dedos
Tua brusca despedida.

Do tempo
As enormes mandíbulas
Roendo nossas vidas.

II

Meu corpo no mar
E o peixe movendo

A barbatana tensa
No ar.

Meu corpo de terra
Mergulha no gozo

E te pensa

Em líquida quimera.
O corpo do peixe
Olho abismado
Hiato
Guelra sem grito

Morrendo.

III

Tuas poucas palavras
Meus atentos ouvidos
Um sopro adverso
Encrespando as águas.

Apenas escutava
O que tu não dizias.
Inteira ensimesmada
A tarde se fechava

Minha boca se abria

E não dizia nada.
Se eu pudesse diria:

Que a vida se me apaga
Porque o ouvido não ouve
O que lhe caberia.
Se disseses - Amada -
(Te parece difícil?)

Só isso bastaria.

IV

Se é morte este amor
Porque se faz sozinho
Este meu canto?
Antes diria sorte

Poder cantar morrendo
A minha morte.

Se te vou esperar
Como é certo que ao fruto
Antecede a árvore?
Certo como a terra

Antecede a árvore
E à árvore antecede
A semente na terra

Me hás de vir buscar.

V

Aprendo encantamento.

E a sós
No bandolim do tempo
Vou sorvendo a hora

Hora de amor, amigo,
Quando o teu rosto
À minha frente
E a gosto

Se fizer consentido.
Aprendo a tua demora
Como a noite paciente
Conhece a madrugada

E obscura elabora
A salamandra rara:
O dia. Tua figura.

Aprendo encantamento
E desfio encantada

O bandolim do tempo.

VI

Entendimento fatal
Demasia do gosto
Devo morrer agora

Se não me tomas.

Coração-corpo
Tão dilatado
Pulsando espesso

Se não me tomas
Vai-se o compasso
Do meu bater.

Mínimo espaço
E o meu imenso
Descompassado
Coração-corpo
Se não me tomas
Antes me faço
De crueldade:
Ao invés de versos
Te mando cardos

Ao invés de vida
Te mando o gosto

Do meu morrer.

VII

Esquivança, amigo,
É o que se faz em ti.
Frígido, esquivo
Da benquerença de mim

Quanto mais persigo
Mais te vejo
De mim o fugitivo
Córrego correndo
E eu desesperança
Me fazendo antiga.

Crescem verdores
À minha volta.
Ramas votivas
Se interdizendo:
Cubra-se a morta
Porque o amante
Se faz esquivo.
Feche-se a porta
Porque é de pedra

Impermissivo

Esse que era
O cantar da morta.

VII

E taciturno

Pelo começo
Começarias
A minha estória
Que desde o início
Já se sabia
Ter todo o vício
De malfadada
Versos dementes
Volúpia larga:

- Era tão louca
Que lá da aldeia
Onde vivia
Mandava cartas
De fogo e areia
Esbraseadas
E as outras ásperas
Nem as abria
Só de tocá-las... -

(Túlio coitado
Já se queimava)

- Mulher-poeta
E incendiada
Que outra morte
Lhe caberia? -

- Túlio, tens culpa?
- Culpo-me nada.

IX

Incontável, muda
Essa plenitude.
Incontável, mudo
Meu instante de morte.
Ando morrendo.
E sem poder, traduzo:

é punhal cintilante
Esta minha morte.
Como se fosse dor
Sem se fazer ferida,
Como se o grito
Se fizesse mudo.
(Sem ser agudo
Um silvo penetrasse
No teu profundo ouvido)

Como se eu lamentasse
Sem lamento
Sem urro.
Corpo de fogo morrendo
Sem a luz do ouro.
Isento. Puro.

Vivo do seu próprio momento.

X

As laranjas têm alma?
Tu me perguntas calmo
A testa no fruto.
Examinas. Desenrolas
A casca, o amarelo
Escorre palpitante
O sumo sobre a mesa.
Proeza da tua fome.

Tu ainda me amas?
Eu te pergunto lívida
Na manhã de tintas
Amarelo e ocre
Pulsando no meu sangue.
E te levantas, me olhas
E te fazes cansado
De perguntas antigas.

XI

Antes que o mundo acabe, Túlio,
Deita-te e prova
Esse milagre do gosto
Que se fez na minha boca
Enquanto o mundo grita
Belicoso. E ao meu lado
Te fazes árabe, me faço israelita
E nos cobrimos de beijos
E de flores

Antes que o mundo se acabe
Antes que acabe em nós
Nosso desejo.

XII

Dentro do círculo
Faço-me extensa.
Procuro o centro
Me distendendo.
Túlio não sabe
Que o amor se move
No seu de dentro
E me procura

Movente, móvil
No lá de fora.

Túlio em mim
Tem se movido
Tão desatento
Como se a nuvem
Já se movendo
Buscasse o vento
Como se a chuva
Toda molhada
Buscasse a água.

XIII

Túlio: há palavras escuras,
Guardadas, duros ramos
Dentro das arcas. Roxura
Por exemplo. É ânsia.
Convém lembrá-las
Porque me faço mordente
Nesta minha armadura,
Soberbosa, cansada
Do teu silêncio
A do laivoso das gentes.
Há palavras escuras.
Hederoso, por exemplo.
É abundante de heras.
Habena, que é chicote.
E há uma palavra rara
Em milenar repouso

No teu peito duro.
Convém lembrá-la, Túlio.
Do amor é que te falo.

Acorda tua palavra.
Usa o chicote
Antes que eu me faça escura.

XIV

Lilazes, Túlio, celebramos
O estarmos vivos, milagre
Que os demais assistem
Distraídos, e nós amantes
Nos sabemos perplexos
Floridos e vorazes
Diante deste banquete.
Vívidos, Túlio, celebremos.
Ao rei dos reis, o poeta pede
Paixão-Eternidade, Virtude
Da Razão, ainda que aos vossos olhos
Tais nobrezas a princípio pareçam
Coisa inconciliável

Mas o difícil em nós
Se faz lhaneza, porque o poeta
Pede à divindade. Ouro mais raro
É ouro permissível, se no abismo

Em que vive, coexiste
O envoltório do amor. Em nós
Convivem, Túlio, os dúplices
Dífíceis. Abracemo-nos. Celebra.
Enquanto estamos vivos.

XV

Embriaguez da vontade, Túlio,
Sangue buscando a veia
É o que me faz perpétua.
Estrela sobre a testa
E de poesia plena
Vou te buscando imensa.

Embriaguez da vontade, Túlio,
E os oponentes:
Tua pouca ciência, desafeto
Exata em mim, minha maturidade.

E haverá louvor e recompensa
Para o amor incansável do poeta.
Dentro da sua soberba
Brioso de eternidade

Túlio, de pedra.

XVI

Negra
Como a terra profunda
Que retém a seiva.

Rubra
Explodindo em sangue
Tua palavra omissa
No meu peito amante.

Túlio, lâmina aguçada
Retalhando a luz
Da minha palavra.

Turvo
Teu amor austero
Recobrando tudo.

Túlio
Castigando eterno
A perdição e a carne

Do poeta.

XVII

O poeta se fez
Água de fonte

Infância
Circunsoante
Madeira leve
Límpida caravela

E Túlio não quis.
O poeta se fez
Aroma
Voz inflamante
Vestido
Metalescente
Insânia

E Túlio não quis.

O poeta se cobre
De visgo, de vergonha
Enterra seu bandolim
Artimanha do sonho

Tem o corpo de luto
E o rosto de giz

Porque Túlio não ama.

XVIII

Se eu te pedisse, Túlio,
O ato irreparável de me amar

Te pediria muito?

Se o corpo pede à alma
Que respirem juntos
Tu dirias, dúbio,
Que se trata de um pedido singular?

Se o que eu te digo
Ouves pelo ouvido
Tu culparias
Teu inteiro sentido
Auricular?

Retoma, Túlio,
O que pertence à vida:
Meu sangue, minha poesia

E o ato irreparável de me amar.
XIX

Pela primeira vez
Me vejo moça, Túlio.
Pela última vez

Emana do meu rosto
Um brilho de ventura
Suspeitoso:
Véu redivivo
Cintilância de noiva

E a um tempo só
Também leve mortalha
Recobrando o morto.

Pela última vez
Te peço
Que tu escolhas

O que devo colocar
Diante do rosto:
Essa teia de fogo
Atrevimento
O ouro de te amar

Ou o tecido outro:
Recusa e contenção
De Túlio

Esse linho trevoso
Essa mortalha lunar
Sobre o meu rosto.

Porque me fiz
Cruz e ferida
Viva enormemente
Te suplico:

Que me permitas, Túlio,
A mim, ser moça,
Arder e colocar

Pela última vez

Minha teia de fogo
Sobre o rosto.

ÁRIA ÚNICA, TURBULENTA

Tépido, Túlio, o reino
Não é feito para os mornos.
Esse reino de amor onde és o rei
Por compulsão e ímpeto do poeta,
É feito de loucura, de atração
E não compreende tepidez, mornura
E vícios da aparência, palha, Túlio,
Tem sido o teu reinado, inconsistência.
Ou te transformas, rei de fogo e justo,
E a quem merece, dás amor e alento

Ou se refaz em ira a minha luxúria
Me desfaço de ti, muito a contento.

POEMAS AOS HOMENS DO NOSSO TEMPO

I

homenagem a Alexander Solzhenitsyn

Senhoras e senhores, olhai-nos.
Repensemos a tarefa de pensar o mundo.
E quando a noite vem
Vem a contrafacção dos nossos rostos
Rosto perigoso, rosto-pensamento
Sobre os vossos atos.

A muitos os poetas lembrariam
Que o homem não é para ser engulido
Por vossas gargantas mentirosas.
E sempre um ou dois dos vossos engulidos
Deixarão suas heranças, suas memórias

A IDÉIA, meus senhores

E essa é mais brilhosa
Do que o brilho fugaz de vossas botas.

Cantando amor, os poetas na noite
Repensam a tarefa de pensar o mundo.
E podeis crer que há muito mais vigor
No lirismo aparente
No amante Fazedor da palavra

Do que na mão que esmaga.

A IDÉIA é ambiciosa e santa.
E o amor dos poetas pelos homens
é mais vasto
Do que a voracidade que nos move.
E mais forte há de ser
Quanto mais parco

Aos vossos olhos possa parecer.

II

Amada vida, minha morte demora.
Dizer que coisa ao homem,
Propor que viagem? Reis, ministros
E todos vós, políticos,
Que palavra
Além de ouro e treva
Fica em vossos ouvidos?
Além de vossa RAPACIDADE
O que sabeis
Da alma dos homens?
Ouro, conquista, lucro, logro
E os nossos olhos
E o sangue das gentes
E a vida dos homens

Entre os vossos dentes.

III

homenagem à Natalia Gorbanievskaya

Sobre o vosso jazigo
- Homem político -
Nem compaixão, nem flores.
Apenas o escuro grito
Dos homens.

Sobre os vossos filhos
- Homem político -
A desventura
do vosso nome.

E enquanto estiverdes
À frente da Pátria
Sobre nós, a mordança.
E sobre as vossas vidas
- Homem político -
Inexoravelmente, nossa morte.

IV

A Frederico Garcia Lorca

Companheiro, morto dessassombrado, rosácea ensolarada
Quem senão eu, te cantará primeiro. Quem senão eu
Pontilhada de chagas, eu que tanto te amei, eu

homenagem a Alexei Sakarov

de cima do palanque
de cima da alta poltrona estofada
de cima da rampa
olhar de cima

LÍDERES, o povo
Não é paisagem
Nem mansa geografia
Para a voragem
Do vosso olho.
POVO. POLVO.
UM DIA.

O povo não é o rio
De mínimas águas
Sempre iguais.
Mais fundo, mais além
E por onde navegais
Uma nova canção
De um novo mundo.

E sem sorrir
Vos digo:
O povo não é
Esse pretenso ovo
Que fingis alisar,
Essa superfície
Que jamais castiga

Vossos dedos furtivos.
POVO. POLVO.
LÚCIDA VIGÍLIA.
UM DIA.

VI

Tudo vive em mim. Tudo se entranha
Na minha tumultuada vida. E porisso
Não te enganas, homem, meu irmão,
Quando dizes na noite, que só a mim me vejo.
Vendo-me a mim, a ti. E a esses que passam
Nas manhãs, carregados de medo, de pobreza,
O olhar aguado, todos eles em mim,
Porque o poeta é irmão do escondido das gentes
Descobre além da aparência, é antes de tudo
LIVRE, e porisso conhece. Quando o poeta fala
Fala do seu quarto, não fala do palanque,

Não está no comício, não deseja riqueza
Não barganha, sabe que o ouro é sangue
Tem os olhos no espírito do homem
No possível infinito. Sabe de cada um
A própria fome. E porque é assim, eu te peço:
Escuta-me. Olha-me. Enquanto vive um poeta
O homem está vivo.

VII

homenagem a Pavel Kohout

Que te devolvam a alma
Homem do nosso tempo.
Pede isso a Deus
Ou às coisas que acreditas
À terra, às águas, à noite
Desmedida,
Uiva se quiseres,
Ao teu próprio ventre
Se é ele quem comanda
A tua vida, não importa,
Pede à mulher
Àquela que foi noiva
À que se fez amiga,
Abre a tua boca, ulula
Pede à chuva
Ruge
Como se tivesses no peito
Uma enorme ferida
Escancara a tua boca
Regouga: A ALMA. A ALMA DE VOLTA.

VIII

Lobos? São muitos.
Mas tu podes ainda
A palavra na língua

Aquietá-los.

Mortos? O mundo.
Mas podes acordá-lo
Sortilégio de vida
Na palavra escrita.

Lúcidos? São poucos.
Mas se farão milhares
Se à lucidez dos poucos
Te juntares.

Raros? Teus preclaros amigos.
E tu mesmo, raro.
Se nas coisas que digo
Acreditares.

IX

homenagem a Piotr Yakir

Ao teu encontro, Homem do meu tempo,
E à espera de que tu prevaleças
À rosácea de fogo, ao ódio, às guerras.
Te cantarei infinitamente
À espera de que um dia te conheças
E convides o poeta e a todos esses
Amantes da palavra, e os outros,
Alquimistas, a se sentarem contigo

À tua mesa. As coisas serão simples
E redondas, justas. Te cantarei
Minha própria rudeza
E o difícil de antes,
Aparências, o amor
Dilacerado dos homens
Meu próprio amor que é o teu
O mistério dos rios, da terra
Da semente. Te cantarei Aquele
Que me fez poeta e que me prometeu

Compaixão e ternura e paz na Terra
Se ainda encontrasse em ti, o que te deu.

X

Amada vida:
Que essa garra de ferro
Imensa
Que apunhala a palavra
Se afaste
Da boca dos poetas.
PÁSSARO-PALAVRA
LIVRE
VOLÚPIA DE SER ASA
NA MINHA BOCA.

Que essa garra de ferro
Imensa

Que me dilacera

Desapareça
Do ensolarado roteiro
Do poeta.
PÁSSARO-PALAVRA
LIVRE
VOLÚPIA DE SER ASA
NA MINHA BOCA.

Que essa garra de ferro
Calcinada

Se desfaça
Diante da luz
Intensa da palavra.

PALAVRA-LIVRE
Volúpia de ser pássaro

Amada vertigionsa.

Asa.

XI

Se o teu, o meu, nosso do tigre
Se fizesse livre, como seria?

Se convivesses unânime
Como as estrias do dorso
Desse tigre
Convivem com seu todo

Te farias mais garra?
Ou mais crueza? Ou nasceria
Em ti uma outra criatura
Límpida, solar, ígnea?

Tentarias a sorte de saltar
Em direção à Vega, Canópus?
Te chamarias tigre ou Homem?

Homem: reverso da compulsória
Fome do tigre.
Homem: alado e ocre

Pássaro da morte.

XII

Vou indo, caudalosa
Recortando de mim
Inúmeras palavras.
Vou indo, recortando
Alguns textos antigos
Onde a faca finíssima

Sublinhava
As legendas políticas
E um punhal incisivo
Apunhalava
Um corpo amolecido
O olho aberto, uma bota
Pontiaguda
entrando no teu peito.
Os meus olhos te olhavam
Como de certo o Cristo
Te olhou, piedade
Compaixão infinita
Ah, meu amigo
Que límpida paixão
Que divina vontade
Fervor feito de lava
Fogo sobre a tua fronte
Tanto amor
E não te deram nada.
Deram-te sim
Ferocidade, grito
E sobre o corpo
Chagas
E mãos enormes, garras
Te levando o rosto
E inúmeras palavras
Tão inúteis na noite.
Diziam que adolescência
Moldou a tua idéia
Que eras como um menino

De encantada imprudência
Loucura caminhares
Na trilha da floresta
Sem luminosa armadura.
Mas eu, poeta, vou indo
Caudalosa
Recortando as palavras
Tão inúteis
E os meus olhos de treva
Vão te olhando
E te guardo no peito
Intenso, aberto
Colado a mim
Homem-Amor
Inteiro permanência
No todo despedaçado
Do poeta.

XIII

Ávidos de ter, homens e mulheres
Caminham pelas ruas. As amigas sonâmbulas
Invadidas de um novo a mais querer
Se debruçam banais, sobre as vitrines curvas.
Uma pergunta brusca
Enquanto tu caminhas pelas ruas. Te pergunto:
E a entranha?
De ti mesma, de um poder que te foi dado
Alguma coisa mais clara se fez? Ou porque tudo se perdeu

É que procuras nas vitrines curvas, tu mesma,
Possuída de sonho, tu mesma infinita, maga,
Tua aventura de ser, tão esquecida?
Por que não tentas esse poço de dentro
O incomensurável, um passeio veemente pela vida?

Teu outro rosto. Único. Primeiro. E encantada
De ter teu rosto verdadeiro, desejarias nada.

XIV

Não há bombas limpas.

Mário Faustino

Bombas limpas, disseram? E tu sorris
E eu também. E já vemos mortos
Um verniz sobre o corpo, limpos, estáticos,
Mais mortos do que limpos, exato
Nosso corpo de vidro, rígido
À mercê dos teus atos, homem político.
Bombas limpas sobre a carne antiga.
Vitrail esplendente e agudo sobre a tarde.
E nós na tarde repensamos mudos
A limpeza fatal sobre nossas cabeças
E tua sábia eloquência, homens-hiena

Dirigentes do mundo.

XV

Leopardos e abstrações rondam a Casa.
E as mão, o ato puro pretendendo. Ainda
Que eu soubesse o que tudo vem a ser,
A idéia, a garra, de mim mesma não sei
A fonte que gerou tais coisas nesta tarde.
Leopardos e abstrações. Que vem a ser?
Roxura, ansiedade? Memórias de Qadós,
Soberba e desafio se fazendo ronda
Plúmbeo Qadós diante da luz de Deus?
Se as tardes se fizessem meninice
Para que eu descansasse. Se as mãos
Fossem as mãos de Agda, eu decerto cavava.
E morrendo, descobria a mim mesma
Me fazendo leopardo e abstração
Na ociosa crueza desta tarde.

XVI

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.
Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.
Dirás que sangue é o não teres teu ouro
E o poeta te diz: compra o teu tempo

Contempla o teu viver que corre, escuta
O teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te falo.

Enquanto faço o verso, tu que não me lês
Sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.
O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:
“Meu precioso tempo não pode ser perdido com os poetas”.
Irmão do meu momento: quando eu morrer
Uma coisa infinita também morre. É difícil dizê-lo:
MORRE O AMOR DE UM POETA.
E isso é tanto, que o teu ouro não compra,
E tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto

Não cabe no meu canto.

XVII

Tudo demora. E tudo é véspera e nostalgia
Desse Agora, quando tu pensas que tudo se demora.
E porisso, noviça, aos poucos conhecendo
Repouso e brevidade desta vida, do meu ficar a sós
Pretendo apenas, fruir apesares e partidas

E júbilo também

Porque o instante consente essas duplas medidas.
Noviça da minha hora. Os rios correndo, o charco
Soterrando minúcias, quem sabe a minha memória
Conivências, o ouro do meu canto, irmãos
Dionísio e Túlio. Os rios correndo. E todos os poemas,
Fascinação de amantes e de amigos, os caminhos de volta
Pretendendo.

**PEQUENOS FUNERAIS CANTANTES
AO POETA CARLOS MARIA ARAÚJO**

(1967)

*Death be not proud, though some have called thee
Mighty and dreadful, for, thou art noe soe,
for those, whom thou think'st thou dost overthrow,
Die not, poore death, nor yet canst thou kill me.*

John Donne

CORPO DE TERRA

I

Chaga de sol, rosácea ardente
Aqueles linhos de sangue, o peito
Mais profundo, aberto, extenso,
Toda a delicadez do poeta
Flui
Exangue
Num círculo de dor. Assim te lembro.

II

Dorme o pastor. E sobre ele a pedra.
E dentro dele, no coração, no ventre
A primeira libélula. Dorme
Recente de raízes, o poeta.

III

No seu corpo de terra, dorme o inocente.
Cantou a solidão, a salamandra
“E um cavalo e um cavaleiro de barro
Carmezim”. E teve amor ao medo e à centelha
Que o fez cantar assim.

IV

Dorme o profeta. E se não escuta o vento
Ouve na minha boca o seu “Ofício de treva”.
Em aflição, em amor eu te celebro
E na tua mão flechada está o meu grito:
O que esperaste da minha boca aberta.

V

Dorme o cantor: “No dia de vossa ira
Lembraí-vos, Senhor, do sal e do carvão
Nas minas”. E alguém há de calar os algozes
Do tempo, e há de nascer a flor sobre o teu sono
E pelo teu lamento.

VI

Dorme o amigo no seu corpo de terra.
E dentro dele a crisálida amanhece:
Ouro primeiro, larva, depois asa
Hás de romper a pedra, pastor e companheiro.

VII

Pastor, as violetas estão sobre os pilares.

É tempo do poeta abrir seu canto
Tempo de iniciação, tempo de esfera
É de uma linha-mundo curvo-reta:
Trajetória de amor e de amplidão.

CORPO DE LUZ

I

Caminhas em direção ao Sul. O que te move
É alfa, Adonai, Claríssima Morada.
Teu peito é transparência em plenitude alada
E não te vejo na distância e no tempo.
Sei que a memória é límpida cancela
E que viaja a sós, eterna.

E sendo assim, a ti te reconheço.

II

Tu não estás comigo. Nem na tua noite
De antes, de granito. Nem a tua voz
É voz entre muralhas. Estás além agora:
Arco do infinito.

III

Teu sono não é o sono vulgar.
Estendes a vigília
E apreedes através da opacidade.
Também assim
Repousa o mar.

IV

Fechou-se para o efêmero das coisas
O incomensurável da retina.
Assim pousas na Verdade:
Frente de opalina.

V

Poeta, os homens manipulam a matéria.
Artífices do grande sonho dão-se as mãos
e é o meu canto o fruto dessa espera.
Canto como quem risca a pedra. Te celebro
Na mais alta metamorfose da minha época.

Não cantarei em vão.

VI

Há um espaço finito onde o meu canto paira.
E no multidimensional, na estrutura
Onde a realidade se refaz, tu te demoras.
Pastor, o que parecia tangível se evapora.
E sobre nós, a grande noite
Num etéreo nada, jaz.

VII

Sabias de outro tempo? O universo
Agora se parece a um grande pensamento.
Tu cantaste o espanto, asa de silêncio.
Eu canto o espírito
Que penetrou no reino da matéria:
Asa de espanto do conhecimento.

EXERCÍCIOS PARA UMA IDÉIA

(1967)

Exercício nº 1

Se permitires
Traço nesta lousa
O que em mim se faz
E não repousa:
Uma Idéia de Deus.

Clara como Coisa
Se sobrepondo
A tudo que não ousa.

Clara como Coisa
Sob um feixe de luz
Num lúcido anteparo.

Se permitires ousa
Comparar o que penso
O Ouro e Aro
Na superfície clara
De um solário.

E te parece pouco
Tanta exatidão
Em quem não ousa?

Uma idéia de Deus
No meu peito se faz
E não repousa.

E o mais fundo de mim
Me diga apenas: Canta,
Porque à tua volta
É noite. O Ser descansa.
Ousa.

Exercício nº 2

Épura, que translúcida
Se projeta.

Épura, feixe solar,
E de cristal. E ereta.

Épura, réstia de luz
Sobre a mão destra.

Épura, que a um só tempo
Se renova. E sem limite
Ou aresta

Toma corpo no Todo
E recomeça.

Exercício nº 3

Dentro do prisma
A base, o vértice
De suas três
Pirâmides contínuas.

Dentro do prisma
A Idéia
Que perdura e ilumina
O que já era em mim
De natureza pura.

Dentro do prisma
O universo
Sobre si mesmo fechado
Mas aberto e alado.

Dentro de mim
De natureza ígnea:
Uma Idéia do Amado.

Exercício nº 4

De espaço - tempo
De corpo e campo
Teu fundamento.

E teu nome é matéria.
Única. De estrutura

Infinitamente múltipla.

E se teu vértice pousa
Te fazes igualmente
Em Delta. E repousas.

Em ti
Começaria a minha Idéia.

Exercício nº 5

E se a mão se fizer
De ouro e aço,
Desenharei o círculo.
E dentro dele

O equitátero.

E se a mão puder,
Hei de pensar o Todo
Sem o traço.

E se o olhar
A um tempo se fizer
Sol e compasso
Medita:

Retículo de prata
Esfera e asa

Tríplice
Una
E infinita.

Exercício nº 6

E de todos os rumos
Pensei
(Como quem vê a prumo)
Um só núcleo pulsando
Claro-Escuro.

Se quiseres
Chamaremos de Delta
O feixe que se esconde,
E Eta o júbilo de ser
Área de luz e cone.
E se o núcleo é um só,
É lícito entenderes
O que Delta resguarda
Do teu olhar alerta.

E poderás dizer
Que um e outro
São infinitos-extensos
De um só Ser.

Exercício nº 7

Vereis em cada círculo
Três dimensões de um todo
Aparentemente bipartido.

Alfa se refaz. É expansão
E é cíclico. ômega se contrai
Em nova direção. Em essência
Alimenta-se
Daquela que é princípio.

Mas sempre é o mesmo Ser
Num movimento líquido
De inspiração-expiração.

Sem finitude ou arbítrio.

TRAJETÓRIA POÉTICA DO SER (I????)

(1963 - 1966)

*À memória de Nikos Kazantzakis
que me fortaleceu em amor*

Em ti, terra, descansei a boca, a mesma que aos
outros deu de si o sopro da palavra e seu poder de
amar e destruir.

PASSEIO

1

Não haverá um equívoco em tudo isso?
O que será em verdade transparência
Se a matéria que vê, é opacidade?
Nesta manhã sou e não sou minha paisagem
Terra e claridade se confundem
E o que me vê
Não sabe de si mesmo a sua imagem.

E me sabendo quilha castigada de partidas
Não quis meu canto em leveza e brando
Mas para o vosso ouvido o verso breve
Persistirá cantando.
Leve, é o que diz a boca diminuta e douta.

Serão leves as límpidas paredes
Onde descansareis vosso caminho?
Terra, tua leveza em minha mão.
Um aroma te suspende e vens a mim
Numas manhãs à procura de águas.
E ainda revestida de vaidades, te sei.
Eu mesma, sendo argila escolhida
Revesti de sombra a minha verdade.

2

Lenta será minha voz e sua longa canção.
Lentamente se adensam essas águas
Porque um todo de terra em mim se alarga.

E de constância e singeleza tanta,
Meus mortos hoje sobre um chão de linhos
Por algum tempo guardarão meu ritmo
Nos ouvidos da terra. De granito.
Pude aclarar a sombras nos oiteiros
E aquecer num sopro o vento da tarde.
Mas não vereis ainda meus prodígios
Porque haverá lideiras neste outono
E vossos olhos estarão por lá
Desocupados do sono, extremados
Para uma só visão num só caminho.

3

Quisera descansar as mãos
Como se houvesse outro destino em mim.
E castigar as falas, alimárias
Vindas de um outro mundo que não sei.
Fazê-las repetir suas longas árias
Até que a morte silencie as mandíbulas
Claras.

4

Caminho. E a verdade
É que vejo alguns portais
E entre as grades uns pássaros a leste.
Não sabem de seus passos os meus pés
Nem de mim mesma sei

Mas tantas timidizes se esvaíram
E este meu corpo agora não as tem.

E atravessando os mármore e os muros
Como se fossem mais muros de vento,
Passeio nos jazigos
E um cordeiro de pedra eu apascento.

5

Também nos claros, na manhã mais plena,
A retina ferida nesse vôo que passa além do verde,
É sempre a morte o sopro de um poema.
Entre uma pausa e outra ela ressurgue
Ilharga de sol. Ah, diante do efêmero
Hei de cantar mais alto, sem o freio
De uns cantares longínquos, assustados.

6

As aves eram brancas e corriam na brancura das lajes.
As aves eram tantas e sabiam do seu corpo de ave.

Esguias e vorazes consumiam
Os corpos que eram aves menos ágeis.
E as garras assombradas dividiam
As espessuras ínfimas da carne.

Na plumagem umas gotas de sangue
Dos corpos devorados se entrevia.
Mas da vida e do sangue não sabiam
As aves que eram tantas sobre as lajes.

O ritual sincopado das gargantas
Tinha o ruído oco de umas águas
Deitadas bem de leve em algum cântaro.
Todo o espaço se enchia desse canto
E atraía umas aves, outras tantas.

A face do meu Deus iluminou-se.
E sendo Um só, é múltiplo Seu rosto.
É uno em seus opostos, água e fogo
Têm a mesma matéria noutro rosto.
Alegrou-Se meu Deus.
Dessa morte que é vida, Se contenta.

7

O Deus de que vos falo

Não é um Deus de afagos.
É mudo. Está só. E sabe
Da grandeza do homem
(Da vileza também)
E no tempo contempla
O ser que assim se fez.

É difícil ser Deus
As coisas O comovem.
Mas não da comoção
Que vos é familiar:
Essa que vos inunda os olhos
Quando o canto da infância
Se refaz.

A comoção divina
Não tem nome.
O nascimento, a morte
O martírio do herói
Vossas crianças claras
Sob a laje,
Vossas mães
No vazio das horas.

E podereis amá-lo
Se eu vos disser serena
Sem cuidados,
Que a comoção divina
Contemplando se faz?

8

Vereis um outro tempo estranho ao vosso.
Tempo presente mas sempre um tempo só,
Onipresente.

A dimensão das ilhas eu não sei.
Será como pensardes ou como é
Vossa própria e secreta dimensão.
Às vezes pareciam infinitas
De larguras extremas e tão longas
Que o olhar desistia do horizonte
E sondava: ervas, água
Minúcias onde o tato se alegrava
Insetos, transparências delicadas
Tentando o vôo quase sempre incerto.

O peito era maior que o céu aberto.
Parávamos. E sabeis
Que o que contenta mais o peito inquieto
É olhar ao redor como quem vê
E silenciar também como quem ama.

Éramos muitos? Ah, sim
Eram muitos em mim.
O perigo maior de conviver era o perigo de todos.
Nosso Deus era um Todo inalterável, mudo
E mesmo assim mantido. Nosso pranto
Continuadamente sem ouvido
Porque não é missão de divindade

Testemunharo pranto e o regozijo.

O que esperais de um Deus?
Ele espera dos homens que O mantenham vivo.

E os verdes, os azuis, o chumbo delicado
De umas tardes, a pureza das aves
Os peixes de verniz
Na abertura mais funda de umas águas.

9

Em silêncio plantávamos nas ilhas
Se a noite era de lua prolongada.
Plantava-se na terra mais sagrada
Junto às colinas
Porque era ali que os mortos repousavam.
Ah, desamor, nosso tempo perdido
Nossa morte.

Não levávamos rosas como vós
Nem falávamos como falais
Imprudentes, o passo descuidado
E muita vez contente
De caminhar tão vivo na manhã
Sobre o chão dos ausentes.

O corpo se fechava
À entreda dos portais.

A mão direita resguardava o plexo
E só para plantar
Se abria em novo gesto.

10

Com esse caminhar que em sonho se percebe
Ou como um corpo pesado sob as águas
Movimento pausado, movimento leve
Ave maior em vôo compassado

Os cavalos da ilha se moviam
Nos grandes areias ensolarados.

O que era corpo em mim, só descansava.
O que era
Vencia aquele espaço que nos separava.

11

Cavalo, halo de memória, guardo-te no peito
Sobre este grande artéria
Fonte de vida e alento que sustenta
Amor de madurez e adolescência.

Cantando-te sou teu corpo e tu nudez.
E ombro a ombro seguimos a alameda
Casco de dor num caminho de sol

E laberada, indivicível água
Obrigando-me a ver o que tu vês.

12

Brando, o tempo escorria nos vitrais.
Brando meu passo, nos azulejos claros
Do terraço. O pássaro.

Ah, tempo de fúria sem tempo para contemplar!
Tantas vezes na tarde caminhei nos terraços
Nos pátios
E havia sempre uma limpeza rara nas muradas, na terra.

13

As faces encostadas nos vitrais
E através, as figuras e o jardim.
E era tanta a vontade de ver mais
Que uma névoa descia sobre mim
E o que eu queria ver, via jamais.
O cheiro quase rubro dos jasmims
Redobrava meu pranto de seus ais
Nessa tarde de luz nos seus confins.

Voltou-se o amigo e olhou minha tristeza.
Eu só te vejo ali. Antes não visse.

**Imaginaste a tarde. Ela não existe. ??? DEIXAR EM
NEGRITO???**

Mas seu rosto era pleno de beleza
E por isso deixei que me mentisse
Antes que só por mim ficasse triste.

14

E através dos vitrais as faces duras
Contemplavam a tarde no jardim.
O movimento leve das figuras
Caía sobre a tarde e sobre mim.

E no passeio as leves criaturas
Aspiravam o cheiro do jasmim.
Vistas de longe pareciam puras
Na claridade de uma tarde assim.

Mas o amigo voltou-se e viu meu pranto.
“É sempre a mesma noite na tua face.
Enquanto choras há lá fora um canto

Que de chorares tanto não o sabes.
Bem sei que a noite é imóvel na tua face
E não te peço alegria. Mas tu ardes”.

15

De delicadezas me construo. Trabalho umas rendas
Uma casa de seda para uns olhos duros.
Pudesse livrar-me da maior espiral
Que me circunda e onde sem querer me reconstruo!
Livrar-me de todo olhar que aundo espreita, sofre
O grande desconforto de ver além dos outros.
Tenho tido esse olhar. E uma treva de dor
Perpetuamente.
Do êxodo dos pássaros, do mais triste dos cães,
De uns rios pequenos morrendo sobre um leito exausto.
Livrar-me de mim mesma. E que para mim construam
Aqueles delicadezas, umas rendas, uma casa de seda
Para meus olhos duros.

16

E a que se fez criança, tece a rosa.
E criança também, uma mulher
Contida de silêncio e de memória,
Espera o plenilúnio e elabora
Uma saga de sol.

17

Se possível se fizer o merecê-las
Peço-te dalias, senhor, altas e austeras
Como convém a mim vivendo o estupor.
Dirás que me concedes a cássia ferrugínea
Araucária excelsa, mais sombra e mais altura

Como convém a mim, vivendo nas planuras,

Mas peço-te dalias. De frêmito contínuo
Calcinadas de vento, como convém a mim
Aturdida de amor e pensamento.
Verás. É dádiva melhor. E se possível
Uma de rubro cerne. De parca simetria.
Vendo-a, verei a mim mesma cada dia.

18

A descansada precisão da folha.
O que o olhar advinha
Sob a sua mínima extensão.
E a gravidade da flor
Irrompendo de suas claras paredes.
Em tudo o estigma de amor de uma só mão.
Em mim, de um lado, uma garra de fogo
Gigantesca, pronta para ferir
E de um gesto agudo incendiar-vos,
E do outro lado a minha outra mão
Amena. Larga.

19

Um claro-escuro de sol nos meus cantares
Porque tem sido assim a alma do homem.
Enfeitamos as coisas aparentes
Dando ternura e nome. Em aflição
Deitamos a semente

E ficamos à espera de um verão.
Em fogo se refaz o amor de sempre.

A palavra não basta para o canto.
Nem é o canto de amor essa constante
Aragem de umas praias que escolheis.
Nas ilhas um mormaço, conjeturas,
Vizinhança de chuva, mortos, vivos
Rememorando a tarde em viuvez.

20

De um exílio passado entre a montanha e a ilha
Vendo o não ser da rocha e a extensão da praia.
De um esperar contínuo de navios e quilhas
Revedo a morte e o nascimento de umas vagas.
De assim tocar as coisas, minuciosa e lenta
E nem mesmo na dor chegar a compreendê-las.
De saber o cavalo na montanha. E reclusa
Traduzir a dimensão aérea do seu flanco.
De amar como quem morre o que se fez poeta
E entender tão pouco seu corpo sob a pedra.
E de ter visto um dia uma criança velha
Cantando uma canção, desesperando,
É que não sei de mim. Corpo de terra.

21

Naquela casa azul e avarandada
As mulheres fiavam como irmãos.
Se eram de um mesmo pai as madrugadas,
A que foi mãe, amou. Memórias vãs.

De todas em amor o pai cuidava
Repartindo suas terras e sua lã.
E a que pariu em dor, a mais amada
Vigia sob a terra as tecelãs.

Se ao longo do meu rio, nos arrozais,
Avistardes a casa e as mulheres
(Dedos de azul em luz sobre o tear)

Que o passo seja breve. E muito mais
É dizer-vos que tecem malmequeres
E em vão se aquecem sob o vosso olhar.

22

Se a chuva continua, se nos ares
Apodrece a romã e o mamoeiro
Deita-te leve sobre os teus linhares
E na mulher semeia o teu herdeiro.
Há de voltar o sol nos teus pomares
E assim terás a um tempo o sol e o filho.
Deita-te. Nosso tempo de amar tem seus findares
E os frutos antecedem teu idílio.

MEMÓRIA

*Quando a memória transformada em ave
Pousar sobre o meu peito a sua leveza.*

1

E o tempo tomou forma. Assim me soube
Envolta em grande mar até a cintura.
E nada a não ser água e seu rumor
Aos ouvidos chegava. E soube ainda
Que um só gesto e sopro acrescentava
Essa vastíssima matéria. E atenta
Em consideração a mim, cobri-me de recuos.
Eu, que de docilidades me fizera.

Antes avara desse tempo que resta.
Se em muitos me perdi, uma que sou
É argamassa e pedra. Guardo-te a ti.
Em consideração a mim. Redescoberta.

2

Há certos rios que é preciso rever.
Por isso volto, Ricardo, àquelas margens
Onde na sombra um verde descansava
E um canteiro de limo sob os nossos pés

Adiante desaguava. Volto, seguindo a viagem
De mim mesma e aos poucos convergindo
Oculto, vária,
Até fechar um círculo e entender
Essa asa de fogo sobre as coisas.
Talvez neste canto eu te direi
Das estreitas passagens, do lodo
Convulsivo dos ancoradouros, dos funerais
Que vi, para chegar à luz da primeira paisagem.
Meus olhos deram volta à ilha.
Sigo pelos caminhos, transfiguro-me

Sei que um igual destino eu já cumpri
E ao mesmo tempo em tudo me descobro
Casta e incorpórea. Sou tantas,
Tantos vivem em mim e pródiga descerro-me
Pródiga me faça larva e asa.

3

Olhai o que mais vos convém.
Em tudo, o todo que sois feito
Se mantém. Pórticos, escadas
Ave sob um teto de chumbo,
O que estiver à tona, o mais fundo,
Ventre, ombro.

O caminho de dentro
é um grande espaço-tempo.

Olhai seu primeiro degrau, extenso
Terraço de mar e ainda terra.
Aqui, vosso corpo de amor se configura.

4

Mensageiro das ilhas,
Teu pés de pássaro, a mim é que procuram se caminhas.
teu manto é largo e tranqüilo. De asa teu sapato breve.
A mão direita é aberta sobre o peito leve e o teu passo
Àquele grande e pausado passo de ave que se parece.
Ah, que dor de ter assim um todo na memória!
Que dor na fluidez do tempo e a mesma hora se fazendo sempre.

5

Áspero é o teu dia. E o meu também.
Inauguro ares e ilhas
Para que o teu corpo se conheça
Sobre mim, mas é áspera
Minha boca móvel de poesia,
Áspera minha noite
Porque nem sei se o canto há de chegar
No escuro labirinto em que te fazes,

Nessa rede de aço que te envolve,
Nesse fechar-se enorme onde te moves.

Trabalho tua terra cada dia
E não me vês. O teu passo de ferro
Esmaga o que na noite foi minha vida.
E recomeço. E recomeço.

6

Despe-te das palavras e te aquece.
Toma nas mãos esses odres de terra
E como quem passeia, leva-os ao mar.
Se tudo te foi dado em abundância
O sal e a água de uma maré cheia
Eu te darei também a temperança.

Deita-te depois e vibra tua garganta
Como se fosse o início de um cantar.
Não cantes todavia.
Aqui, zona de tato e calor, margem do ser
Larga periferia, olha teu corpo de carne
Tua medida de amor, o que amaste em verdade.
O que foi síncope.
Todavia não cantes na perplexidade.

7

Vê, Ricardo, se falo tanto do ser feito de terra
É porque o resto é paisagem.
Olhei minha própria carne certa noite. E essa dor
Secular que a recobria. Tu passeavas teus olhos
Revivescendo a ilha, e meus braços castigados
Do gesto de alcançar, buscavam esse tempo de colher.
Mas eu não fui pastora. Há na terra que sou largas artérias
Mas um vento de assomos, um deslumbramento me tomava
E o gesto de plantar cristalizava-se no meu mais puro olhar.

Olhava: A figueira, a pedra umidecida da cisterna
O sol sobre o rosto das mulheres, um rosto semelhante
Àquele barro esquecido de rios. E ubíqua, viajava

Não que ali não deixasse afetos, pássaros da tarde
Cães (viajores de um dia) e presenças quando a noite
De augúrios começava. Uma parte de mim, essa de carne
E ausência, talvez não emigrasse. Os ritos, os de sempre.
Mas o olhar não era o mesmo: Pousava sobre as coisas
Mas as coisas que via não estava.

Fui vista caminhando nos pastos. Nas vides. Muitos disseram
Que o meu corpo estendeu-se sobre a terra e de tal forma
Ficamos confundidas, que as aves descansaram de seu vôo
Na minha frente de pedra. Adormeci nas paragens de sal
Cantei minha canção no pátio dos mosteiros, atravessei as pontes
Lavei-me nas águas de infinitas nascentes. Mas a boca,
A minha boca fechou-se procurando uma única fonte.

8

Ser terra
E cantar livremente
O que é finitude
E o que perdura.

Unir numa só fonte
O que soube ser vale
Sendo altura.

9

Lâ Catulo para mim pausadamente.
Ressuscitei memórias na manhã dos ventos
E abrasei-me de um sol sem arvoredos.
Vi mulheres e aves e a mim mesma revi
Ave-mulher, passeio adolescente
De umas manhãs iguais e mais amigas.

À tarde viajei nas artérias do tempo
E para não arder pensei palavras novas
E repeti meu verso mais ameno.
Foi tão longo o meu dia. Tão escura
A visão de mim mesma. Lê. Sereno.

10

Sendo tu amor, irmão, comigo te pareces.
Em ti me dessento e contigo me aplaco.
Esta larga vertente se parece à água
Do teu amor em mim, onde um dia feneço
Porque também fenece a flor apaziguada
Essa que não nasceu para ter alimento
Antes para morrer do amor desmemoriada.
E se tudo me dás, num sopro eu anoiteço.
Eu sempre serei terra. E tomando a semente
Tomo para mim uma tarefa inteira:
A de guardar um tempo, o todo que recebe
E livrá-lo depois de um jogo permanente.
Outros te guardarão. Não eu que só pretendo
Libertar na alegria o coração e a mente.

11

(Andante tranquilo)

Ainda é cedo, Ricardo, para o tempo que dizes
Da velhice. Não que sejas menino. Não o és.
Mas na noite flutuas pela casa dissipado em meiguice
Que a mulher vê no homem o menino que é.
Sei do teu riso extremo insinuando
A ferocidade da tua meninice. E pensas porque te amo
Que esqueci a arena ensolarada de outros dias
O rio coalhado de anzóis, a matança das aves
No sol do meio-dia.

Vê, Ricardo, se me foi dado cantar tua brandura,
É porque aquele que tu foste um dia, sendo feroz
Amou. Talvez por isso é que eu te amo agora.

12

(Poco più animato)

Que te alegres de mim, Ricardo. Que a clareza do verso
Não te saiba à fatuidade e tola singeleza. Posso, para te celebrar,
Ser tecelã de um dia. E se o verso nasceu enquanto a mão tecia
É porque a cadência do tear trouxe de volta ao peito
Meu mundo amável de reminiscência.

Tive uma rua clara e a vontade gentil de descobrir o mar.
E se o ombro apenas começava um movimento rítmico de asa
Eu era navegante e navegava. Que te alegres de mim.
Entardeci possuída de infância.

13

Estava entre as torres e o homem. Eu e ele.
E no instante, partiu-se o rio escuro da memória
E um ruído de claras persianas
Invadiu-nos o peito e os ouvidos.
Eram ares perdidos retornando. Grandes pássaros,
Asas e rumo de obelisco. E de prumo era o vôo.
Grande vôo, cobrindo-nos o peito e os ouvidos.

Veio um silêncio feito de altas ramas
E as mãos se abriam sem estupor antigo.

Era além do pudor o peito em chama.

ODES MAIORES AO PAI

À memória de
Apolonio de Almeida Prado Hilst, meu pai.

Meus amigos
Sérgio Milliet
Paulo Sérgio Milliet

(Largo Pesante)

I

Uns ventos te guardaram. Outros guardam-me a mim. E
aparentemente separados
Guardamo-nos os dois, enquanto os homens no tempo se devoram.
Será lícito guardarmo-nos assim?
Pai, este é um tempo de espera. Ouço que é preciso esperar
Uns nítidos dragões de primavera, mas à minha porta eles viveram
sempre,
Claros gigantes, líquida semente no meu pouco de terra.

Este é um tempo de silêncio. Tocam-te apenas. E no gesto
Te empobrecem de afeto. No gesto te consomem.

Tocaram-te nas tardes, assim como tocaste

Adolescente, a superfície parada de umas águas? Tens ainda na mãos
A pequena raiz, a fibra delicada que a si se construía em solidão?
Pai, assim somos tocados sempre.
Este é um tempo de cegueira. Os homens não se vêem. Sob as vestes
Um suor invisível toma corpo e na morte nosso corpo de medo
É que floresce.

Mortos nos vemos. Mortos amamos. E de olhos fechados
Uns espaços de luz rompem a treva. Meu pai: Este é um tempo de
treva.

II

Ah, essas dores! E o voltar contínuo ao silêncio das tardes!
Junto ao muro dos mortos o passeio se fazia longo. Estacávamos.
A tarde empobrecida de luz. O tempo galopava.
Vês? Tenho a alma pesada. Uma avidez no olhar
Antes ingênua, agora se fez grave. Há naquele campo a imutável
paisagem:
As papoulas abertas, as ruas estreitas e uma grande e única alameda.
E datas, retratos. E súbito o ocre da terra sob os passos.
A mulher caminhava. Comprimia no peito a sua flor e de humildade
Era o olhar à procura do nome. Se tu visses depois que luminosa
altives
Se insinuava, quando voltava leve, sem o peso das dádivas.
E muitas passaram vagarosas. Umas lunares, com seus rostos
aduncos.
Outras com a centelha escondida dos sacrários.

III

Não é teu este canto porque as palavras se abriram sobre a mesa.
Se chegavas era sem silêncio e tocavas as coisas
Com a leveza dos meninos arrumando os altares. Uma rosa tardia
Mesmo assim desmanchava-se e tua presença na noite eu procurava.
Ninguém jamais nos via quando nos falávamos. As perguntas de
sempre,
Os castiçais, o adro vazio da capela em frente.(E as persianas
fechadas,
Para que o sal de fora não pousasse
Nas baixelas incríveis da memória). Aquele mar repetindo seu canto
E as vozes partindo teus cristais! Como te abrigavas do ruído das
estradas
E os teus livros abertos como se desfizeram naqueles areias!
Nem sei de onde me vêm estes musgos, açoites, esta fonte que é
nova
Em minha boca, nem sei dizer da morte o que te ouvi dizer nos ecos
de umas noites.

Enquanto te celebro, as janelas do ocaso trazem risos.
E um hóspede atravessou incógnito teu jardim, afundou-se na névoa
Cansou-se do teu hálito nas arestas, nas muradas, nos cálices, em
mim.

És presente como um vento que corre entre portas abertas.

IV

Na tua ausência, na casa o perfume das igrejas. O odor
Da castidade antiga dos incensos, reacendeu a alegria da infância
E aspirei contigo o perfume menos casto das cerejas. Na casa,
Um ruído de contas de rosário, mas eu só, meu pai, te vigiava.
Os ventos te seguiram. E próxima do teu passo, au mesma era o
silêncio
A pedra. Impossível de abraço.
Uma torre contigo caminhava. Nos muros, nas escadas, refizeram
ardis
Fibras tarçadas, e aqueles pareciam mais largos, aquelas mais altas.
No teu andar, um quase nada definido. Tinhas o caminhar dos
animais,
Espaçado e perdido. Respirei teu mundo movediço: Pai, não viste o
sal da terra
Corroendo os pilares, as cruzes, a capela? E os sonho sobre a tua
fonte
É mesmo crisálida pronta para ter asas?

Abriram-se os portões mas a casa era nova. A que foi nossa
Tuas filhas te disseram que na noite, um homem e sua torre,
Com paciências guardadas, pouco a pouco a demoliram.

V

Sobrevivi à morte sucessiva das coisas do teu quarto.
Vi pela primeira a inútil simetria dos tapetes e o azul diluído
Azul-branco das paredes. E uma fissura de um verde anoitecido

Na moldura de prata. E nela o meu retrato adolescente e gasto.
E as gavetas fechadas. Dentro delas aquele todo silencioso e raro
Como um barco de asas. Que fome de tocar-te nos papéis antigos!
Que amor se fez em mim, multiforme e calado!
Que faces infinitas eu amei para guardar teu rosto primitivo!

Desce da noite um torpor singular, água sob o casco de um velho
veleiro
Calcinado. Em mim, o grande limbo de lamento, de dor, e o medo de
esquecer-te
De soltar estas âncoras e depois florir sem ao menos guardar tua
ressonância.
Abraça-me. Um quase nada de luz pousou na tua mesa
E expandiu-se na cor, como um pequeno prisma.
VI

Há tanto a te dizer agora! Meus olhos se gastaram
Procurando a palavra nas figuras, nos textos, nas estórias.
Era preciso viajar e levantada em renúncias redescobrir a morte
Além de seu sudário e suas tremuras. Quase nada aprendi. De nada
me lembrei.
Há talvez a memória de tatos, um sentir rarefeito, um ouvido inexato
Deitado em solidão sobre o teu peito. E adeuses ingênuos, calados
de vitória
E aquele de fereza, de acerto, dissolvido em orgulho, ressuscitado
Vagamente em canto. A na manhã, o meu sonho passara e a minha
VOZ
Não se erguera em poesia.

Será preciso esquecer o contorno de umas formas que vi: naves,
portais
E o grande crisântemo sobre a feixa restrita do canteiro.

Através do gradil, no terraço do tempo de perceber.
E ainda que as janelas se fechem, meu pai, é certo que amanhece.

INICIAÇÃO DO POETA

A carnagem de sal em nossos pés.

Carlos Maria de Araújo

1

O ouro do mais fundo está em ti.
Em mim, as coisas breves tomam corpo
E uma saga de bronze no meu ombro
A cada dia se transforma em chaga.
Um sol que se contrai sobre o meu rosto.
Aves de que não sei a sombra, vi-as
Na manhã quando o amor era chama
Mas num sopro perdi-as
E é grande agonia o que era gozo.
Guia-me em complacência. Que o instante
não se afaste de mim, antes padeça
Desse meu existir e eu não me perca.

2

Claro objeto onde a rainha e o rei
Perduram indefinidamente num só cetro.
Vendo-o, como se fizésseis parte

Do seu único centro, vos vereis.
Nele a terra se mantém como foi feita:
Tenebrosa e terra. Nele está o homem.
E se o olhardes bem, vosso cavalo
De cálida matéria. E no mais ínfimo
Do que vos rodeia, o que vos digo vereis.
Canto. E o meu canto se ouvirá
Onde o silêncio pesa, porque de amor se fez
Em amor conduz
E se nem sempre o que vos digo vos alegra
Não é só pena e angústia do poeta
Antes do ser, em mim, em vós,
Eternidade de dor e dessassombro.

3

Toma-me, terra generosa. Tu que foste centelha
E agora és terra, abre o teu peito e abrasa o meu
Antes de ti desfeito, ah, infinita de dor e de poder
Aceita-me. Unge-me pés e mãos. Unge-me o ventre
Que só tem sido noite e saciedade sempre
E o plexo ferido e a cintura de fogo sobre a mente
E o dorso e a laringe.
Unge-me porque em mim um outro se prepara.
E o mínimo de dádiva e a entrega antecipada que me fiz,
Ao outro se fará tão necessária cinza
Para a justeza e o porte da raiz. Unge-me a boca, a língua
Para dizer a palavra esquecida e atingir o ser.
E faze dos meus olhos a medida para olhar através

E nunca perecer.

4

Terra, de ti é que vêm essas portas de mim. E sendo de sol
A planície de pedra, de sol o vestíbulo da casa, de sol
O dorso que também foi meu, impaciente das aves, fecho-me
Porque em tudo te vejo como se fosses de água, e derramasses
Teu corpo escurecido, na paisagem. Quis para teu canto
A mais viva palavra: um só templo:
Nítido sobre a colina, limpo na luminosidade da hora.

Meu rosto será aquele de todos os teus mortos. E no entanto
Te amei como se eu mesma fosse unicamente terra, mãe, filha
Irmã na memória, múltiparas e claras, nascidas de uma só matriz
Sofridas de uma só matéria.

5

Resíduo da retina, corpo crepuscular
Cone do passado e de recusa
Rosa-retina persistindo reclusa
Vejo-te agora, espaço, esplanada
Vendo-te como quem vem de fora
Mas livre de sua múltipla aparência.

Vede minha voz: a cada dia se faz clara.
Pastor e gurdião

Pasce e resguarda a minha fala
E o que é palavra rompe
A lúcida matéria onde se esconde.

6

Sem heroísmo nem queixa, ofereço-vos
Minha mão aberta. Agora vos pertence.
Queimada de uma luz tão viva
Como se ardesse viva sob o sol. Olhai se possível
A mão que se queimou de coisas limpas.
E se souberdes o que em vós é justiça
Podereis refazê-la como à vossa mão. E depois igualada
Aproveitá-la. A cada hora, a cada hora
E para o vosso pão.

7

De luto esta manhã e as outras
As mais claras que hão de vir, aquelas
Onde vereis o vosso cão deitado e aquecido
De terra. De luto esta manhã
Po vós, por vossos filhos e não pelo meu canto
Nem por mim, que apesar de vós ainda certo.
Terra, deito miha boca sobre ti.
Não tenho mais irmãos.
A fúria do meu tempo separou-nos
E há entre nós uma extensão de pedra.

Orfeu apodrece
Luminoso se asas e de vermes
E ainda assim meus ouvidos recebem
A limpidez de um som, meus ouvidos,
Bigorna distendida e humana sob o sol.

Recordo a ingênua alegria de falar-vos.
E se falei submissa e se cantei a tarde
E o deixar-se ficar de alguns velhos cavalos,
Foi para trazer de volta aos vossos olhos
A castidade do olhar que a infância vos trazia.

Mas só tem sido meu, esse olho do dia.

8

Me afundarei nesse teu vão de terra
E a brasa da tua língua
Há de marcar em fogo o mais vivo da pedra.
Uma palavra nova há de nascer, mas clara
Palavra aérea, em ti se elaborando asa.
Em tudo nesta morte és inocente
Mas minha boca feriu-se de uns cantares
E agora silenciosa, goiva de si mesma
Não sabe mais dizer sem se ferir e breve
Há de fechar-se
Porque tem sido em tudo amenidade
E não é este o tempo de florir. Sabias
Que um pouco da tua terra endurecida

Deitou-se sobre mim? E respirei minha morte
E acendi memórias em ti refluída
E convidei meus hóspedes antigos
Aqueles mais longínquos, rigidez e cal
Sobre um corpo de pranto agora unguído.

9

E sempre será preciso o pão desta agonia:
De um lado, o passeio de uns dias ao redor do lago
O verde convalescente, tateando o mosaico
Das paredes, dócil como se falasses a ti mesmo
Depois do grande exílio de uns afetos extremos.

E a ponte. E em cada lado, um rosto.
O primeiro voltado para o mais fundo do ser,
Gasto como se o tempo ao redor existisse palpável.
Alimento.
E o outro, exposto como um tronco
Numa extensão de sal e de cimento,
Abre a sua boca para todos os ventos.

10

Como se comprimisses a mão
Sobre os teus olhos
E visses tua carnadura
Simplesmente igual a uma grande massa escura,

Como quem vê de dentro
A princípio não vendo
E aos poucos distinguindo
O sangue, o filamento, o sal da sua própria estrutura

Assim posso me ver agora.

Parte de mim
Estilhaça uma asa num círculo de ferro.
Parte de mim é um arcabouço raro.
E o que vem de ti (uma parte de mim)
São aqueles meninos
E as aves com seus corpos finos
Sobre um lado de ledas asperezas.

Sou descanso e rudeza.

11

Se viverdes em mim, vereis até onde me estendo.
Pássaro que estende em arco seu claro movimento
Um dia há de pousar e estender-se em raiz. Ares
De um tempo colaram-se nas asas e um só tempo
Pretendo. Abriu-se minha mão. E toda terra
De sua pequena superfície não se colou ao vento.

12

Grande papoula iluminando de amarelo e ouro
Esta morte de mim. Meu canto está partido.

Minha morte não é a mesma que recobriu de pedra
Vosso ouvido, mas é como se fora, porque é morte
Cantar assim e nunca ser ouvido. Grande papoula
Iluminando de amarelo e ouro, porque é vida
Querer cantar, sabendo que a canção
Só tornará mais fundo vosso sono antiquíssimo.
Dormi, pois. Descem do rio que vejo umas hastes
De trio. Um menino passeia o seu cavalo e olha o rio
E ri dentro do capinzal: Trigo perdido em direção ao mar!
Ah, boca de uma fome antiga rindo um riso de sangue.
Se pudésseis abri-la para cantar meu canto!

13

Asa de ferro, esmaga esta última fonte
De pequenas águas, agora que a memória
Na morte fez-se leve. Aqui não há mais boca.
E o que era corpo tem seu vô circular
Sobre todas as coisas. Há lugares iguais
Àqueles que cantei, girassóis com suas hastes
De terra, mas tudo como se fosse visto
Vendo a um tempo só, a paisagem e o vidro.
Os cavalos escuros correm numa extensão
De claridade. E não há sede de águas
Nem a vontade dolorida da palavra.
Estou no centro escuro de todas as coisas
Mas a visão é larga
Como um grito que se abrisse e abrangesse o mar.

SETE CANTOS DO POETA PARA O ANJO

(1962)

*Nunca fui senão uma coisa híbrida
Metade céu, metade terra
Com a luz de Mira-Celi dentro das duas órbitas.*

Jorge de Lima

Canto Primeiro

Se algum irmão de sangue (de poesia)
Mago de duplas cores no meumanto
Testeminhou seu anjo em muitos cantos
Eu, de alma tão sofrida de inocências
O meu não cantaria?

E antes deste amor
Que passeio entre sombras!
Tantas luas ausentes
E veladas fontes.
Que asperezas de tato descobri
nas coisas de contexto delicado.
Andei

Em direção oposta aos grandes ventos.
Nos pássaros mais altos, meu olhar
De novo incandescia. Ah, fui sempre
A das visões tardias!
Desde sempre caminho entre dois mundos

Mas a tua face é aquela onde me via
Onde me sei agora desdobrada.

Canto Segundo

Se te anuncio lágrimas e haveres
É para te encantares do meu canto.

Um tempo me guardei
Tempo de dor aquele
Onde o amor foi mar de muitas águas.

Se te anuncio ainda
É porque sempre em pedra fui talhada.
Em sal me consumi. E perecível
Tem sido a minha forma:
Estes dedos lunares, estas mãos
E tudo o que não foi tocado em ti.

Me queres em renúncia, em humildade
Ou íntegra e sozinha nestes cantos?
Tive ressurreição e anteparos
E alegrias inteiras.
E muitas madrugadas

A sós me confessei
Àquela irmã soturna e mais amada.

Vi quase tudo. E quase tudo andei.

Canto Terceiro

E largamente amei as criaturas.
Os ouvidos se abriam. Ramas frágeis
Meus ouvidos, aceitando ternuras.

Uns regressos de vida me contavam:

Pactos, adolescências, heroísmos.
(Tessitura franzina
Se estendendo sobre a pele mais fina)

Acaso não fui cúmplice dos meus?
Desses vindos da noite e turbados
Com seus próprios destinos?

Que terrível engano antes de ti
E vigílias inúteis e pobreza
E punições maiores, teus cilícios
Na carne! Tramas, tramas.

Que era feito de ti? Em mim, não eras.

Canto Quarto

E por que me escolheste?
Em direções menores me plasmei.
Entre uma pausa e outra fui cantando
Umhas reminiscências, uns afetos
E carregava atônita meu gesto
Porque dizia coisas que nem sei.

Ouvi continuamente muitas vozes.
Umhas de fogo e água, tão intensas
Outras crepusculares

E entendia
Que era preciso falar de uma ciência
Uma estranha alquimia:

O homem é só. Mas constelar na essência.
Seu sangue em ouro se transmuta.
Na pedra ressuscita.
No mercúrio se eleva.
E sua verdade é póstuma e secreta.

Ah, vaidade e penumbra no meu canto!
Meu dizer é de bronze
E essa teia de prata
A mim mesma me espanta.

Canto Quinto

Eu nem soube falar do amor nos homens.
(Amor feito de júbilo aparente)
Nem soube replantar no que era terra
Uma mesma semente.
Tive no peito o mantra mais secreto
E não pude vibrá-lo, alento, lira
Corda divina no seu veio certo.
Elaborei em vão todos meus sonhos.
E súbito me tomas e me ordenas
A solidão mais funda:

Estes cantos agora, alguns poemas
Um amor tão perfeito e indizível
Porque não é tumulto nem tormento.
(E se o homem na carne foi punido
O verbo diz melhor do sofrimento).

Que nome te darei se em mim te fazes?
Se o teu batismo é o meu e eu só te soube
Quando soube de mim?

Canto Sexto

A noite em verso torpe me atingia.
As coisas insofridas
Sofridas se faziam
Se eu repousasse a mão sobre suas vidas.

Um as tardes meus olhos repensaram
Uma alvura de águas pretendida.
Tão leve caminhei sobre essas águas
Que a memória foi quase imerecida.
Onde estavas emtão? Nem me sonhavas.

Deitei-me sobre um tempo que viria
E um ciclo de visões me revelava
Que no ódio dos deuses fui lembrada

Em alto vôo de ave, a esquecida.

E porque paz e vôo me faltavam
Eu desejei perder-me mais e tanto
Quanto fossem as perdas destinadas
Àqueles incapazes de algum pranto.

Perenidade e vida: Onde estavas?

Canto Sétimo

Te ocultaste. Eu morria.
Tinha na frente a chaga

E o dorso calcinado, em agonia.

Na treva de mim mesma delirava
E as pálpebras em brasa
Não sabiam da tua claridade

Porque minha alma toda se perdia
E uma vida terrena começava
Seu círculo de cinza
Sua casa.

Anjo, asa
Mão poderosa sobre a minha mão
Que o verso nunca mais transfigurava.
Prisma solarizado
Transcendência primeira
Dulcíssima presença:

Alta noite

O que foi treva em mim

Em ti resplandescia.????? **com ou sem s**

ODE FRAGMENTÁRIA

(1961)

De amor o meu poema e suas
densidades mais terrenas.

BUCÓLICAS**1**

Entre cavalos e verdes pensei meu canto.
Entre paredes, murais, lamentos, ais
(um cenário acanhado para o canto
Se o que dele se espera é até demais)
Pretendi cantar mais alto que entre os verdes
E encantar o meu sentir cansado
Naquele melhor sentir de quando era menina.
Vontade de voltar às minhas fontes primeiras.
De colocar meu mitos outra vez
Nos lugares antigos e sorrir
Como a ti te sorri, minha mãe, a vez primeira.
Vontade de esquecer o que aprendi:
Os castelos lendários são paisagens
Onde os homens se aquecem. Sós. Sumários.
Porque da condição do homem é o despojar-se.

2

Era um vale.
De um lado
Seu verde, suas brancuras.
Do outro
Seus espaços de cor
Trigais e polpas

Azuladas de sol
Ensombradas de azul.

Era um vale.
Deveria ter pastores
E água.
E à tarde umas canções
Alguns louvores.

3

O cavalo no vale.
E mais além
O meu olhar mais verde do que o vale
E claro de esperança
E querer bem.
O vento no capim.
O vermelho cansado deste outono.
Os roseirais em mim.
E tudo me parece
Tão tranquilo e leve.

E com muito cuidado
Como quem tem na mão a flor e o quadro

Espero que a paisagem desta tarde
Adormeça
O cavalo no vale
O vento no capim
Os roseirais em mim.

4

Amáveis
Mas indomáveis
O poeta e seu cavalo.
Um arcabouça pensado
Para limitar-se ao pouso
E do vôo, alimentar-se.
Sente os espaços mas sabe
Até onde irá seu passo.
Sente a beleza do salto
Mas conhece sua lhaneza:
A própria, inerte beleza
De saber-se aprisionado
E contentar-se de sonhos
Maravilhar-se de achados.
O poeta - e seu vocábulo.
O cavalo - e seu pedaço de terra
Mais nas alturas,
De brisa, de solidão e hortaliça.
Entrelaçadas aspiram
Respiram juntos.

E vistos em direção
Às cordilheiras do espanto
Quase sempre se confundem.
Sonhando reter no flanco
Exaltação e delírio,

Nas noites de grande lua
(Entre ciprestes e lírios)
O cavalo me acompanha
Às profundezas guardadas
Onde flutuam palavras.
E lá mergulho e anoiteço.
E encontro coisas do medo
Mandalas de cor, rosáceas
E malmaqueres antigos
Sobre algum livro encantado
De pergaminho, de prata
E de pensamentos idos.

5

Clarividente que sou
Nem é preciso um poente
Rico de prismas e cores.
Nem cordeiros azulados
Nem inéditos langores
Nem begônias no meu prado.

Canto o que vejo mas antes
Canto o que a alma deseja.

6

Noviça.

Aprendiz dos meus verdes e amada.
Monja pretendida, ensimesmada,
Amorosa e passiva mas fatal
Porque sem vigilância e arremedo
Há de falar-vos coisas de outro vel.
Não lhe peçam palavras escolhidas
Nem surpreendentes mitos, outros sóis.
(Há sempre uma medusa em algum lago
Nem sempre nossos verdes, girassóis).

Tribulações e medo padeceu.
(Morrer ali! Que dádiva seria!)
Noviça fez-se monja.
E assim como surgiu
No meu vale encantado se perdeu.

Queria uma cruz
Um escudo
Um cilício.
(Perdoar vossos ódios
Nossos vícios).

Nem lícito seria que vivesse
Quem assim pedia.

7

Eu caminhava alegre entre os pastores
E tatuada de infância repetia

Que é melhor em verdade ter amores
E rima transitória para o verso.
Para acantar mais alto é até preciso
Desdobrar-se em afetos e amar
Seja o que for, luares e desertos
E cantigas de roda e ditirambos.
Entre o amarelo e o rosa, a lua nova
Na vida também nova, ressurgia.

8

A noite não consente a veleidade
De retomar na memória e no tempo
O tempo em que eu senhora de vaidades,
Dissipava no verso o meu lamento.
Tempo não é, senhora, de inocências.
Nem de ternuras vãs, nem de cantigas.
Antes de desamor, de impermanência.

Tempo não é, senhora de alvoradas.
Nem de coisas afins, toques, clarins.
Antes, da baioneta nas muradas.

Tempo não é, senhora, de pastores.
Nem de roseiras, madrigais, violas.
Nem é tempo, vos digo, de ter pássaros
Azuis em vossas douradas gaiolas.

(Não houvesse paredes, língua e som,

Apartando de nós, coisas antigas.
A palavra na boca, o falar neste tom
Dá-me tanta saudade da cantiga:
Persegues
Te persigo
Vais e vens
A nas idas e voltas te bendigo)

9

Ainda em desamor, tempo de amor será.
Seu tempo e contratempo.
Nascendo espesso como um arvoredor
E como tudo que nasce, morrendo
À medida que o tempo nos desgasta.
Amor, o que renasce.

Amor, o que renasce.
Voltando sempre. Docilmente sábio
Porque na suavidade nos convence
A perdoar e esperar. Em vida. In pace.

Sutil e fraticida. Sem estima
Pelo que ama. Tristemente irmão
Antes de começar sua jornada
Antes de repetir sua canção.

Amor, o desejado.
Filho varão à espera de um condado.

10

O pássaro desenha
No seu vôo estrangeiro
(Porque nada sabemos
De pássaros e vôos
E do impulso alheio)
Um círculo de luz.
E retoma depois
Num azul claridade
Seus píncaros azuis.

TESTAMENTO LÍRICO

*Glaubt nicht, Schicksal sei mehr als
das Dichte der Kindheit
Não acrediteis que o destino seja mais do que
a história da infância e do que dela contém.*

R. M. Rilke

Se quiserem saber se pedi muito
Ou se nada pedi, nesta minha vida,
Saiba, senhor, que sempre me perdi
Na criança que fui, tão confundida.
À noite ouvia vozes e regressos.
A noite me falava sempre sempre
Do possível de fábulas. De fadas.
O mundo na varanda. Céu aberto.
Castanheiras douradas. Meu espanto
Diante das muitas falas, das risadas.
Eu era uma criança delirante.
Nem soube defender-me das palavras.
Nem soube dizer das alfições, da mágoa
De não saber dizer coisas amantes.
O que vivia em mim, sempre calava.

E não sou mais que a infância. Nem pretendo
Ser outra, comedida. Ah, se soubésseis!
Ter escolhido um mundo, este em que vivo,

Ter rituais e gestos e lembranças.
Viver secretamente. Em sigilo
Permanecer aquela, esquiva e dócil.
Querer deixar um testamento lírico
E escutar (apesar) entre as paredes
Um ruído inquietante de sorrisos
Uma boca de plumas, murmurante.

Nem sempre há de falar-vos um poeta.
E ainda que minha voz não seja ouvida
Um dentre vós, resguardará (por certo)
A criança que foi. Tão confundida.

HERÓICAS

1

Se há muito o que inventar por estes lados
O que sei com certeza são meus fados
Exigindo verdades e punindo
Os líricos enganos da beleza.

À procura da rosa tenho andado
Causando às criaturas estranheza.
(Se me encontrares
Terei um jeito de flor
E um não sei quê de brisa
Nos meus ares.

Hei de buscar a rosa
- A dos altares -
E sinto graça nos pés
(Leveza nos andares)

Não temes
As deidades atentas da memória
Os gnomos secretos, a loucura
A morte?

2

Morremos sempre.
O que nos mata
São as coisas nascendo:
Hastes e raízes inventadas
E sem querer e por tudo
Se estendendo,
Rondando a minha
Subindo vossa escada.
Presenças penetrando

Na sacada.
Invasões urdindo
Tramas lentas.
Insetos invisíveis
Nas muradas.
Eis o meu quarto agora:
Cinza e lava.

Eis-me nos quatro cantos
(Morte inglória)
Morrendo pelos olhos da memória.
Aproximam-se.
E libertos da presença da carne
Se entreolham.

*O teu nascer constante
Traz castigo.
Os teus ressuscitares
Serão prantos.*

3

Distorço-me na massa
De uma argila sem cor
Mil vezes me refaço
E me recrio em dor.

E pouso lentamente
Sob a testa fria
Os girassóis na mente.

*Antes as órbitas vazias!
Será eterno o júbilo de ter
Espátulas e nume
Nas mãos e no ser?*

Bastasse o confessar-me e assim punir-me
De toda intemperança dos humanos.
Bastasse o que não sou e o refluir-me
Longínqua na maré desordenada.

4

Sendo quem sou, em nada me pareço.
Desloco-me no mundo, ando a passos
E tenho gestos e olhos convenientes.
Sendo quem sou
Não seria melhor ser diferente
E ter olhos a mais, visíveis, úmidos
Ser um pouco de anjo e de duende?
Cansam-me estas coisas que vos digo.
*As paisagens em ti se multiplicam
E o sonho nasce e tece ardis tamanhos.*
Cansam-me as esperanças renovadas
E o verso no peito repetido.
Cansa-me ser assim quem sou agora:
Planície, morte, treva, transparência.
Cansa-me o amor porque é centelha
E exige posse e pranto, sal e adeus.

*Queres o versos ainda? Assim seja.
Mas viverás tua vida nesses breus.*

5

Um todo me angustia.

Se era de amor a ilha
E o mar à minha volta,
Não será menos certo
Que a sextilha de agora
Das formas que pensei
É a mais remota.
Temos jeitos de ser.
(Às vezes obscuros
Como convém ao ser)
Se em nada me detenho
Água de muitos rios
Passando por canais
De grande amor e mágoa,
Em tudo me detenho
E sei que sou raiz.
E se às vezes abrigo

Num caminhar reateiro
As solidões alheias,
Às vezes vertical
Encontro aquele mundo
Que é também o da terra
Feérico e abismal.

*Tão grande ambivalência
Concedida aos homens
Terá sido dos deuses
Complacência?*

6

Se falo
É por aqueles mortos
Que dia a dia
Em mim se ressuscitam.
De medos e regards
É a alma que nos guia
A carne aflita.
E de espanto
É o que tecemos:
Teias de espanto
Ao redor da casa
Onde vivemos.
Trituramos cada dia
(Agonizantes amenos)
Constelações e poesia
E um certo jeito de amar
Que a nós, de vós
E vertigens, não convém.
E quem sabe o que convém
A seres tão exauridos.
Concedemos
Alento, nudez, lirismo
E contudo o que mais somos
São estes sonhos
Adentros indevassáveis
Bosques lilazes

Caminhos levando ao mar
Aves
Aves.

7

Ramas nas margens do rio que me pretendo.
E entre rio e regato, prodigiosa e leve
Levo no meu leito mais auroras.
Contente de mim mesma me inauguro sonora.

Se é preciso parar, colher raízes
Rememorar as sagas e ao lembrá-las
Imaginar um gesto, vado e vaga,
É preciso também um riso aberto
E claro e cristalino.
E retomando o caminho da rosa
De órbita iluminada mas fremosa
Me vejo em penitência, brasa e espinho.

Ah, deidades,
O vosso riso inflama
Ainda mais
O passo de quem ama.
De coração ardente
Eis-nos aqui.
Não haverá magia
Nem vertende
Nem secreto conluio

Nem labareda clara
Ostentando uma rosa
Que não a preclara,
Que cegue o entendimento
E que vacile o andar.
Somos a um mesmo tempo
Rio e mar.
Na laringe e no peito
Renasce cada dia
Um estigma de luz
Um signo perfeito
E nada nos escurece a mente ou nos seduz.

*Vós, humanos,
De gesto tantas vezes suplicante.
De coração ardente, dizeis?
A nós parece exangue
Esse pulsar contínuo
E tarefa insensata
Porque nós, divinos,
Temos no peito a força
O altar
A lança
E um todo movediço nos contém.
E se o arder renova
A sarça da esperança,
Um secreto poder consome a própria chama.
Vós, humanos,
De invólucro oscilante*

*E impermanente
Mortais e fustigados
Pretendeis o mais alto?
Amargos destinos.
Buscar a rosa
Cabe a nós, divinos.
Em nós a claridade
Em nós tamanho amor
E sol e santidade...*

E suas gargantas de aço
Inundaram de lava
Aquilo que era espaço.

8

Era ali? Era adiante aquele muro
De claro verde musgo? Era distante?

Os mortos ressurgiram e cantaram:
Se a perfeição é a morte
Talvez por isso imortais
Há muito que existimos.
Mas se algum dentre vós
É sopro divino, encantai-nos:
Árvore, pedra, ar se vos apraz.
Vida perpétua mas paciente e quieta.

Se o que vos guia é a fala de um poeta

Há muitos entre nós. E procuraram
O todo uniforme: Hálito, sudário
E o mais além do homem.
Iguais a vós, a nós nos encontraram.
Eram velozes e límpidos. Asas
Nos pés humanos e por isso frágeis.

E apesar da eloqüência que os mantinha
Quando a noite chegava se crispavam
Como a mulher fecunda que é sozinha
E sabe do seu tempo incerto e pouco.

Como os humanos temem suas trevas!
Como temeis em vós a criatura!
E mal sabeis que é sempre na clausura
Que a vida se aproxima e recomeça.
Humildade e abandono. E que a palavra
Se tentar existir, seja singela.
E se for sábia, estranha à vossa lavra
Orai àqueles que a fizeram bela.

9

Ai de nós, peregrinos,
Antes do amanhecer
Sonhando eternidades!
Não é nosso o destino
De amar e perecer.
Antes vertiginosos

Tateamos na sombra
A lage dos abismos.
E uma vez lacerados
Queremos a montanha.
Seu arco-íris. Seu lago.

Amor e amenidade
É reservado aos filhos,
Aos amantes. A nós
Que verdes e que prados
E que planície extensa
Nos tranqüiliza o olhar?

Se fôssemos aqueles
Feitos de areia, tantos,
Onde a água resvala
E volta e serpenteia
Mas deixa um só vestígio
De umidade ou de pranto.

Ai de nós, mutilantes,
De afetos imprecisos,
De repente tomados
À lua das vazantes

Num relance possessos
Possuídos
Inflamando o sentir
Recomeçando aquele, o mesmo canto.

Estuários freqüentes
Desviam nossas velas.
E de que lado, onde
Uma visão mais bela
Se o único prazer
é ter o mar, o vento
E naufrágios além
E descobertas
E permanências veladas
Muito ausência.
Em que montaha azul a nossa meta?

10

Se havia em nossa voz uma cadência,
Crescia em nosso peito uma brandura
Tão poderosa e viva e assim tão pura
Como se fosse a vida, a nossa vida,
Um caminhar tranqüilo de inocência.
Um pouco do divino está em nós.
Descobri-lo foi antes debruçar-se
Descer pausada sem tocar rochedos,
Água de um mar imenso mas guardado

Sob um caudal de lírios e de medos.
Era do alto a força que nos vinha.
E à memória do tempo incorporou-se
Outra memória lúcida e candente.
Éramos nós ainda sibilantes

Soprando a cinza secular da mente?
Dou testemunho apenas da certeza
De uma visão suprema, luz e prata
De dimensão tão vasta e tão serena
Que o poeta apesar de ter vivido
Seus cânticos de amor
E de saber-se até predestinado
Porque sentiu temores, alegrias,
Guardou-se amante, iluminou-se crente
Cobriu-se de ternuras e de lendas
Não conheceu prazer ilimitado
Que suportasse o humano e suas penas.

11

Rosa consumada
Trajetória perfeita
Exatidão mais alta!

Pesa sobre nós
O limite da carne

O pensamento
Discursivo e lento.
Em nós
Corpóreos e pequenos
A fúria da vontade
E mil abstrações
No amor e na verdade.

Nem sabemos porque

Construímos e amamos.

Mutáveis, imperfeitos
O mundo nos oprime

E nos comprime o peito.

Dúplices desatentos
Lançamos nossos barcos
No caminho dos ventos.

E nas coisas efêmeras
Nos detemos.

**TROVAS DE MUTTO AMOR
PARA UM AMADO SENHOR**

(1960)

Canção, não digas mais; e se teus versos
 À pena vem pequenos,
Não queiram de ti mais, que dirás menos.

Luiz de Camões

I

Nave
Ave
Moinho
E tudo mais serei
Para que seja leve
Meu passo
Em vosso caminho.

II

Amo e conheço.
Eis porque sou amante
E vos mereço.

De entendimento
Vivo e padeço.

Vossas carências
Sei-as de cor.

E o desvario
Na vossa ausência

Sei-o melhor.

Tendes comigo
Tais dependências
Mas eu convosco
Tantas ardências

Que só me resta
O amar antigo:
Não sei dizer-vos

Amor, amigo
Mas é nos versos
Que mais vos sinto.
E na linguagem
Desta canção

Sei que não minto.

III

Dizem-me:
Por vos querer
Peerco-me a mim
E logo
Vos perderei.

Dizem-me coisas
Tão várias
Que desconheço
E tão raras

Que mais pareço
De um mundo
Longe de vós
E de tudo.

Dizeres
De toda gente
A mim bem pouco
Me importa.

Hei de querer-vos
Tão clara
Com tais enlevos

Que se um dia
Vos lembrardes
De mim

Há de ser nos trevos.
É tanta sorte
Senhor
Encontrardes
A um só tempo

Mulher
Vate
Trovador.

IV

Convém amar
O amor a rosa
E a mim que sou
Moça e formosa
Aos vossos olhos
E poderosa
Porque vos amo
Mais do que a mim.

Convém amar
Ainda que seja
Por um momento:
Brisa leve a
Princípio e seu

Breve momento
Também é jeito
De ser, do tempo.

Porque ai senhor
A vida é pouca:
Um bater de asa
Um só caminho

Da minha à vossa
Casa...

E depois, nada.

V

*Não sou casado, senhora,
Que ainda que dei a mão
Não casei o coração.*

Bernardim Ribeiro

Serei menos eu
Dizer-vos, senhor meu,
Que às vezes agonizo
Em vos vendo passar
Altaneiro e preciso?

Ai, não seria.

E na mesma calçada
Por onde andais, senhor,
Anda vossa senhora.
E sua cintura alada
Dá-me tanto pesar
E me faz sofrer tanto

Que não vale o chorar
E só por isso eu canto.

Seria menos eu
Dizer-vos, senhor meu,
Por serdes vós casado
(E bem por isso mesmo)
É que sereis amado?

Ai sim seria.

VI

Deus Nosso Senhor conceda
Mercês e graças a quem
(por ser assim delicada)
Pode perder o seu bem.

Cantar meu amor eu canto.
E canto com alegria.
Mas não é um todo fidalgo
E quase uma alegoria

Cantar de vossa senhora
A cintura e a valia?

Mas eu que morro de amores
Tenho tantas estranhezas...
E se não morro de amores
Morro de delicadezas.

E que Deus Nosso Senhor

Me guarde na Sua grandeza.

VII

Fineza minha, senhor,
É o muito vos repetir
Um amor já confessado.
(A princípio sem cuidado
Porque não vos conhecendo
à força de repetir
O que não é acaba sendo.)

Mas hoje vos conhecendo
E tendo sido afligida
Por males próprios do amor,
Não é fineza tão grande
Fazer-vos tal juramento?

Ai é sim meu senhor.

Porque se acaso depois
Passado tanto tormento
Eu nunca mais vos lembrasse
Do amor o encantamento,
Fineza é que não seria.

E é pois o que venho tendo.

VIII

A vossa casa rosada
Tem ares de fidalguia.
Se passo por ela, sofro,
Se não passo, noite e dia...

Penso nela.

Na verdade vos persigo.
E na verdade vos tento.
Se a casa não é comigo
Por que tenho o pensamento

(- Junto dela?)

Lá não vos vejo. Pressinto
O vosso andar, vossa fala.
E sei de vossos afetos
E a boca por isso cala.

mas canta. Porque é preciso.

IX

A minha voz é nobre
E mansa se vos falo.
Se me fazeis sofrer
Para não vos magoar

É que me calo.

Nada fere melhor
(mais que a voz angustiada)
Uma voz de marfim.
E se não sei dizer
Em não sendo assim,
Fere a delicadeza
Mais que a vós, a mim.

E por isso me calo.

X

Amor tão puro
Amor impuro
Nada parece
Ser mais escuro
Que o definir-vos:
Às vezes graça
Tão luminosa
Às vezes pena
Tão perigosa...

E às vezes rosa
Tão matutina
Que a mim não cabe
(Eu, peregrina)
O descobrir-vos.

- Ai, quem padece
De tanto amor
E em alta chama
Sua vida aquece?

- Ai, quem seria?
Sendo por vós
Só poderia
Se eu, senhor.

XI

Tenho sofrido
Penas menores.
Maiores
Só as de agora:
Amor tão grande
Tão exaltado
Que não se morre
Também não sabe
Viver calado.

Morrer não há de.
Calar não pode.
Sabe morrer
Quem morre
Se não vos vê?
Sabe calar
A que nasceu

Somente
Pr'a vos cantar?

Tenho sofrido
Porque de amor
Tenho vivido.
Amor tão grande
Tão exaltado
Que se o perdesse
Nada seria
Mais cobiçado.

XII

Se não vos vejo

Vos sinto por toda parte.
Se me falta o que não vejo
Me sobra tanto desejo
Que este, o dos olhos, não importa.

(Antes importa saber
Se o que mais vale é sentir
E sentindo não vos ver.)

São coisas do amor, senhor,
Desordenadas, antigas.
E são coisas que se inventam
Pr'a se cantar a cantiga.

Não são os olhos que vêem
Nem o sentido que sente.
O amor é que vai além
E em tudo vos faz presente.

XIII

Dizeis que tenho vaidades.
e que no vosso entender
Mulheres de pouca idade
Que não se queiram perder

É preciso que não tenham
Tantas e tais veleidades.

Senhor, se a mim me acrescento
Flores e renda, cetins,
Se solto o cabelo ao vento
É bem por vós, não por mim.

Tenho dois olhos contentes
E a boca fresca e rosada.
E a vaidade só consente
Vaidades, se desejada.

E além de vós
Não desejo nada.

XIV

Rica de amores
Tive perdida
Minha tão pobre
Tão triste vida.

Rica de amores
Mas ai! por dentro
Tão consumida!
Tão triste
Tão assustada
Que eu bem sabia
Não ser aquela
A minha vida
Predestinada.
Tão triste vida.

Mas ai, tornada
Leve
Quieta
Cantada...

Amores tive
Amor cantei
Nenhum logrei
Cantar tão bem.

XV

Deu-me o amor este dom:
O de dizer em poesia.
Poeta e amante é o que sou
E só quem ama é que sabe
Dizer além da verdade
E dar vida à fantasia.

E não dá vida o amor?
E não empresta beleza
Àquele que se quer bem?
Que não vos cause surpresa
O perceber neste amor
Fidelidade e nobreza.

E se eu soubesse que à morte
Meu muito amar conduzia,
Maior nobreza de amante
Afirmar-vos inda assim
Que ele tal e qual seria
Como tem sido agora:

Amor do começo ao fim.

XVI

Maus olhos
Seguem o barco
E o arco
Dos horizontes

E os mares
E a flor e a fonte
Caminho
E caminha o monte.

Meus olhos
Seguem o barco
Mar alto
No fundo o peixe.
E a vós
Senhor excelente:
Corda prendida ao feixe.

XVII

Moças donzelas
Querem cantar amor
Sem mais aquelas.

Canto eu por elas.

Se forem belas
Ficam melhor à tarde
Ai, nas janelas.

Fico eu por elas.

E se as cancelas
Das casas onde vivem

Ai, cuidam delas

Saio eu por elas.

E em sendo belas
Pretendam conseguir
Grinalda e perlas

Velo eu por elas.

Mas ai daquela
Que em vós deitar o olhar...
Solteira e bela

Ao, pobre dela.(??????? Ai)

XVIII

Que seja nossa um dia
A casa que eu, senhor,
Imaginei
Para viver convosco
Em alegria.

Que tenha uma varanda
E uma roseira
E por perto
Uma fonte esquecida
Na clareira.

Que à noite se advinhe
A graça de um ruído.
Porquanto o que se vê
Tolhe a imaginação
E perturba o sentido.

Que haja luz nas manhãs
E rosas nos ocasos.
E alguns versos de amor
De uma mulher tranqüila

E ao vosso lado.

XIX

Se o amor é merecimento
Tenho servido a Deus
Mui a contento.

Se é vosso meu pensamento
Em verdade vos dei
Consentimento.

E se mereci tal vida
Plena de amor e serena
Foi muito bem merecida.

E em me sabendo querida

Dos anjos e do meu Deus,
Na morte pressinto a vida.

E o que se diz sofrimento,
No meu sentir é agora
Contentamento.

E se amor morre com o tempo
Amor não é o que sinto
Neste momento.

XX

Guardai com humildade
Estas trovas de amor.
E se um dia eu morrer
Antes de vós
Como sói muita (muito ou muita vez ????)
Acontecer

Lembraí-vos: o que dei
Foi um amor tão puro
Atormentado mas
Tão claro e limpo
E sentireis, senhor,
Tudo o que sinto.

ROTEIRO DO SILÊNCIO

(1959)

À memória de meus amigos

Otávio Mendes Neto
Zita Cintra Gordinho
José Luiz Pati
Sérgio Galvão Coelho

Não há silêncio bastante
Para o meu silêncio.
Nas prisões e nos conventos
Nas igrejas e na noite
Não há silêncio bastante
Para o meu silêncio.

Os amantes no quarto.
Os ratos no muro.
A menina
Nos longos corredores do colégio.
Todos os cães perdidos
Pelos quais tenho sofrido:
O meu silêncio é maior
Que toda solidão
E que todo silêncio.

CINCO ELEGIAS

É TEMPO DE PARAR AS CONFIDÊNCIAS

1

Teus esgares, de repente,
Teus gritos
Quem os entende?
E todos os teus ruídos
Teus vários sons e mugidos
Quem os entende?

E foi assim que o poeta
Assombrado com as ausências
Resolveu:
Fazer parte da paisagem
E repensar convivências.
Em vão tenho procurado
A glória das descobertas.
Em vão a língua se move
Trazendo à tona o segredo.
Em vão nos locomovemos.
Para onde pés e braços?

Distantes os hemisférios

E as relíquias da memória.
Tão distante a minha infância
Pudor, beleza, invenção
E o ouro da minha trança
Não teve sequer canção.
Cresci tão inutilmente
Quando devia ficar
Debaixo das laranjeiras
À sombra dos laranjais.
Cresci, elegi palavras
Qualifiquei os afetos.
Vestígios de madrugada
Diante dos olhos abertos.
Claridades, esperanças,
Em tudo a cor e a vontade
De ver além da distância.

Depois as visões, as crenças
Algumas falas a sós
Premeditadas vivências
Graves temores na voz.
Era ou não
Abrasada adolescência?

2

O vocábulo se desprende
Em longas espirais de aço.
Ajustemos a mordança

Porque no tempo presente
Além da carícia, é a farsa
Aquele que se insinua.
Faço parte da paisagem.
E há muito para se ver
Aquém e além da colina.
Há pouco para dizer,
Quando a alma que é menina
Vê de um lado o que imagina,
Do outro o que todos vêem:
O sol, a verdura fina
Algumas reses paradas
No molhado da campina.
Ventura a minha, a de ser
Poeta e podendo dizer
Calar o que mais me afeta.
Ventura ter o meu mundo

E resguardá-lo das cinzas
Das invasões e dos desgts.
Ah, poderiam ter sido
Encantados e secretos

Aqueles brandos colóquios
Que outrora se pareciam
Às doces falas do afeto.

As coisas que nos circundam
(Na aparência desiguais)
Conservam em suas essências
Ai, aquela mesma e triste
Parecença.
Difícil é escolher
Entre viver e morrer.
Difícil é o escutar-se
E ao mesmo tempo escutar
Rigores que vêm da terra
Lirismos que vêm do mar.
Auroras imprevisíveis
Entre Platão e Plutão.
Entre a verdade e os infernos
Dez passos de claridade
Dez passos de escuridão.
Consinto que me surpreendas
Dizendo palavras densas.
O não dizer é o que inflama
E a boca e o movimento
É que torna o pensamento
Lume
Cardume
Chama.
Não tenho tido descanso
Do falarar de quem ama.
Amor é calar a trama.
É inventar. É magia.
As palavras engenhosas
E os teus dizeres do dia

À noite não tem sentido

Quando arquiteto a elegia.
E sendo assim continuo
Meu roteiro de silêncio
Minha vida de poesia.

4

Não te espantes da vontade
Do poeta
Em transmudar-se:
Quero e queria ser boi
Ser flor
Ser paisagem.
Sentir a brisa da tarde
Olhar os céus, ver as tardes

Meus irmãos, bezerros, hastes,
Amar o verde, pascer
Nascer junto à terra
(À noite amar as estrelas)
Ter olhos claros, ausentes,
Sem o saber ser contente
De ser boi, ser flor, paisagem.
Não te espantes. E reserva
Teu sorriso para os homens
Que a todo custo hão de ser
Oradores, eruditos,

Doutos doutores
Fronte e cerne endurecido.
Quero e queria ser boi
Antes de querer ser flor.
E na planície, no monte
Movendo com igual compasso
A carcaça e os leves cascos
(Olhando além do horizonte)
Um pensamento eu teria:
Mais vale a mente vazia.
E sendo boi, sou ternura.

*Aunque pueda parecer
Que del poeta
Es locura.*

5

É tempo para dizer
Se prefiro o teu amor
Àqueles, aos doces ares
Da minha campina em flor.
Tu que projetas e inventas
Estruturas ascendentes
E sonhas com superfícies
Além deste continente,
Tu que conheces melhor
As coisas do querer bem

(Porque até agora te quis
E antes não quis ninguém)
Tu, bem o sei, me presentes.
E mais ainda, me vês
Tão perto do querer ser
Deste amor sempre contente.
Ah, descantares, lamentos,
As leves coisas do tempo
Têm seu tempo e seus altares.
É tempo para escolher
O anoitecer nas planuras
E o contemplar luaceiros
E é tempo para calar
A estória dos meus roteiros.
Paisagem, tu me alimentas
De verde, de sol, de amor.
E numa tarde tranqüila,
Nos longes, seja onde for
Lembra-te um pouco de mim:
Que eu morra olhando as alturas.
E que a chuva no meu rosto
Faça crescer tenro caule
De flor. (Ainda que obscura)

SONETOS QUE NÃO SÃO

*Aflição de ser terra
Em meio às águas*

Péricles E. da Silva Ramos

1

Aflição de ser eu e não outra.
Aflição de não ser, amor, aquela
Que muitas filhas te deu, casou donzela
e à noite se prepara e se advinha

Objeto de amor, atenta e bela.
Aflição de não ser a grande ilha
Que te retém e não te desespera.
(A noite como fera se avizinha).

Aflição de ser água em meio à terra
E ter a face conturbada e móvel.
E a um só tempo múltipla e imóvel

Não saber se se ausenta ou se te espera.
Aflição de te amar, se te comove.
E sendo água, amor, querer ser terra.

2

É meu este poema ou é de outra?
Sou eu esta mulher que anda comigo
E renova a minha fala e ao meu ouvido
Se não fala de amor, logo se cala?

Sou eu que a mim mesma me persigo
Ou é a mulher e a rosa que escondidas
(Para que seja eterno e meu castigo)
Lançam vozes na noite tão ouvidas?
Não sei. De quase tudo não sei nada.
O anjo que impulsiona o meu poema
Não sabe da minha vida descuidada.

A mulher não sou eu. E perturbada
A rosa em seu destino, eu a persigo
Em direção aos reinos que inventei.

3

Tenho medo de ti e deste amor
Que à noite se tranforma em verso e rima.
E o medo de te amar, meu triste amor,
Afasta o que aos meus olhos aproxima.

Conheço as conveniências da retina.
Muita coisa aprendi dos seus afetos:
Melhor colher os frutos na vindima
Que buscá-los em vão pelos desertos.

Melhor a solidão. Melhor ainda
Enlouquecendo os meus olhos, o escuro,
Que o súbito clarão de aurora vinda

Silenciosa dos vãos de um alto muro.
Melhor é não te ver. Antes ainda
Esquecer de que existe amor tão puro.

4

Que não se leve a sério este poema
Porque não fala do amor, fala da pena.
E nele se percebe o meu cansaço
Restos de um mar antigo e de sargaço.

Difícil dizer amor quando se ama
E na memória aprisionar o instante.
Difícil tirar os olhos de uma chama
E de repente sabê-los na constante

E mesma e igual procura. E de repente
Esquecidos de tudo que já viram
Sonharem que são olhos inocentes.

Ah, o mundo que os meus olhos assistiram...
Na noite com espanto eles se abriram.
Na noite se fecharam, de repente.

5

A voz diz o verso e a cantiga
Tem repetido mil vezes que te ama.
A voz amante, amor, não tem medida
E lenta é quase sempre leve e branda.

Que não conheça o grito a minha garganta
Porque bem sei quem és e de onde vens.
E nem penses que a mim me desencantam
As filhas que eu não tive e que tu tens.

Amo-te a ti e a todos esses bens.
Fosse maior o amor tu saberias
Que se te amo a ti, amo tuas filhas.
(Se as vejo são meus olhos que te vêem).

Amo-te tanto. Sendo breve a vida,
Impossível a volta àquela infância,
Que seja a tua ternura desmedida
Como se eu fosse também uma criança.

6

Leva-me a um lugar onde a paisagem
Se pareça àquela das visões da mente.
Que seja verde o rio, claro o poente
Que seja longa e leve a minha viagem.

Leva-me sem ódio e sem amor
Despojada de tudo que não seja
Eu mesma. Morna estrutura sem cor
A minha vida. E sem velada beleza.

Leva-me e deixa-me só. Na singeleza
De apenas existir, sem vida extrema.
E que no escuro claustro do poema
Eu encontre afinal minha certeza.

DO AMOR
CONTENTE E MUITO
DESCONTENTE

1

Iniciei mil vezes o diálogo. Não há jeito.
Tenho me fatigado tanto todos os dias
Vestindo, despindo e arrastando amor
Infância, sóis e sombras.

Vou dizer coisas terríveis à gente que passa.
Dizer que não é mais possível comunicar-me.
(Em todos os lugares o mundo se comprime.
Não há mais espaço para sorrir ou bocejar
De tédio).
As casas estão cheias. As mulheres parindo
Sem cessar, os homens amando sem amar
Ah, triste amor desperdiçado
Desesperançado amor, serei eu só
A revelar o escuro da janelas, eu só
Advinhando a lágrima em pupilas azuis
Morrendo a cada instante, me perdendo?
Iniciei mil vezes o diálogo. Não há jeito.
Preparo-me e aceito-me
Carne e pensamento desfeitos. Intentemos,
Meu pai, o poema desigual e torturado.
E abracemo-nos depois em silêncio. Em segredo.

2

A Neli Dutra

Companheiros, é de lua
A noite que vem chegando.
Para engolir o meu pranto
Que eu não saiba de outras vidas
Nem dos que estão se matando.
Já tive tanta desdita
Que é preciso ir inventando

Caminhos novos, veleiros
(Além do mais navegando
Se conhece o marinheiro).
Verdade é o que tume dizes:
O amor, poeta,
É alegria.
Por isso é que estou tramando
Viagens, vínculos, dádivas
Por isso a noite é de lua
E o coração é de brasa.
Não quero saber de herdeiros
Partilhando o meu encanto.
Inúmeras as viuvezes
Para uma vida tão pouca
E de amor... Ai, tantas vezes
Minhas asas, exiladas

Incendiaram as estrelas.
E nos sentires, nos tatos
Em todos os meus adeuses
O amor se reinventava
A si mesmo, tanto, tanto.
(Mas afinal é de pranto
O amor que se diz contente?)

Companheiros, é de lua
A noite que vem chegando.
E uma lua nas alturas
Tem tal força, tais ardências...
Senão vejamos: Eu poeta
Nesta e noutras existências,
Cantando o do amor mais triste
(Onde se meteu a lua?)
Cantei-me. De amor contente.

3

Quero brincar meus amigos
De ver beleza nas coisas.
Beleza no desatino
No teu amor descuidado
Beleza tanta beleza
Na pobreza.
Quero brincar meus amigos

De ver beleza na moça
Que por amor não se dá.

Nem por nada. E se reserva
Ao homem que Deus dará.

Quero brincar meus amigos
De ver beleza na morte.
Mais que na morte, na vida.
Tão doce morrer em vida
Tão triste viver em vão.

Vamos brincar meus amigos
E de mãos dadas cantar
Minha feliz invenção:
Beleza tanta beleza
Em tudo que se não vê
Beleza.

4

É antes de tudo a terra
Que me traz o medo.
E a crisálida no corpo.
E a flor no túmulo.
É antes de tudo a terra
Quando me vês perdida
E em silêncio.
É antes de tudo a terra
Que confunde a amarga.

5

Tudo é triste. Triste em nós

Vivos ausentes, a cada dia esperando
O imutável presente. Tudo é triste.
Triste como eu, antiga de carícias
De olhos e lamentos, lenta no andar,
Lenta, irmã de algum canto de ave,
Do silêncio na nave, irmã.

6

Enterrei à noite minhas estrelas
Porque à noite as flores
Elaboram em silêncio
Suas cores.
Enterrei à noite minhas estrelas
Perdi graças e gigantes
Para não perdê-las.
Ah, mundo de terra e medo!

7

Somos crianças nesta noite escura.
Tudo mais não sabemos.
Largas raízes maduras
Apressam nosso passo,
E é de amor e aço
O teu longo abraço em toda minha cintura.
Somos crianças nesta noite escura.
Morno rumor de sombras

E de folhas
Desfaz a rosa que eu te prometia
Temos olhos e sonhos.
E eu não sou aquela que o teu sonho pedia.

8

Amado e senhor meu: Perguntei a mim mesma
O que te faz aos meus olhos desejado.
E aquele anjo que é o meu, dessassombrado,
Andrógino e ausente emudeceu.
Será a luz da tua casa o encantado
Ou tens encanto maior aos olhos meus?
E aquele anjo que é o meu, mudo e alado
Prudente como um anjo adormeceu.
Será a mulher, a que te tem guardado
Em vigia constante como a um deus,
Que faz com que eu te sinta o mais amado?
E sonâmbulo meu anjo respondeu:

- Ai de ti, a de sonhos exalados.

9

Tenho pedido a todos que descansem
De tudo o que cansa e mortifica:
O amor, a fome, o átomo, o câncer.
Tudo vem a tempo no seu tempo.

Tenho pedido às crianças mais sossego
Menos riso e muita compreensão para o brinquedo
O navio não é tream, o gato não é guizo.

Quero sentar-me e ler nesta noite calada.
A primeira vez que li Franz Kafka
Eu era uma menina. (A família chorava).
Quero sentar-me e ler mas o amigo me diz:
O mundo não comporta tanta gente infeliz.

Ah, como cansa querer ser marginal
Todos os dias.
Descansem anjos meus. Tudo vem tempo
No seu tempo. Também é bom ser simples.
É bom ter nada. Dormir sem desejar,
Não ser poeta. Ser mãe. Se não puder ser pai.
Tenho pedido a todos que descansem
De tudo o que cansa e mortifica.
Mas o homem não cansa.

Balada do Festival (1955)

a meu irmão
a Lygia e Goffredo

Não falemos.
E que as vontades primeiras
permaneçam
gigantescas e disformes
sem caminho nenhum
para o mundo dos homens.

I

Corpo de argila
meu triste corpo
não é verdade

se te disserem
miha elegia
ser mais vaidade
do que homenagem.

Por que o seria?
Me adivinhaste
quando a palavra
nada dizia

e o longo tempo
(quando se amava)
havia dias
em que choravas

e estremecias.

Falam de ti.
Da tua pouca
felicidade.

Mas o que importa
a infinidade
dos teus amantes

se toda vez
que te entregavas
extenuado

te perdias.
Ah, se a poesia
me permitisse
vôos mais altos

mesmo na morte
as confidências
que eu te faria...

Ainda me tens.
E bem por isso
destila em mim
teu peso enorme.
E no poema
que te dedico

meu triste corpo
ainda uma vez
chora comigo
chora comigo.

II

a Fernando Lemos

Já não sei mais o amor
e também não sei mais nada.
Amei os homens do dia
suaves e decentes esportistas.
Amei os homens da noite
poetas melancólicos, tomistas,
críticos de arte e os nada.

Agora quero um amigo.
E nesta noite sem fim
confiar-lhe o meu desejo
o meu gesto e a lua nova.

Os que estão perto de mim
não me vêem... Estende a tua mão.
Ficaremos sós e olhos abertos
para a imensidão do nada.

III

Haste pensativa e débil
da rosa que tenho na memória.
Te pareces comigo na efêmera vontade
de ser mais vida e menos morte.
Só nos falta o amor. Grande. Sem mácula.
O poema infinito para mim,
a eternidade para tua rosa.

IV

a Vinícius de Moraes

Na hora da minha morte
estarão ao meu lado mais homens
infinitamente mais homens que mulheres.
(Porque fui mais amante que amiga)
Sem dúvida dirão coisas que não fui.
Ou então com grande generosidade:
Não era mau poeta a pequena Hilda.

Terei rosas no corpo, nas mãos, nos pés.
Sei disso porque fiz um pedido piegas
à minha mãe: “Quero ter rosas comigo
na hora da minha morte.”

E haverá rosas.
São todos tão delicados
tão delicados...

Na hora da minha morte
estarão ao meu lado mais homens
infinitamente mais homens que mulheres.
E um deles dirá um poema sinistro
a jeito de balada em tom menor...

Tem tanto medo da terra
a moça que hoje se enterra.
Fez poema, fez soneto
muito mais meu do que dela.
Lá, lá, ri, lá, lá, lá, lá.

V

Maior que o meu sonho de viagem
é o amor que te tenho muito amado.
Maior que o meu canto
só o filho nascido da ternura
e este... existe em mim. Perplexo
e esplendoroso filho de amor.

VI

Nada mais tenho
na memória
rosa dos ventos
transitória
onde estarás
depois de todo
o meu tormento...

Hás de ficar
tão só, tão só
no pensamento
e depois dele
o que restar
sal e areia
esquecimento
há de voltar
para o teu sono
secular.

Rosa dos ventos
eu te imagino
viagem, navio.
Mas o que há
é o sofrimento
de ver o rio
o rio, o rio
(pobre de mim)
e nunca o mar...

VII

Inadvertida rosa.
Quis avisar-te
do roteiro sem fim
das urzes e da ventania.
(Já era tarde quando

pensei em procurar-te.
De nada adiantaria)

Deixaste a terra
que te alimentava
e o lírio. Te lembras?
Aquele que aos teus pés crescia.
Nada somos sem ti.
No entanto, espera.
Na tua volta
deixarão que eu fale
porque sou poeta. E te direi...

estrela inédita
na vastíssima escuridão
que se contorna. Surgiste.

VIII

BALADA PRÉ-NUPCIAL

Menina, nunca na vida
vi coisa igual a tua boca
nem nunca meus olhos viram
teu corpo e tua carne moça.
Deixa que eu sinta a beleza
de tuas coisas escondidas.

E o cravo desabrochado

se expandia, se expandia...

Deixa meu peito ondular-se
nas tuas pernas de repente
permitidas. E prometo...
prometo mares e mundos
e te imagino subindo
as escadas de uma igreja
nós dois as mãos enlaçadas
nossa culpa redimida.
Deixa menina que eu diga
aquela palavra louca
no teu ouvido... Não ouças!
mas deixa, porque no amor
as palavras se transformam
e têm um outro sentido.
Me abraça e morre comigo.

E as duas coisas se chocaram
na mesma doida investida...
Soluço que não se ouvia
(espaçado e comovido)
e o cravo que se expandia
foi se abrindo, foi se abrindo
em choro, promessa e dor,
florindo o filho do medo
muito mais medo que amor.

IX

Amado, não tão meu
mas tão amado e em noite
se transformando. Tua voz

rumor de coisas pressagas.

Amo-te tanto. Poeta
já não sou. Nem mesmo amante.
Na minha estrela sem luz

existe um medo maior
que o de perde-te. Te amar
presentido e renascendo

áspera rocha... fonte...

X

CANCÃOZINHA TRISTE

E fiz de tudo...
Fui autêntica, durante algum tempo.
Fui inquietude e fragilidade.
Brilhei em roda de amigos.
Pratiquei o esporte com violência
e uma vez (trágica melancolia!)
nadei com aparente desenvoltura
(peito arfante e dilacerado)

mil metros na butterfly...
Fui amante, amiga, irmã,
sorri quando ele me disse coisas amargas...

E nada o comove.
Nada o espanta.
E ele mente
e mente amor
como as crianças mentem.

XI

Tenho pena
das mulheres que riem com os braços
e choram de mentira para os homens.
E descobrem o seio antes do convite
e morrem no prazer... olhos fechados.

Tenho pena
do poeta feito para só ser pai... e ser poeta.
E daqueles que dormem sobre o papel
à espera do vocábulo
e dos que fazem filhos por acaso
e dos doidos e do cão que passa

e de mim... que espero a morte
na confusão e no medo.

XII

Serena face
distanciando
o meu desejo.
Tão longe estás
que já nem sei
o que te assombra
alga ou areia
mar ou lampejo

de desencanto.

A minha boca
emudeceu.
Se retornando
não a encontrares
pensa no amor
chama e soluço
que se perdeu.

Solto os cabelos
e fico à espera.

Mas sobre mim
como na morte
crescem as heras.

XIII

Amadíssimo, não fales.
A palavra dos homens desencanta.

Antes os teus olhos de prata
na noite espessa do teu rosto.
Antes o teu gesto de amor

espera e infinito e de murmúrio,
água escorrendo da fonte, espuma de mar.

Depois, descansarás em meu peito
as tuas mãos de sol. O vento de amanhã
sepultará em meu ventre
cálido como areia, fecundo como a mar,

a semente da vida.

Ouve: Só o pranto
grita agora em meus ouvidos.

XIV

BALADA DO FESTIVAL

Na verdade apareceu
vindo de terras distantes
um homem quase poeta
que me amou e que se deu

a mim e a outras também.
E dizia ao telefone
coisas tão ternas, tão tudo,
que só de ouvi-lo, e esperá-lo
muita mulher se perdeu.
Muita mulher... também eu.
Amei-o naquela pressa
de horas marcadas e hotéis...
dentro de mim a promessa
de amá-lo ainda que fosse
na velha China, nos mares,
dentro de algum avião.
E quando ele me chamava
eu toda vagotonia
ia e vinha e pressentia
o homem que me fugia
de passaporte na mão.

Agora estou tão cansada
perdi-me na confusão
de ser amante a amada.
Se ainda vou procurá-lo
em Paris ou em Viena
não me perguntem, amigos,
que eu faço um olhar tão triste
tão triste de fazer pena...
Na verdade apareceu
vindo de terras distantes
um homem asas e Orfeu.

XV

Haverá sempre o medo
e o escondido pranto
no meu canto de amor.

Dos homens e da morte
mais noite que auroras
em verso e pensamento
concebi. Nas crianças
amei os olhos e o riso
o clamor sem ouvido
o medo, o medo, o medo.

Se a fantasia
aproximar de mim
a tua presença,
fica. A teu lado,
serei amante sem desejo:
Pássaro sem asa.
Submerso leito.

XVI

Há uma paisagem sem cor dentro de mim.
Vejo-a tão perto e tão esplêndida...
súbita luz, nave dourada, espelho,

e transformando-se em névoa
intacta submerge.

Sem dúvida, meu amigo, a ilha
seria o nosso porto.
E depois dela viria o monólogo
e a certeza das coisas impossíveis.

XVII

a Luiz Hilst

O poema se desfaz. Bem sei.
E aos poucos morre.
Se o gênio do poeta conseguisse
a palavra com sabor de eternidade.
Dizer da amiga que se foi
e abria os olhos noturnos sem vontade.
Dizer do amante alguma coisa a mais
além da espera.
Dizer da mãe, ó amadíssima,
tudo o que a boca não diz
e que se perde.

Tão sós estão os homens e a palavra.
Por que não haverá um outro mundo
sem ruído nem boca,
mudo, esplendidamente mudo?

XVIII

BALADA DO CONDENADO À MORTE

Nossa Senhora das Trevas!
Nossa Senhora de Tudo!
Presos na minha garganta
a palavra e o soluço.
Mais um minuto, depois
a dor, o vazio, o escuro.
Tenho medo, minha mãe...
olhar de pedra dos homens
descontrole de meus braços
meu peito que esmaga e arde.
Nossa Senhora das Trevas!
- Ah, meu filho, agora é tarde...

- Um dia me leva, pai,
pra ver o mar e o navio?
Meu filho triste e pequeno,
tem pena de mim, perdoa
as coisas que nunca dei.
ah, minha mãe, sinto o gosto
de sangue a minha boca
e perto de mim a morte
é silêncio, desespero,
e se não fosse verdade...

Tenho medo, tenho medo...

Meu peito me esmaga e arde
Nossa Senhora das Trevas!
- Ah, meu filho, agora é tarde...
Nossa Senhora de Tudo!
Senhora dos Condenados!

XIX

Nada de novo tenho a dizer-vos.
E se tivesse também não vos diria.
Os versos são prodígios escondidos
da minha fantasia.
Hão de ficar assim. Solenes. Mudos.
E por que não?

Quem alguma vez os leu
com o mesmo amor
com que os escrevi

e na mesma solidão...

XX

Nós, poetas e amantes,
o que sabemos do amor?
temos o espanto na retina
diante da morte e da beleza.
Somos humanos e frágeis

mas antes de tudo, sós.

Somos inimigos.
Inimigos com muralhas
de sombra sobre os ombros.
E sonhamos. As vezes
damos as mãos àqueles
que estão chorando.
(os que nunca choraram por nós)

Ah, meus irmãos e irmãs...
Ai daqueles que nos amam
e que por amor de nós se perdem.
Ah, pudéssemos amar um homem
ou uma mulher ou uma coisa...
Mas diante de nós, o tempo
se consome, desaparece e não pára.

Ouvi: Que vossos olhos se inundem
de pranto e água de todo o mundo!
Somos humanos e frágeis
mas antes de tudo, sós.

Balada de Alzira (1951)

A meu pai

puros. E bem
seremos

Somos iguais à morte. Ignorados e
depois (o cansaço brotando nas asas)
pássaros à procura de um deus.

I

Eu cantarei os humildes
os de língua travada
e olhos cegos
aqueles a quem o amor feriu
sem derrubar.

Cantarei o gesto
dos que pedem e não alcançam
a resignação dos santos
o sorriso velado e inútil
dos homens conformados.

Eu cantarei os humildes
o homem sem amigos
o amante sem esperança
de retorno.

Cantarei o grito
de escuta universal
e de mistério nunca desvendado.
Serei o caminho
a boca aberta
os braços em cruz
a forma.

Para mim
virão os homens desconhecidos.

II

“De tudo ficou um pouco
Do meu medo. Do teu asco.”
Carlos Drummond de Andrade

O que ficou de mim
além de eu mesma
não o sei.
Nem o digas às crianças
porque no que ficou
a palavra de amor
está partida

imperceptível sombra
de flor no ramo frágil.
Nem o diga aos homens
Era o rio
e antes do rio havia areia.
Era praia
e depois da praia havia o mar.
Era amigo
ah! e se tivesse existido
quem sabe ficava eterno.

Nada ficou de mim
além de eu mesma.
Tênuê vontade de poesia
e mesmo isso

imperceptível sombra
de flor no ramo frágil.

III

Naquele momento
o riso acabou
e veio o espanto
e do meu choro
o desentendimento
e das mãos unidas
veio o temor dos dedos
e da vontade de vida
veio o medo.

Naquele momento
veio de ti o silêncio
e o pranto de todos os homens
brotou nos teus olhos translúcidos
e os meus se afastaram dos teus
e dos braços compridos
veio o curto adeus.

Naquele momento
o mundo parou
e das distâncias
vieram águas
e o barulho do mar.

E do amor
veio o grande sofrimento.

E nada restou
das infinitas coisas pressentidas
das promessas em chama.
Nada.

IV

Ah! Se ao menos em ti
eu não me dissolvesse.
E se ao menos contigo
ficar pouco de mim
lembrança de algum dia
ou meu nome guardar
um momento de sol...

Se ao menos existisse
em nós a eternidade.

V

Acreditariam
se eu dissesse aos homens
que nascemos

tristemente humanos

e morremos flor?

Acreditariam
que a presença é ausente
quando o olhar se perde
nas alturas?

Acreditariam
ser a nossa vida
vontade consciente
de não ser?

E ser luz e estrela
água, flor.

VI

a um amigo

Estás ausente.
Mas há no amor
como que eterna
sobrevivência.
É como a rosa
que não se corta
e nem se colhe
pela manhã.

Estás ausente.

Ams este amor
é bem aquele
feito de estrelas
que persistiram
até que o dia
se aproximasse.

Estás ausente.
Vivo e perene
nestes abismos
do pensamento.

VII

Restou um nome de bruma
no meu eterno cansaço.

Restou um tédio cinza
no meu todo silêncio.

Tanta tristeza no meu sono imenso...

VIII

à Gisela

I

O poema não vem.
E quando vem é falho,
impreciso.
Este canto sem nome
é um apelo
aos homens à escuta
e às mulheres.

Há tempos que sua ausência
ronda os caminhos do sono
envolve-se igual à rede
no mistério de minha vida.

Boiavam antes os peixes
à tona do pensamento.

Havia estrelas do mar
no fundo dos castiçais.

II

Manhã raiada ou soluço
perdido na madrugada,
transformado em folha, fruto,
brotando igual à palmeira
em terra sem tradição
mesmo assim,
tragam esta poesia
que é preciso falar

da amiga que se indo embora
demora até voltar.
E deste amor de pensá-la
sem revê-la
nascerá o meu canto
mais sentido
que o cantar dos amantes
satisfeitos.

III

Homens distantes do mundo
scumbidos pelo sonho,
dia virá em que as naus
estarão sem nenhum porto
e as velas sem direção.
Nem haverá uma estrela
buscando o brilho de outrora
e sem ela algum poeta
fazendo o último apelo:

- Procurem o poema virgem.
Manhã raiada ou soluço
perdido na madrugada...

IX

POEMA DO FIM

A morte surgiu

intocável e pura.
Depois, teu corpo se alongou
inteiro sobre as águas.
Dos teus dedos compridos
estouraram flores
e ficaram árvores
ao sol.

Escorreguei meus braços
no teu peito sem queixa
e cobri meu corpo
com teu corpo de espuma.

.....

Ainda ontem
os homens colheram rosas
que nasceram de nós.

X

Brilhou um medo incontido
na tua face de luz.
E teu amor resguardou-se
e silenciou.

Quis esconder os meus dedos
nos teus cabelos de mágoa
mas a tua mágoa era grande

para fugir no meu gesto.

Agora o amor é inútil
e inútil o meu consolo.
Estamos sós.

Entre o teu amor
e o meu afago,
aquele triste mundo de certezas.

XI

Amado, quando morreres
mil estrelas cor de sangue
virão cobrir-te o peito.
Uma delas ficará
perdida por entre os dedos.
À outra tu contarás
o livro que não fizeste
reza que não aprendeste
e vontade que tiveste
de ver amigo chorando
chorando por causa tua.

E todos hão de notar
água clara nos teus olhos
e sombra nos teus cabelos
e pena que vai crescer

no teu coração de luto.

Pena desses que ficaram
consumidos na incerteza
ou pena daquela amante
que nunca soube dizer
o que sonhamos ouvir.

Os homens hão de chorar
no teu momento de morte.
Porque dirás às estrelas
todas as coisas caladas
que só a mim revelaste.

XII

O teu gesto de alegria
nunca será para mim.

O teu conflito noturno
este sim
pousará na minha face.

Existe sempre o mar
sepultando pássaros
renovando soluços
rompendo gestos.
Existe sempre uma partida

começando em ti
tomando forma
e sumindo contigo.

Existe sempre um amigo perdido
um encontro desfeito
e ameaços de pranto na retina.

Existe um canto de glória
iniciado nunca
mas guardado no meu peito
dissolvendo a memória.

E além da canção incontida
do teu amor ausente
além da irrevelada amargura
desta espera
existe sempre a terra
desfazendo
as vontades primeiras de Existir.

XIV

Há no meu mundo
gesto de luto
que me adivinha
muro de pedra
se intercalando
no meu caminho

como uma sombra
de amargura
tomando forma
quase serena
e inconsolável
de criatura.

Há o desconsolo
permanecendo
nos meus prelúdios
de alegria.
Só tenho a ti
mas tão distante
que não me ouves.
Chamo e pergunto
se não me queres
mas o teu grito
de assentimento
chega cansado
ao meu ouvido
e assim cansado
desaparece
como um lamento.

Meu muito amado
bem o quisera
que esta vontade
que se avolumenta
no pensamento
se fosse embora.

Bem o quisera.

XV

a Carlos Drummond de Andrade

A rosa do amor
perdi-as nas águas.

Manchei meus dedos de luta
naquela haste de espinho.
E no entanto a perdi.
Os tristes me perguntaram
se ela foi vida p'ra mim.
Os doidos nada disseram
pois sabiam que até hoje
os homens
dela jamais se apossaram.

Ficou um resto de queixa
na minha boca oprimida.
Ficou gemido de morte
na mão que a deixou cair.

A rosa do amor
perdi-as nas águas.
Depois me perdi
no coração de amigos.

XVI

“O que vemos das coisas são as coisas.”
Fernando Pessoa

As coisas não existem.
O que existe é a idéia
melancólica e suave

que fazemos das coisas.

A mesa de escrever é feita de amor
e de submissão.
No entanto
ninguém a vê
como eu a vejo.
Para os homens
é feita de madeira
e coberta de tinta.
Para mim também
mas a madeira
somente lhe protege o interior
e o interior é humano.

OS livros são criaturas.
Cada página um ano de vida,
cada leitura um pouco de alegria

e esta alegria
é igual ao consolo dos homens
quando permanecemos inquietos
em resposta às suas inquietudes.

As coisas não existem.
A idéia, sim.

A idéia é infinita
igual ao sonho das crianças.

XVII

BALADA DE ALZIRA

O homem que não foi meu
um dia será de Alzira.
E passará os seus dedos
sobre suas pernas de virgem
e contará o segredo
daquele olhar de menina.
Amado, bem o sabia
que os meus delírios noturnos
nunca te resguardariam
do sabor dos frutos novos.
Os homens querem Alzira
e os escondidos dos mares
e as conchas que não se lançam
às vontades das marés.

Há muito que pressentia
teu gesto de retirada
(como a noite espera o dia
mergulhada em silêncio)
Alzira, menina pura
teu corpo feito de lírios
assustava aquele meu
maduro e já sem vontade
de lutas e de emboscadas.

.....

O homem que não foi meu
(porque me deu estertores
que à outra seriam dados)
em tardes de fevereiro
Alzira levou pr'a longe.

.....

Aquela menina pura
ficou pétala fendida
flor com mil olhos de água
espantados e noturnos.

Alzira soluço brando
e face tão misteriosa
que pena tenho guardada
por te saber corrompida.

Presságio (1950)

Poemas Primeiros

À minha mãe

Voltando (porque tua volta sinto-a num
presságio) acenderei luzes na minha porta e
falaremos só o necessário.

Terás pão e vinho sobre a mesa.

Virás acabrunhado (quem sabe) como o
filho que retorna.

Nesse dia, a lamparina de teu quarto
deixarás que fique acesa a noite inteira.

O amor sobrevive.

E seremos talvez amor e morte ao mesmo
tempo.

I

Stela, me perguntaram
se permaneces no tempo.
Se teu rosto de coral
e teus cabelos de pedra
ficarão indefinidos
no espaço, pedindo soll.

Ainda ontem te vi.
Olhar quase estagnado.
Descias azuis escadas
com aquele teu chale verde.
Aquele chale de Stela
parecia feito d'água:
verde aguado, verde aguado.

Debaixo dos teus dois braços
trazias rosas molhadas.

Aquelas rosas de Stela
e Stela me perguntando
se a morte é cousa que passa.

Stela, que desconsolo.
Não sabes onde termina
a aurora de tua presença.

No tempo, se é que existes,
só ficarás peregrina.

Como pesa: Stela e eu.

II

Me mataria em março
se te assemelhasses
às cousas perecíveis.
Mas não. Foste quase exato:
doçura, mansidão, amor, amigo.

Me mataria em março
se não fosse a saudade de ti
e a incerteza de descanso.
Se só eu sobrevivesse quase nula,
inerte como o silêncio:
o verdadeiro silêncio de catedral vazia,
sem santo, sem altar. Só eu mesma.

E se não fosse verão,
e se não fosse o medo da sombra,
e o medo da campa na escuridão,
o medo de que por sobre mim
surgissem plantas e enterrassem
suas raízes nos meus dedos.

Me mataria em março
se o medo fosse amor.

Se março, junho.

III

Gostaria de encontrar-te.

Falar das cousas
que já estão perdidas.

Tuas mãos trementes
se desmanchariam
na sonoridade
dos meus ditos.

Faria de teus olhos
luz,
de toda boca
um eco.

Nos teus ouvidos
eu falaria de amigos.

Quem sabe se amarias escutar-me.

IV

Brotaram flores
nos meus pés.

E o cotidiano
na minha vida
complicou-se.

Diferença triste
aborrecendo o andar
de minhas horas.
Rosa Maria
tem flores na cabeça.
Maria Rosa as leva no vestido.
E esse nascer de flores
nos meus pés,
atrai olhares de espanto.

Ainda ontem
me vieram dizer
se eu as vendia.
Meus pés iriam
com flores andar
sobre o teu silêncio.
Tua vida
no meu caminho,
na caminhada grotesca
daqueles meus pés floridos.

De tanto serem zombadas
morreram adolescentes.
Pobres pés, pobres flores.
Murcharam ontem,
hoje secaram.

E o cotidiano
na minha vida
complicou-se.

V

Amargura no dia
amargura nas horas,
amargura no céu
depois da chuva,
amargura nas tuas mãos

amargura em todos os teus gestos.

Só não existe amargura
onde não existe o ser.

Estão sendo atropelados
em seus caminhos,
os que nada mais têm a encontrar.
Os que sentiram amargura de fel
escorrendo da boca,
os que tiveram os lábios
macerados de amor.
Estão terrivelmente sozinhos
os doidos, os tristes, os poetas.

Só não morro de amargura

porque nem mais morrer eu sei.

VI

Água esparramada em cristal,
buraco de concha,
segredarei em teus ouvidos
os meus tromentos.
Apareceu qualquer coisa
em minha vida toda cinza,
embaçada, como água
esparramada em cristal.
Ritmo colorido
dos meus dias de espera,
duas, três, quatro horas,
e os teus ouvidos
eram buracos de concha,
retorcidos
no desespero de não querer ouvir.

Me fizeram de pedra
quando eu queria
ser feita de amor.

VII

Maria anda como eu:
Impossibilitada de fazer

tudo o que quer.

Tem mãos amarradas,
ar de doente, olhar de demente,
cansada.

Maria vai acabar como eu:
covarde nas decisões,
amante das cousas indefinidas
e querendo compreender suicidas.

Maria vai acabar assim sem rumo,
andando por aí,
fazendo versos
e tendo acessos
nostálgicos.

Maria vai acabar
bem tristemente.
De qualquer jeito,
lendo jornais,
tendo marido
indefinido.

(Não sei porque Maria
quer compreender
muito, demais,
a vida do suicida.
E Maria vai acabar
se fartando de vida.)

A vida, coitada,
é camarada, gosta de Maria,
quer fazer Maria viver mais,
porque Maria é desgraçada.
Quer deixá-la para o fim,
assim à mostra,
e eu francamente não entendo
porque Maria não gosta
da vida.

VIII

Canção do mundo
perdida na tua boca.

Canção das mãos
que ficaram na minha cabeça.

Eram tuas e pareciam asas.

Pareciam asas
que há muito quissem repousar.

Canção indefinida
feita na solidão
de todos os solitários.

Os homens de bem

me perguntaram
o que foi feito da vida.

Ela está parada.
Angustiadamente parada.

O que foi feito
da ternura dos que amaram...

Ficou na miha cabeça,
nas tuas mãos que pareciam asas.
Que pareciam asas.

IX

Colapso hibernal
das cousas ausentes.
Desfila diante de mim
o teu olhar parado.
NA minha frente
há figuras de mortos
tecendo roupas brancas,
e na tua vida
há qualquer cousa de triste
que não foi contado.

Coragem de viver os dias
sem falar de loucos
quando há qualquer louco

no infinito,
pedindo uma lembrança
e contei os seus dias de vida
nos meus sonhos.

Existe um deus qualquer
nas minhas entranhas.

Pobre loucura
atrofiando o amor da amada.
Teu pobre olhar
atrofiou minha vida inteira.

X

Olhamos eternamente
para as estrelas
como mendigos
que eternamente
olham para as mãos.

E imaginamos
cousas absurdas
de realização.
Cousas que não existem
e cujo valor
é o de consistirem
parte da ilusão.

E olhamos eternamente
para as estrelas
porque parecem diferentes.
E quando agrupadas
eu as revejo individualizadas.
Estrelas... só.
Quem sabe se daquela imensidão
elas sofrem o mal dissolvente,
passivo,
mas dissolvente ainda: solidão.

Brilham para o mundo.
No entanto estão sozinhas
na lúgubre fantasia de pontas.

Nunca, meditem,
nunca as encontraremos
pois elas olham
igualmente para nós
e nos desejam
porque estão só.

XI

Quando terra e flores
eu sentir sobre o meu corpo,
gostaria de ter ao meu lado tuas mãos.
e depois, guardar meus olhos dentro delas.

XII

Dia doze... e eu não suportarei
o estado normal das cousas.
O ano que vem, não vou desejar
felicidades a ninguém.

Nem bom natal, nem boas entradas.

Meus amigos sabem de tudo o que eu sei.
E continuam a viver sem interrupção,
apressadamente como no ato do amor.
São doidos e não percebem que amanhã
Cristina não virá.
Que amanhã Cristina vai morrer
porque ama a vida.

Amanhã serei corajosamente Cristina.
Eu, amando todos os que sofrem.
Eu... essência.

Mas os meus amigos, coitados,
não percebem.
Fazem filhos nascer, fazem tragédia.
Não sabem que o amor não é amor
e a natureza é um mito.

Não sabem de nada os meus amigos.
E não vou explicar

porque podem ficar sentidos.
São puros, vão morrer como anjos.
Vão morrer sem nada saber
daqueles dias perdidos.

Vão morrer sem saber que estão morrendo.

XIII

Me falaram de um deus.
Eu chorava na quietude
dos dias sós.

A irmã morta sorria
o riso pálido dos santos.

Me falaram de um deus.
Deus em branco.
Deus que faz de flores, pedras.
E de pedras, compreensão.

Deus amargurado.
Chora e geme
na quietude dos dias sós.

Consolo.

XIV

Fui monja
vestida de negro
em labirinto azul.

Antes do Ser
havia um homem
consciente
destruindo
o lirismo
descuidado
das madrugadas.

Estava presente
nas conversas dos bares
- solitárias histórias.
Estava presente
na fusão dos homens medíocres
e dos homens sem cor.

Em azul e negro
eu vi o esboço
de um caso triste,
aquele doido
procurando as mãos.
As mãos que deixara
sobre alguma mesa
de mármore azulado
em algum labirinto azul.

Andei tanto por corredores vazios
que nas minhas chagas
não existem pés.
Inconsciente monja vestida de negro,
teus cabelos eram feitos de conchas,
teu véu de redes do mar.
Entre os dedos tinhas contas coloridas.
Mas, havia um homem
consciente
destruindo o lirismo
das tua madrugadas.

Morreu o mundo das monjas.
Morreu o mundo das mãos.
Sou doída desfigurada
procurando mãos
mergulhadas em azul.

Sou quase morta
no descanso estéril
da cor negra.

XV

À Gisa

Amiga, muito amiga.

Tristemente pensei nesses teus olhos tão tristes.
Os homens não mais te compreendem.
A vida, tu mesma compreendeste muito.
O teu grande desejo de cousas novas
desapareceu no rol das cousas velhas.
O teu amor por ele transformou-se
em amor maior: amor por tudo o que se extingue.
Nunca foste tão verdadeira
como nestes últimos dias de corajosa submissão.
Se a morte amedronta,
acaba placidamente, sem dizer adeus
aos teus amigos, acaba sem preparação para o final,
acaba sem melancolia, acaba sem dó.

E depois... acaba assim: na convicção
de que se não findasses por resolução,
a vida faria de ti, ó doce amiga,
refúgio dos que não mais se entusiasmam,
apoio dos homens solitários.

Hoje e só hoje, pensa com alegria no amor,
pensa que as árvores estão todas em flor: azuis,
amarelas, vermelhas. Pensa que vais acabar
no desespero de um dia de sol...
Pensa naqueles que não são e nunca hão de ser
o que és agora.

Acaba depois sem um soluço, sem tragédia,
sem dizer adeus aos teus amigos,
acaba... só.

XVI

Tenho preguiça
pelos filhos que vão nascer.

Teremos que explicar
tanta coisa a tantos deles.
Um dia hão de me perguntar
tudo o que perguntei:
Mãe, porque não posso
ver Augusto quando quero?
Mãe, andei lendo muito esses dias
e estou quase chegando
a encontrar o que queria.

Inutilidade das palavras.

Tenho preguiça,
tanta preguiça
pelos filhos que vão nascer.
Dez, vinte, trinta anos
e estarão procurando alguma coisa.
Nunca se lembrarão
daqueles que já morreram
e procuram tanto.
Vão custar (ó deuses)
a entender aqueles
que se mataram.

Os filhos que vão nascer,
coitados!
Hão de pensar que são eles
os destinados.
Hão de pensar que você
nunca passou o que eles estão passando.

Os filhos que vão nascer...

Insatisfeitos.
Incompreendidos.

XVII

Todos irão sempre contra ti
porque tens pureza.

Porque o agitado de tuas mãos
é quase nostálgico.

Porque teus olhos
ficarão abertos
para quem os viu
uma única vez.

Todos irão sempre contra ti
porque hás de querer

um mundo novo e diferente.
Porque és estranho
e diferente para o nosso mundo.

És quase um louco
porque não dás atenção
à toda gente.

Dirão que és poeta.
Porque a poesia aparece nos teus gestos
como aparece fé na oração de um crente.
Amaste quase todas as mulheres.
Mas o amor agora é tão difícil.

Não existes para mim.
Mas agitado, febril,
quase doente, és vivo...

Vivo demais para viver conosco.

XVIII

Ah, ternura dos dias
que prometiam alguma cousa.
Ah, noites que esperavam vida.

Disseste que o mundo
dificulta o caminho dos bons
e que pesa tanto nos teus ombros

o estandarte do amor.

Tua vida consumiu-se
num sonho adolescente.
Teus olhos há muito
não dizem nada
e simulam mistério
quando sorris.

Sabes alguma coisa
além dos homens.

Soubesses ao menos
a eterna escuridão
dos que procuram luz.

XIX

As mães não querem mais filhos poetas.

A esterilidade dos poemas.
A vida velha que vivemos.
Os homens que nos esperam sem versos.
O amor que não chega.
As horas que não dormimos.
A ilusão que não temos.

As mães não querem mais filhos poetas.

Deram o grito
desesperado
das mães do mundo.

XX

Antes soubesse eu
o que fazer com estrelas na mão.
Se dilacerar-lhes a ponta
ou simplesmente não tocá-las.
Se estão perto cegam meus olhos.
Se estão longe as desejo.

Antes soubesse eu
o que fazer com estrelas na mão.

XXI

Estou viva.
Mas a morte é música.
A vida, dissonância.
Minha alegria é como
fim de outono porque
tive nas mãos ainda flores
mas flores estriadas de sangue.

Há cristais coloridos
nos teus olhos.

Vida viva nos teus dedos.

Estou morta.
Mas a morte é amor.

Não fiz o crime dos filhos
mas sonhei bonecos quebrados
sonhei bonecos chorando.

Alguns dias mais
e serei música.
Serás ao meu lado
a nota dissonante.

BIBLIOGRAFIA DE HILDA HILST

A) POESIA

- 1) **Presságio** (ilustr. de Darci Penteado). São Paulo, Revista dos Tribunais, 1950.
- 2) **Balada de Alzira** (ilustr. de Clóvis Graciano). São Paulo, Edições Alarico, 1951.
- 3) **Balada do festival**. Rio de Janeiro, Jornal de Letras, 1955.
- 4) **Roteiro do silêncio**. Rio de Janeiro, Anhambi, 1959.
- 5) **Trovas de muito amor para um amado senhor**. São Paulo, Anhambi, 1959.
- 6) **Ode fragmentária**. São Paulo, Anhambi, 1961.
- 7) **Sete cantos do poeta para o anjo** (ilustr. de Wesley Duke Lee). São Paulo, Massao Ohno, 1962.
- 8) **Poesia (1959/1967)**. São Paulo, Editora Sal, 1967.
- 9) **Júbilo memória noviciado da paixão** (capa e diagramação de Anésia Pacheco Chaves). São Paulo, Massao Ohno, 1974.
- 10) **Da morte. Odes mínimas**. São Paulo, Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1980.
- 11) **Poesia (1959/1979)**. São Paulo, Ed. Quíron/INL, 1980.
- 12) **Poemas malditos gozosos e devotos**. São Paulo, Massao Ohno, 1984.
- 13) **Cantares de perda e predileção** (capa de Olga Bilenky). Massao Ohno/M. Lydia Pires e Albuquerque, 1983.
- 14) **Sobre a tua grande face**. São Paulo, Massao Ohno, 1986.
- 15) **Alcoólicas**. São Paulo, Maison des vins, 1990.
- 16) **Amavisse**. São Paulo, Massao Ohno, 1989.
- 17) **Do desejo**. Campinas, Pontes, 1992. (inéditos “Do desejo” e “Da noite” e republicação de *Amavisse*, *Sobre tua grande face* e *Alcoólicas*)
- 18) **Bufólicas** (desenhos de Jaguar). São Paulo, Massao Ohno, 1992.
- 19) **Cantares do Sem-Nome e de partidas**. São Paulo, Massao Ohno, 1995.

B) FICÇÃO

- 20) **Fluxofloema**. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 21) **Qadós** (capa de Maria Bonomi) São Paulo, Edart, 1973.
- 22) **Ficções** (capa de Mora Fuentes). São Paulo, Quíron, 1977.
- 23) **Tu não te moves de tí**. São Paulo, Cultura, 1980.
- 24) **A obscena senhora D** (capa de Mora Fuentes). São Paulo, Massao Ohno, 1982.
- 25) **Com os meus olhos de cão e outras novelas**. São Paulo, Brasilense, 1986.
- 26) **Rútilo Nada** (capa de Mora Fuentes e Olga Bilenky). Campinas, Pontes, 1993.
- 27) **Estar sendo. ter sido**. São Paulo, Ed. Nanquim, 1997. (A SAIR)

TRILOGIA ERÓTICA

- 28) **Caderno rosa de Lori Lamby** (capa e ilustr. de Millôr Fernandes). São Paulo, Massao Ohno, 1990.
- 29) **Contos d'escárnio** (capa de Pinky Wainer). Textos grotescos. São Paulo, Siciliano, 1990.
- 30) **Cartas de um sedutor** (capa de Pinky Wainer). São Paulo, Paulicéia, 1991.

BIBLIOGRAFIA SOBRE HILDA HILST

- 29) ARAÚJO, Celso. "Lírica cavada na mais pessoal solidão". **Jornal de Brasília**, 27/6/92.
- 30) ARAÚJO, Celso & FRANCISCO, Severino. "Nossa mais sublime galáxia". **Jornal de Brasília**, 23/4/89.
- 31) ARÊAS, Vilma & WALDMAN, Berta. "Hilda Hilst - o excesso em dois registros". **Jornal do Brasil**, 3/10/89.
- 32) BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. "O fruto proibido". **Folha da Manhã**, 2/9/52.
- 33) CICCACIO, Ana Maria. "Hilda Hilst, porque a palavra é fé". **O Estado de São Paulo**, 27/5/84.
- 34) COELHO, Nelly Novaes. "A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst" e "A metamorfose de nossa época e Fluxofloema e Qados: a busca e a espera". In: **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo, Siciliano, 1993.
- 35) _____. "O livro da semana". **O Estado de São Paulo**, 22/2/81.
- 36) _____. "A poesia de Hilda Hilst e os avessos do sagrado". **Diário do Grande ABC**, 1/3/87.
- 37) _____. "A agonia dialética de **A obscena senhora D'**". **O Estado de São Paulo**, 20/3/83.
- 38) _____. "Hilda Hilst entre o sagrado e o efêmero". **O Estado de São Paulo**, 15/7/84.
- 39) _____. "**Qados** - A busca e a espera". **O Estado de São Paulo**, 24/3/74.
- 40) COELHO, Nelson. "Nota sobre a temática de Balada do Festival". **Correio Paulistano**, 12/11/55.
- 41) D'AMBROSIO, Oscar. "Guimarães Rosa encontra seu duplo: Hilda Hilst". **O Estado de São Paulo**, 2/1/87.

- 42) DIAS, Lucy. "A obscena senhora Hilda Hilst". *Marie Claire* (3). São Paulo, Ed. Globo, junho 1991.(ENTREVISTA)
- 43) FARIA, Álvaro Alves de. "Poesia iluminada de Hilda Hilst". *Jornal da Tarde*, 29/11/86.
- 44) FOSTER, David William. "Hilda Hilst. 'Rútilo Nada', *A obscena senhora D*, *Qadós*". In: LYON, Ted (ed.). *Chasqui (rev. de literatura latinoamericana)*. Texas, nov. 1994, vol. XXIII, nº 2, pp. 168-170.
- 45) GIACOMELLI, Eloah F. "Hilda Hilst em jornada interior do país da mente". *O Estado de São Paulo*, 30/10/77.
- 46) _____. "the brasilian woman as writer". *Branching Out*, Canadá, março/abril de 1975, vol II, nº 22.
- 47) GIACOMO, Arnaldo Magalhães de. "Poesia quase reflexiva". *Gazeta do Rio Pardo*, sem data. (sobre *Presságio*)
- 48) GONÇALVES, Delmiro. "O sofrido caminho da criação artística segundo Hilda Hilst". *O Estado de S. Paulo*, 3/8/73.
- 49) GRAIEB, Carlos. "Hilda Hilst expõe roteiro do amor sonhado". *O Estado de São Paulo*, 14/8/95.
- 50) JUNQUEIRA, Ivan. "Sete faces da embriaguês". *Jornal do Brasil*, 27/6/92.
- 51) _____. "Hilda Hilst: as trevas luminosas da poesia". *O Estado de São Paulo*, 14/12/86.
- 52) LINDON, Mathieu. "Hilda Hilst, la mère des sarcasmes". *Libération*, Paris, 17/11/94.
- 53) LINHARES, Temistocles. "Poesia brasileira". *O Estado de S. Paulo*, 30/4/60.
- 54) MAGALDI, Sábado. "A peça é original, mas irrita em vez de emocionar". *Jornal da Tarde*, 4/5/73. (Sobre *O verdugo*, texto ganhador do Prêmio Anchieta de 69)
- 55) MARIA, Cleusa. "A verdade extrema de Hilda". *Jornal do Brasil*, 17/9/82.
- 56) MASSI, Augusto. "Singular senhora". *Leia Livros*, out. 1983.
- 57) _____. "Hilda Hilst, 'tecelã de um texto total' ". *Correio Popular*, Campinas, 5/6/84.
- 58) MORAES, Eliane Robert. "A obscena senhora Hilst". *Jornal do Brasil*, 12/5/90.
- 59) PEDRA, Nello. "Hilda, estrela aldebarã". *Shopping News*, São Paulo, 10/1/78.
- 60) PRADO, Ivanira. "A poesia está morta?". *Diário de Rio Claro*, 5/7/92.
- 61) PY, Fernando. "A grande incógnita". *Jornal do Brasil*, 28/3/81.
- 62) RIDAUDEL, Michel. "Contes sarcastiques (fragments érotiques)". *Infos Brésil* (96), octobre 1984.
- 63) RIBEIRO, Leo Gilson. "Hibernar no verão? Dormir, morrer, sonhar com Hamlet? Não.Uma escritora vence a preguiça do verão, das editoras. Pouco valorizada, com a obra mais audaz realizada no país, depois de Guimarães Rosa.". *O Estado de São Paulo*, 24/1/76.

- 64) _____. "No meio da turbulência, a literatura em hibernação". **Jornal da Tarde**, 3/1/81.
- 65) _____. "Hilda Hilst". **O Estado de São Paulo**, 15/3/80. (ENTREVISTA)
- 66) _____. "A morte, saudada em versos iluminados. Por Hilda Hilst". **O Estado de São Paulo**, 18/10/80.
- 67) _____. "Luminosa despedida". **Jornal da Tarde**, 4/3/89.
- 68) _____. "A esperança de chegar um dia a ter esperança. Hilda Hilst - Esta é a literatura que eu escrevo". **O Estado de São Paulo**, sem data.
- 69) _____. "Hilda, encantamento místico inigualável". **Jornal da tarde**, 16/6/84.
- 70) _____. "Punhal destemido". **Leia**, jan. de 87.
- 71) _____. "Hilda Hilst". **Revista Goodyear**, São Paulo, 1989, p. 46-51. (ENTREVISTA)
- 72) _____. "O vermelho da vida". **Veja**, 24/4/74.
- 73) _____. "Tu não te moves de ti, uma narrativa tripla de Hilda Hilst". **O Estado de São Paulo**, 16/3/80.
- 74) _____. "Os versos de Hilda Hilst integrando a nossa realidade". **Jornal da Tarde**, 14/2/81.
- 75) _____. "Mais uma obra de Hilda Hilst. Com todos os superlativos". **Jornal da Tarde**, 20/11/82.
- 76) RUSCHELL, Rita "Obscena sim. Mas uma escritora elegante". **Revista Semanário (167)**. São Paulo, 23/9/91.
- 77) SANTOS, Roberto Corrêa dos. "Sobre a ferocidade das fêmeas". **Jornal do Brasil**, 12/3/94.
- 78) SCALZO, Nilo. "Hilda Hilst lança hoje novo livro de poemas". **O Estado de São Paulo**, 23/4/74.
- 79) _____. "Fluxofloema inova a técnica da narrativa". **O Estado de São Paulo**, 1970.
- 80) SEFRIN, André do Carmo. "A sublime Hilda Hilst". **Leitura**. sem data.
- 81) SILVEIRA, Homero. "Roteiro de poesia". **Diário de São Paulo**, 1956.
- 82) _____. "Roteiro de poesia". **Diário de São Paulo**, 1956.
- 83) SHULER, Donald. "Hilda Hilst, vida/morte, mulher/homem". **O Estado de São Paulo**, 12/08/82.
- 84) SUSSEKIND, Flora. "Corpo e palavra". **Jornal do Brasil**, 4/6/77.
- 85) TAIAR, Cida. "A 'difícil' Hilda Hilst lança o seu 15º livro". **Folha de São Paulo**, 23/11/82.
- 86) TEIXEIRA, Maria de Lourdes. "Balada do festival". **Jornal de Letras**. 29/9/55.
- 87) VASCONCELOS, Ana Lúcia. "Hilda Hilst: a poesia arrumada no caos". **Folha de São Paulo**, 19/9/77.

- 88) ZANOTTO, Ilka Marinho. "Relato poético que ilumina a face eterna do espírito".
O Estado de São Paulo, 17/12/80.
- 89) KASSAB, Álvaro Luís. "A poesia é a hora dos trombones". **Diário do Povo**, 18/2/90.
- 90) sem autor. "Hilda explica Fluxofloema". **Folha de São Paulo**, 8/12/70.
- 91) _____. "Hilda Hilst lança Fluxofloema". **Folha de São Paulo**, 9/12/70.